THAINÁ BUONO PAULINO DOS SANTOS

Mulheres: prostituição e cuidados

São Paulo

2018

THAINÁ BUONO PAULINO DOS SANTOS

Mulheres: prostituição e cuidados

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, pelo Programa Mestrado Profissional Interunidades em Formação Interdisciplinar em Saúde para obter o título de Mestre em Ciências da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Botazzo.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo-na-Publicação
Serviço de Documentação Odontológica
Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo

Santos, Thainá Buono Paulino dos.

Mulheres: prostituição e cuidados / Thainá Buono Paulino dos Santos
; orientador Carlos Botazzo. -- São Paulo, 2018.

122 p. : fig. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Programa de Mestrado
Profissional Interunidades em Formação Interdisciplinar em Saúde --
Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo.

Versão corrigida

1. Assistência à Saúde. 2. Mulheres. 3. Prostituição. 4. Saúde
sexual. I. Botazzo, Carlos. II. Título.

Santos TBP dos. Mulheres: prostituição e cuidados. Dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, programa Interunidades, para obter o título de Mestre em Ciências da Saúde.

Aprovado em: 20/03/2018.

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). Carlos Botazzo.

Instituição: FSP- Universidade de São Paulo. Julgamento: aprovada.

Prof(a). Dr(a). Luciane Maria Pezzato.

Instituição: Universidade Federal de São Paulo. Julgamento: aprovada.

Prof(a). Dr(a). Helena Akemi Wada Watanabe.

Instituição: FSP- Universidade de São Paulo. Julgamento: aprovada.

Prof(a). Dr(a). Allan Saffiotti.

Instituição: IP- Universidade de São Paulo. Julgamento: aprovada.

**Aos meus pais, Denise e Josemar,
por sempre estarem do meu lado e
por me ajudarem durante essa
nossa jornada na terra!!! Amo
você!! Obrigada por tudo!!!**

**Também aos meus avós, minhas
fofuras que me enchem de alegria!!!
E a minha avó Maura (In Memoriam)
que com certeza me ajuda e me
protege de onde quer que ela
esteja!! Além de ser um exemplo de
mulher.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Professor Carlos Botazzo, pela paciência e confiança em mim.

Agradeço à equipe do Centro de Referência e Treinamento em DST/aids da cidade de Santos/SP.

“(...) estava na hora de se vestir: olhou-se ao espelho e só era bonita pelo fato de ser mulher: seu corpo fino e forte, um dos motivos imaginários que faziam com que Ulisses a quisesse; escolheu um vestido de fazenda pesada, apesar do calor, quase sem modelo, o modelo seria seu próprio corpo mas enfeitar-se era um ritual que a tornava grave: a fazenda já não era um mero tecido, transformava-se em matéria de coisa e era esse estofa que com o seu corpo ela dava corpo — como podia um simples pano ganhar tanto movimento? seus cabelos de manhã lavados e secos ao sol do pequeno terraço estavam de seda castanha mais antiga — bonita? Não, mulher (...)”.

Clarice Lispector

RESUMO

Santos TBP. Mulheres: prostituição e cuidados [dissertação mestrado profissional]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia;2018. Versão Corrigida.

O presente estudo teve como tema a saúde sexual da mulher. O objetivo desse estudo foi saber o que é e como se dá o cuidado para mulheres que são prostitutas. Quis lidar com esta população, considerando que assim como outras mulheres de outras profissões, estas estão suscetíveis a qualquer infecção sexualmente transmissível. Além disso, quis saber se há diferença no tratamento dado a elas em suas consultas ginecológicas, se elas recebem mais orientações quanto aos métodos preventivos de ISTs do que outras mulheres que não são prostitutas. Para tanto realizou-se pesquisa qualitativa com a utilização de entrevistas face a face, com o emprego de um roteiro semiestruturado junto a prostitutas do baixo meretrício na região central da cidade de Santos/SP. As entrevistas foram gravadas, transcritas e os depoimentos de acordo com a análise temática. Foram entrevistadas 11 mulheres com 19 a 59 anos de idade. O cuidado para essas mulheres de forma geral diz respeito ao uso do preservativo masculino com seus clientes, à realização de exames, higiene corporal, ao falar de suas profissões aos profissionais de saúde e também de suas identidades de gênero. Foi observado que as mulheres abordadas nessa pesquisa não receberam orientações específicas referentes a medidas preventivas em saúde, a maioria disse não ter recebido nenhuma informação de seus pais, escola ou serviços de saúde quanto à prevenção de gravidez e ISTs antes da primeira relação sexual. É importante ressaltar que a primeira relação sexual de três das onze entrevistadas foi fruto de estupro na infância, o que contribuiu com a falta de cuidado para com elas mesmas, desde sua infâncias. A grande maioria delas não utiliza o preservativo feminino. No entanto, foi observado que o cuidado para elas, não inclui somente o cuidado com o corpo, com o biológico. Elas em suas falas citam o cuidado com os filhos, com os pais e até presenciei uma situação de cuidado voltada a mim por uma das participantes. Além disto, também identifiquei o meu cuidado para com elas, quando as dei minha atenção e olhar.

Palavras-chave: cuidado; mulher; prostituição; saúde sexual.

ABSTRACT

Santos TBP dos. Women: prostitution and care [professional dissertation]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia; 2018. Versão Corrigida.

The present study had as its theme the sexual health of women. The purpose of this study was to know what care is and how to care for women who are prostitutes. I wanted to deal with this population, considering that like other women in other professions, they are susceptible to any sexually transmitted infections. She also wanted to know if there is a difference in the treatment given to them in their gynecological consultations if they receive more guidance on STI preventive methods than other women who are not prostitutes. Qualitative research was carried out using face-to-face interviews, using a semi-structured script with low-income prostitutes in the central region of the city of Santos / SP. The interviews were recorded, transcribed and the statements according to the thematic analysis. We interviewed 11 women aged 19 to 59 years. The care for these women in general refers to the use of male condoms with their clients, to perform examinations, body hygiene, talking about their professions to health professionals and also their gender identities. It was observed that the women addressed in this research did not receive specific guidelines regarding preventive health measures, most of them said they had not received any information from their parents, school or health services regarding pregnancy prevention and STIs before the first sexual intercourse. It is important to emphasize that the first sexual relation of three of the eleven interviewees was the result of rape in childhood, which contributed to their lack of care for themselves since their infancy. The vast majority of them do not use the female condom. However, it was observed that the care for them does not only include care with the body, with the biological. They in their statements cite the care with the children, with the parents and even witnessed a situation of care directed to me by one of the participants. In addition, I also identified my care for them when I gave them my attention and look.

Keywords: care; woman; prostitution; sexual health.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	11
2	INTRODUÇÃO	13
2.1	BREVES NOTAS SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA.....	14
2.2	CUIDADOS COM O CORPO E COM A VIDA SEXUAL	17
2.3	A PROSTITUIÇÃO E A LIBERDADE SEXUAL.....	22
2.4	CUIDADOS DE SAÚDE E PROSTITUIÇÃO.....	23
2.5	EPIDEMIOLOGIA DO USO DE PRESERVATIVO E INCIDÊNCIA DE ISTs/aids... ..	26
3	PROPOSIÇÃO	29
3.1	OBJETIVO GERAL.....	29
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	29
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
4.1	TIPO DE PESQUISA	30
4.2	CENÁRIOS DE PESQUISA.....	30
4.3	PÚBLICO-ALVO DA PESQUISA.....	30
4.4	FASE DE CAMPO	31
5	RESULTADOS	33
5.1	A HISTÓRIA DO CENTRO VELHO.....	33
5.2	INFÂNCIA TRAUMÁTICA E FALTA DE UMA ESTRUTURA FAMILIAR.....	36
5.3	O CUIDADO PARA ELAS.....	38
5.4	REINCIDÊNCIA NA PROFISSÃO E DESEJO DE MUDANÇA.....	42
5.5	O NÃO USO DO PRESERVATIVO NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL.....	43
5.6	A HOMOSSEXUALIDADE E A PROSTITUIÇÃO.....	44
5.7	PRECONCEITOS.....	45
6	DISCUSSÃO.....	47
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
	REFERÊNCIAS.....	57
	APÊNDICE A.....	65
	APÊNDICE B.....	66
	APÊNDICE C.....	68
	APÊNDICE D.....	74
	APÊNDICE E.....	118
	ANEXO A	120
	ANEXO B	122

1 APRESENTAÇÃO

Eu comecei a me interessar pelo tema da saúde sexual e reprodutiva desde minha graduação em Obstetrícia. Lembro-me que no último estágio obrigatório, em um hospital, durante o exame de cardiotocografia, exame que avalia a frequência cardíaca do bebê e as contrações uterinas da gestante, conheci uma adolescente, que estava acompanhada de sua tia. Segundo ela, estava em São Paulo fazia pouco tempo e veio do estado da Bahia. Essa adolescente, com apenas 14 anos de idade, grávida de sua primeira filha, me disse que não queria ver o pai da criança, porém não me explicitou os motivos. Eu também não quis prolongar o assunto, pois a menina apresentava expressões faciais de dor e acabei focando mais na parte técnica de minha função naquele momento. No entanto, soube que ela estava com duas infecções sexualmente transmissíveis: sífilis e HPV (condiloma acuminado). Pensei comigo: tão nova, e com duas ISTs! No decorrer daquele estágio semanal, que ocorria duas vezes na semana, presenciei outros casos de gestantes jovens com sífilis e HPV.

Posso dizer que aquele estágio não apenas me marcou no final da graduação, como também me fez refletir sobre as políticas públicas de saúde. Recordo-me de ter pensado que essas políticas tinham que melhorar, e me questionei se deveria haver mais campanhas sobre prevenção em saúde e diálogos sobre a importância do uso dos métodos preventivos de infecções sexualmente transmissíveis e orientação sobre as consequências do não uso desses para os indivíduos.

Pareceu-me que havia a necessidade de se investir não somente na saúde da mulher, mas também na saúde do homem, visto que culturalmente há uma certa resistência ao uso do preservativo, e até mesmo do ato de cuidar-se por parte desse público. Assim, decidi pesquisar mais sobre questões de gênero, sexualidade e prevenção de ISTs e fiz uma pós-graduação em Gestão em Serviços de Saúde, com a monografia voltada à saúde sexual do homem e com o objetivo de melhorar as políticas públicas de saúde de prevenção destas infecções (Santos et al., 2016).

Nesta mesma direção, o mestrado profissional se mostrou como uma via interessante para dar continuidade aos meus estudos, justamente, a meu ver, por focar na melhoria das políticas públicas de saúde atrelada à educação em saúde. No meu exame de qualificação surgiram algumas questões relativas ao público de prostitutas e pareceu interessante trabalhar esse tema em meu projeto, pois refleti que

podia analisá-las, além de suas profissões, vê-las como mulheres que, assim como outras mulheres, também estão vulneráveis a qualquer infecção transmissível sexualmente. Mais do que focar na doença, quis saber como realizam o autocuidado, e me perguntei se há diferença no tratamento dado a elas em suas consultas ginecológicas, por exemplo, quando o/a profissional de saúde sabe de suas profissões e saber se elas recebem mais orientações quanto aos métodos preventivos de ISTs do que outras mulheres que não são prostitutas.

2 INTRODUÇÃO

O presente estudo começa com o capítulo *Breves notas sobre a sexualidade humana*, o qual aborda como a sexualidade da mulher era vista em tempos atrás, tendo em vista que esta privilegiava a procriação. Assim, pode-se dizer que a sexualidade feminina era controlada e vigiada, pela Igreja desde o período colonial e posteriormente começou a ser controlada pela medicina. Com o passar do tempo, a mulher pôde ter sua liberdade sexual, com a criação da pílula anticoncepcional, e, por conseguinte, exercer uma sexualidade voltada também ao prazer, não apenas para a procriação. Além disso, será discorrido sobre o surgimento da prostituição, bem como as características discriminadas às prostitutas, desvalorizando-as em relação às mulheres que não utilizam tal prática.

No capítulo *Cuidado com o corpo e com a vida sexual* serão abordadas questões referentes ao autocuidado das prostitutas, partindo desde o asseio corporal até estratégias de segurança que elas declaram realizar no ambiente de trabalho para se protegerem de possíveis adversidades.

Posteriormente, será dialogado sobre *A prostituição e a liberdade sexual* tendo em vista que a profissão prostituta pôde representar uma prática laboral da mulher no século XIX. Esse capítulo aborda também a representação política de prostitutas em programas de DST/aids a fim de debaterem as ações preventivas às ISTs/aids não só voltadas a elas, mas ao público feminino em geral.

Em seguida, em *Cuidados de saúde e prostituição*, é debatido sobre a importância de olhar para este público em sua forma integral, não apenas no tocante à prevenção de doenças. É discutido ainda sobre a ampliação de serviços de promoção e prevenção de saúde ao público feminino em geral e sobre a autonomia do uso da camisinha feminina pela mulher.

Por fim, discorreremos sobre a *Epidemiologia do uso do preservativo e incidência de ISTs/aids*, mais precisamente acerca da mudança de perfil no decorrer dos anos dos casos de aids, que antes, nos anos 1980, era prevalente no público masculino, chegando à mesma proporção de casos para homens e mulheres nos anos 2000. Além disso, abordaremos o crescimento de transmissão pelo vírus da imunodeficiência nas relações heterossexuais e da transmissão deste através do sexo bucal.

2.1 BREVES NOTAS SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA

A Revolução Sexual como fenômeno social no século XX esteve fortemente associada à introdução de anticoncepcionais orais femininos com base em hormônios. Popularmente conhecida como “a pílula”, seu modo básico de funcionamento era suspender a ovulação. Com isso, tornou-se um meio seguro para prevenir a gravidez. No entanto, a modificação nos costumes sexuais, que já vinha ocorrendo em todo o mundo desde o fim da Segunda Guerra, alcançou novos patamares com esta descoberta.

Posta à venda em 1960, a pílula só veio a ser acessível nas farmácias brasileiras dois anos após seu advento nos EUA. Ela foi incorporada ao cotidiano das mulheres, permitindo uma prática sexual voltada ao prazer, e não apenas voltada à reprodução. O advento da pílula foi considerado por pesquisadores como a segunda das “revoluções contraceptivas”, levando em conta que a primeira teria ocorrido nos séculos XVIII e XIX, com a prática da interrupção do coito realizada pelos homens (Azevedo, 2005).

De acordo com Priore (2011), no século XIX a medicina passa a assumir o controle do feminino e a lidar com o corpo e a sexualidade das mulheres. Para os médicos, a finalidade principal do sexo era a fecundação e a gestão espermática. No entanto, o prazer da mulher casada os deixavam apreensivos, pois segundo eles, o prazer conduzia a exageros. Esses exageros não eram bem vistos em uma mulher. Mulher significava pudor. Ocultavam a presença do desejo na mulher. Tais disposições visavam o sexo saudável, o controle da fecundidade e das condições da parturição (Priore, 2011).

Um conjunto de normas foi então estabelecido, sendo a medicina responsável por instituir uma conduta que interagiu dentro de si mesma, com o respectivo corpo, com o alimento, com a insônia, com o repouso, com os variados afazeres e com o ambiente. Em termos gerais, a partir da juventude, as práticas de saúde deveriam ser aprendidas para serem reproduzidas constantemente pelo indivíduo de modo a configurar uma prática de si. Essas práticas de saúde possibilitaram ao indivíduo saber o que e como fazer as atividades em seu dia a dia (Foucault, 1985).

O cuidado de si relaciona-se ao obedecer a um mandamento. Esse mandamento é considerado um estímulo dado ao outro para que se preocupe consigo

próprio. Para termos cuidado precisamos sempre de um outro que nos enxergue para que nos olhemos e realizemos condutas que farão com que nos apropriaremos, nos transformaremos e nos sublimaremos. O conhecimento de si, com o passar do tempo, correlatou-se ao procedimento cartesiano, o qual contemplou o pensamento dissociando-se do corpo (Foucault, 2006).

Mas, e quanto ao desejo e à sensualidade? Como eram pensadas questões como adultério, sexo antes do casamento e virgindade? Priore (2011) é enfática em afirmar que também aqui a ciência médica iniciou o diálogo acerca do desejo e da sensualidade (Priore, 2011).

Embora antiga, ou folcloricamente considerada a mais antiga das profissões, a presença da prostituta nas relações extraconjugais ficou evidente em uniões que foram feitas por interesses familiares e nas uniões estáveis. O adultério masculino tornou-se particularmente evidente a partir do século XIX. As prostitutas eram referidas como mulheres bonitas, as quais apresentavam encanto e sensualidade, componentes presentes somente nessas mulheres, consideradas mulheres sem respeito e sem prestígio. As prostitutas nesse século caracterizavam-se como mulheres com condições sociais precárias e eram vistas pela população masculina como fonte de prazer sem que houvesse uma relação compromissada. O prostíbulo foi instituído (Priore, 2011).

Segundo Roussiad (1985), nas comunidades do século XV haviam arranjos urbanos; residências ou conjunto de ruas onde se encontravam lojas e tavernas que configuravam a prostituição pública na França chamada *prostibula publica*. A *prostibula publica* podia fazer parte das comunidades ou ser resguardada pela autoridade senhorial. Além dessa atividade ser acolhida pela sociedade e pela autoridade municipal, o bordel era administrado por uma mulher, a qual era chamada de abadessa e tinha como funções recrutar e vigiar as prostitutas. Estas moças deveriam obedecer às orientações dadas pela abadessa.

Quando o bordel era frequentado por clientes desconhecidos, a abadessa comunicava às autoridades, visto que a maioria dos frequentadores residiam na própria cidade. As autoridades, além de quererem conhecer os clientes, desaprovavam a presença de clientes muito jovens nestes locais. Havia também “bordéis particulares”, os quais se situavam em locais distantes dos bordéis públicos. Estes bordéis eram aceitos pela vizinhança e eram até valorizados, visto que a maior parte deles era gerenciado por viúvas e esposas de artesãos, os quais atuavam

normalmente no mercado de trabalho, e não eram de classe social baixa (Roussiad, 1985).

As mulheres no século XIX eram discriminadas em mulheres respeitadas e com prestígio e em mulheres sem princípios e sem prestígio; essas últimas tituladas como bonitas. Uma mulher respeitosa, naquela época, não podia saber sobre sexo. Segundo a crença cristã, a qual se originou na época colonial, no Brasil, a prostituta era correlata à impureza, à doença e ao desasseio (Priore, 2011). No entanto foi o próprio padre Manuel da Nóbrega que solicitou que encaminhassem de Portugal, prostitutas para que habitassem o novo território (Priore, 2013).

Vale apontar que no começo do século XIX, a prostituição foi aprovada em Paris, pois se acreditava que esta era necessária no intuito de acatar o descomedido desejo carnal da população masculina e, então conservar os princípios do corpo social. Porém, o povo considerava que as prostitutas e seus clientes eram os culpados da propagação das DSTs (Jimenez, 2004).

Por outro lado, assim como as mulheres eram distinguidas em classes, o sexo também era considerado legítimo, quando fazia parte da relação conjugal, e também como ilegítimo, quando ocorria fora da relação conjugal. Nessa época, aconteceu uma espécie de higiene sexual, a qual caracterizou-se como uma norma a fim de valorizar o sexo legítimo (Priore, 2011). Nesta direção, esse regulamento relacionado aos prazeres sexuais, mostrava-se como primordial no que tange ao controle de possíveis desvios, que pudessem ocorrer nos indivíduos movidos por suas fantasias, amores e paixões, sendo necessária assim, a valorização da relação sexual entre cônjuges por este envolver tanto o corpo quanto a alma. Ou seja, considerava-se que a educação e os hábitos são capazes de instituir o desejo quando bem querem.

Com isso, o pensamento tem uma função dupla; a de embutir ao corpo um controle que atenda sua natureza, e de fazer com que o pensamento consiga diminuir os devaneios, e comandar a libido. A alma tem de obedecer ao limite corporal (Foucault, 1985). Isto é:

Os males do corpo e da alma podem comunicar-se entre si e intercambiar seus mal-estares: lá onde os maus hábitos da alma podem levar a misérias físicas enquanto que os excessos do corpo manifestam e sustentam as falhas da alma (Foucault, 1985, p.62).

Voltando a prostituição na capital do Império, pode-se dizer que no Rio de Janeiro havia três tipos de prostitutas: as aristocráticas ou de sobrado, as de “sobradinho” e as de escória. Essas prostitutas eram estrangeiras, vindas sobretudo da Europa para a Capital e para os municípios portuários mais relevantes do Brasil, e em geral se alocavam em prostíbulos.

Porém, a prostituição não se restringiu apenas aos locais próximos a portos. Um exemplo disso é a história de Gabriela Leite que em seu livro “Filha, mãe, avó e puta” (2009) relatou sua história de vida e aprendizagens como prostituta em cidades não litorâneas, também. A autora referiu a valia de se impor como pessoa, de ter voz ativa e sentimento. Ela mencionou que já fez uso de “bolinha” (droga derivada de anfetaminas). No entanto, relatou que em seu local empregatício, não era permitido o uso nem o acesso a bebidas e drogas e parou de usar bolinhas, pois se viu agressiva, fora de si e prejudicial a si e aos seus clientes. Sem o uso dessa droga pôde conversar com seus clientes, e este é um atributo, segundo ela, primordial para que haja sucesso na relação entre ela e seus clientes.

2.2 CUIDADOS COM O CORPO E COM A VIDA SEXUAL

Leite (2009) notou que a presença de um tapete pequeno era constante nos quartos em que realizava os programas e quando soube o significado deste descobriu que havia um pensamento de que era proibido após transar pôr os pés no chão frio, pois isso favorecia as chances de contaminar-se com doenças sexualmente transmissíveis. Gabriela mencionou que as prostitutas que possuíam mais zelo, no Rio de Janeiro traziam consigo um tapete pequeno para o quarto que fosse realizar o programa.

A partir do século XX, o corpo passou a ser mais exposto, cinético e cultuado. A fotografia, a qual surgiu nesse século fez com que as pessoas pudessem admirar-se, o aumento da utilização dos espelhos também ocorreu, os quais eram empregados anteriormente apenas nas salas de jantar e em prostíbulos. O corpo começa a aparecer, a se expor ao mundo e para si mesmo, fazendo com que as mulheres

despertassem de modo a aflorar a sexualidade presente nelas. Sabendo que o exercício físico começou a ser apreciado, as mulheres para se exercitarem acabaram desnudando seus corpos. A “lingerie” ajudou nessa exposição corporal e propiciou que o corpo fosse origem de admiração. Com isso, as mulheres começaram a ter mais asseio (Priore, 2011).

A higiene íntima fez parte da valorização do corpo, também, de modo que a água oxigenada de Custer fez-se importante, bem como a saúde da mulher, higiene bucal; melhorando o beijo, apesar desse até o momento ser realizado com a boca fechada. Nesse século; século XX, o beijo bucal sofria repressão pela Igreja, pois acreditava-se que esse trazia sujeira. Houve a extinção dos paninhos avermelhados utilizados na menstruação para “toalhas higiênicas, felpudas e franjadas” (Priore, 2011).

Gabriela Leite considerava que uma puta tem de estar sempre bem vestida e perfumada (Leite, 2009). Por mais que se estabeleça uma relação sexual entre cliente e prostituta há também a presença de uma relação intersubjetiva em que tanto um quanto o outro dão um significado para essa união (Burbulhan et al., 2012).

Um estudo realizado por Gaspar¹ (1985, apud Burbulhan et al., 2012) constatou que a maioria das prostitutas reprimem o orgasmo a fim de manter a discrição de sua profissão. No entanto, quando este acontece é interpretado por elas somente como um fenômeno físico, em que não há nenhum sentimento (Burbulhan et al., 2012). Para as prostitutas, a válvula de escape para proteger sua intimidade se expressa em “barreiras simbólicas”, de maneira que certas partes do corpo não são acessadas pelos clientes, por exemplo, a fim de que estas limitem o que pode ser usufruído de seu corpo pelos clientes e o que só pode ser usufruído pelos não-clientes, preservando, assim seus afetos. Esta “postura de reserva da prostituta” é conquistada pelo recalque do orgasmo, pelo sentimento de asco pelo cliente, por não beijar na boca do cliente, por não dormir com o mesmo, por não realizar sexo anal e por usar camisinha masculina nos programas (Pasini, 2000 a).

Pasini (2005, p. 5) disse que “apesar de estarem na rua e, a princípio dispostas a realizarem sexo em troca de dinheiro, mostram que também são mulheres dotadas de vontades e escolhas”.

Na relação entre cliente e prostituta, quem determina os limites durante o

¹ Gaspar MD. Garotas de programa: prostituição e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1985.

programa, na maior parte dos casos, é a própria prostituta. Isto acontece quando ela esclarece quais práticas sexuais realiza e o custo financeiro destas. Prostitutas são bem seletivas quanto às práticas sexuais, sendo que determinam quais práticas irão realizar, e também selecionam os clientes que irão atender (Cavour, 2011). Leite (1992, p. 73) já relatou em seu livro:

Então por mais que se separe, sempre tem afeto na relação com o freguês. Não é só sexo. Assim como um psicanalista, a prostituta trabalha com desejos e sentimentos do freguês e dela própria. De uma forma ou de outra, você gosta da pessoa ou não, vai com ela ou não. Se você não quer, não há nada no mundo que te convença do contrário.

No entanto, Cavour (2011) relatou que a rigidez de seleção dos clientes varia de acordo se a prostituta é de baixo ou de alto meretrício, no tocante de que as de baixo meretrício são menos exigentes nessa seleção do que as de alto meretrício. A questão da idade faz parte de um pré-requisito de seleção de muitas prostitutas, porque homens mais velhos geralmente são fregueses mais assíduos e são considerados como “confidentes, amigos e sadios”. Já, os homens mais jovens, em sua maioria são vistos como agressivos, usuários de drogas e machistas.

As prostitutas realizavam juramentos às autoridades, forneciam semanalmente algumas moedas ao guarda noturno que acreditavam que as escoltavam, colaboravam em conjunto nas despesas, se uniam nas refeições na casa ou nas tavernas e faziam valer algumas normas, as quais advinham tanto da abadessa quanto de seus próprios cuidados: não podiam atender simultaneamente dois clientes da mesma família, tinham (teoricamente) de se negar a receber homens casados da cidade ou moços muito jovens e sem pestanejar, só trabalhavam com o objetivo de não se colocarem em problemas (Roussiad, 1985).

As autoridades do século XV na França não tiveram em nenhum momento a pretensão de proibir a presença de bordéis, de forma que eram as moças que trabalhavam em bordéis públicos, receosas com a concorrência desmedida, que se movimentavam, e iam solicitar ao procurador ou ao conselho municipal, a interdição

de um bordel particular, por exemplo (Roussiad, 1985). Havia um sentimento de solidariedade entre estas moças que as uniam em função de seus ideais relativos à profissão. Segundo Roussiad (1985):

Elas usavam com as recém-chegadas os ritos das associações de operários, impunham-lhes as “boas-vindas”, bebiam juntas o “vinho do ofício”, chamavam a abadessa de “mãe”, imitando os trabalhadores que assim chamavam a anfitriã encarregada de recebê-los. As pressões materiais, as tradições recebidas das veteranas, as regras impostas pela cidade desenvolviam nelas uma certa mentalidade “corporativista” (Roussiad, 1985, p.96).

Uma colega de trabalho de Gabriela Leite a orientou a nunca ficar parcialmente desnuda para atrair clientes, pois justificava que essa atitude não seduzia os homens. Outro macete que essa colega a orientou foi ter sua carteira consigo todo o tempo, e ao entrar no quarto com o cliente colocá-la embaixo da cama, na direção de suas mãos. Ainda, a orientou a jamais deixar um cliente sozinho no quarto, pois este pode ir embora sem pagá-la. Advertiu-a ao realizar o programa, pegar o pagamento deste e retirar-se do quarto junto ao cliente envolvida numa toalha, com sua carteira em mãos e somente duchar-se após essa sequência (Leite, 2009). O ato de duchar-se posteriormente aos programas, por mais que seja considerado um ato corriqueiro realizado pelas prostitutas é um costume realizado por toda pessoa, e é um aprendizado que vem de casa, de modo a ser orientado entre mãe e filha, a partir da hora em que a filha começa a ter relações sexuais (Bonadiman et al., 2012).

Leite (2009) relatou que no começo de sua profissão beijou na boca de um cliente e o cliente comentou que ela era muito afetuosa, ao contrário das outras prostitutas, e caiu em si de que teria que mudar sua forma de agir, visto que foi considerada tão diferente das outras. Mais tarde constatou que não beijar na boca faz parte das normas de trabalho da prostituta. Ela nunca confundiu trabalho com diversão, pois havia de ser profissional e seu pai já lhe dizia: “Para andar na noite tem que ter sabedoria” (Leite, 2009, p. 117), e isso ela assimilou direitinho. Alguns donos dos prostíbulos aconselhavam-na sobre as condições de trabalho, orientando-a a levar

uma toalha, sabonete e uma roupa de muda. De vez em quando, ela esquecia de levar a toalha e a roupa... Porém, depois começou a levar seus lençóis e fronhas para os programas, além de um grande vidro de alfazema, o qual após borrifá-lo perfumava o quarto e sempre fez questão de que seu quarto estivesse alinhado. Os seus clientes a admiravam por esse zelo que possuía e estes cuidados os conquistavam.

Bonadiman et al. (2012) relataram que em um estudo realizado por Pasini (2000 b), as prostitutas demonstraram um profundo asseio quanto à higiene corporal. Assim, por mais que não fossem às consultas médicas regularmente, a higiene corporal exercida por elas foi uma forma de promoção de saúde. Em relação às suas vestimentas, de forma geral, elas se vestiam com jeans e blusa, calçados simples (altos ou baixos), na face frequentemente possuía batom, lápis, rímel ou sombra simples, unhas, em sumo, pintadas e bem caprichadas. Os cabelos, normalmente muito arrumados. Não percebia nenhuma discrepância que fazia distinguir elas (prostitutas) de outras mulheres que estavam nos arredores (Bonadiman et al., 2012).

No estudo de Bonadiman et al. (2012), realizado em bares de Santa Maria-RS, os quais representaram nesse estudo locais de trabalho de prostitutas, foi verificado que o balcão do bar é o setor em que há com frequência a presença de alguém com que pode contar e geralmente é o setor onde abriga os preservativos e géis lubrificantes fornecidos pela secretaria de saúde do município. Em um dos bares em que foi realizado o estudo, por meio da fala de prostitutas, o dono desse bar costumava fechar a gaveta em que as camisinhas estavam de forma a inviabilizar a obtenção destas pelas prostitutas. Além disso, nesse estudo foram identificados vários descontentamentos referidos por elas à ausência de sabonete no banheiro dos quartos, à ausência de lençóis limpos, de modo a delatarem que não há uma manutenção do quarto e dos insumos necessários à higiene corporal. Uma maneira de amenizar, por exemplo, a sujeira dos lençóis era colocar uma toalha sobre a cama em que iriam recostar-se.

De acordo com Dantas ([20--]) é indispensável que as prostitutas adquiram meios de proteção pessoal, considerando a violência constituída em seu cotidiano. A fala de Neusa Sueli exemplifica quais são esses meios de proteção pessoal: “Tem que ficar atenta o tempo todo. Não tomo banho, não viro de costas, não transo no escuro, não transo com travesseiro, nunca fico embaixo. É o jeito”. (Jornal do Brasil, 1997). A média prostituição é a realizada em boates e casas de massagem, por prostitutas, normalmente, vaidosas que não se exibem nas ruas, e que de acordo com seus

pontos de vista são menos vulneráveis à violência do que as que trabalham na baixa prostituição. No entanto, o chamado “perigo latente” é uma realidade integrada em todos os níveis da prostituição, por mais que as prostitutas da média prostituição possuam um risco diminuído à violência, em quatro paredes há a imprevisibilidade (Dantas, [20--]).

2.3 A PROSTITUIÇÃO E A LIBERDADE SEXUAL

A prostituta pôde representar a liberdade sexual das mulheres dissociando-se da imagem das mulheres como progenitoras, recatadas e do lar de forma a atrelar a relação sexual à prática laboral conquistando a esfera social, a qual era sobretudo dos homens (Cesar, 2011). Leite (2009), no começo de sua profissão relatava que não queria casar e nem morar junto com ninguém.

Jimenez (2004, p. 31) disse que:

Há um certo consenso [...] entre os militantes da área de que a prostituição que emerge no final do século XIX, no Brasil, entra em profundo declínio a partir da década de 1960, seja com a ‘revolução sexual’ e a enorme alteração dos costumes e padrões comportamentais, seja com a descoberta [...] de métodos contraceptivos mais sofisticados, seja ainda com a maior visibilidade das práticas homoeróticas femininas e masculinas.

De acordo com Sousa (2014), durante os anos 1990, membros de cooperativas de prostitutas e homossexuais atuaram na elaboração e aplicação de programas associados à Coordenação Nacional de DST/aids do Ministério da Saúde. A participação desses grupos fez com que o plano de enfrentamento às DST/aids do Brasil se transformasse em um modelo internacional ao reorientar a meta das

atividades preventivas direcionadas antes às populações tidas como mais vulneráveis para as concepções eróticas (Sousa, 2014).

Essa reorientação com cerne no erotismo possibilitou a execução de uma pesquisa que abordasse sobre quais são os desejos sexuais predominantes dos cidadãos brasileiros e a formulação de meios preventivos e a conciliação do uso do preservativo de acordo com o desejo relatado (Sousa, 2014).

Os tópicos relativos às relações de gênero, direitos humanos e prazer tornaram-se primordiais para as táticas preventivas dando ênfase para o erotismo na utilização da “camisinha”, por exemplo, com o intuito de promover a conciliação de seu uso por meio do público feminino e de seus companheiros, e principalmente pelas prostitutas (Sousa, 2014). O uso da camisinha faz parte do estatuto das prostitutas (Leite, 2009). No estudo feito por Bonadiman et al. (2012) foi identificado no relato de uma prostituta que foi em uma consulta médica, a orientação para ela usar o preservativo feminino no pênis do cliente no sexo oral, pois esse tem uma maior eficácia nesse tipo de sexo, visto que é um preservativo mais largo, garantindo maior proteção.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher criada em 2003 se preocupou em instituir políticas públicas voltadas aos direitos humanos das mulheres, valorizando grupos sociais notavelmente excluídos das políticas (Aquino, Ximenes e Pinheiro, 2010). A fragmentação das mulheres em suas pluralidades observadas nessa nova política não teve como fundamentação o assunto vulnerabilidade às doenças e sim dialogou sobre a restrição de acesso aos serviços de saúde, quer seja pelo horário de funcionamento destes, quer seja pela falta de interesse da população feminina (Aquino, Ximenes e Pinheiro, 2010).

Segundo Cruz, Ferreira, Martins e Souza (2016), as prostitutas estão suscetíveis a sofrerem discriminação tanto pela sociedade quanto pelos profissionais de saúde, os quais direcionam o atendimento a elas com maior ênfase aos fatores de risco e prevenção, de forma a inviabilizar uma atenção integral voltada a esse público.

2.4 CUIDADOS DE SAÚDE E PROSTITUIÇÃO

Bonadiman et al. (2012) identificaram pelo estudo realizado que as causas referidas pelas prostitutas para irem aos serviços de saúde foram: gravidez, a

realização do exame de prevenção ao câncer de colo uterino e retirada de preservativos. Em menor proporção relataram idas aos serviços de saúde por “colesterol e glicose altos” e para “cuidar dos dentes”. Pasini (2000 a) em sua pesquisa relatou que não presenciou quase nenhuma fala das prostitutas relacionada à saúde.

No Brasil, as prostitutas começaram a resguardar seus direitos em 1979, na cidade de São Paulo. Essas eram proibidas de permanecerem nas ruas após às 22hs, eram condenadas a prisão, padecentes de tortura, desaparecimentos, roubo e até homicídios. Assim, prostitutas e travestis da Boca do Lixo se unificaram para delatar os maus-tratos a eles por meio do comando de um delegado policial (Cesar, 2011). De acordo com Sousa (2014) com a ligação da Coordenação Nacional de DST/Aids e o movimento de prostitutas houve a formulação do “Projeto Previna” e a Campanha “Sem vergonha, garota. Você tem profissão”. O Projeto Previna teve como foco capacitar operadores a fim de realizar ações preventivas pessoalmente. Esse foi o primeiro projeto direcionado somente às prostitutas. Esse projeto implementado em 2002 teve como intuito promover a dignidade e os direitos das prostitutas para estimulá-las à promoção à saúde (Sousa, 2014).

O Plano Integrado de Enfrentamento da Feminização da Epidemia de AIDS e outras DST estabelece:

estratégias intersetoriais que visam a ampliar o acesso aos insumos e às ações de prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento das doenças sexualmente transmissíveis e da aids para mulheres das diferentes regiões de nosso país (Brasil, 2009, p. 3).

Até 1920, os assuntos relativos às condutas preventivas e terapêuticas eram direcionados à imagem da prostituta, a qual era vista como a figura central na propagação e contaminação (Jimenez, 2004). Na avaliação das prostitutas, essas estratégias intersetoriais não foram efetivadas (Sousa, 2014). Quando o assunto prevenção de doenças foi mencionado na pesquisa observou-se que o cliente, de acordo com as falas das prostitutas era o maior responsável pela transmissão de doenças (Pasini, 2000 a).

Diversas cooperativas dessa população indagam o tratamento subjugado voltado à prostituta, a compreendendo apenas como uma vagina. Leite² (apud Sousa, 2014, p. 1565) delata o modo como a prostituta é compreendida pelos planos da política: “[...] apenas como um corpo, e da cintura para baixo [...] Chegamos à conclusão de que estamos confinadas na saúde, outra vez associadas a doenças”.

Os Centros de Testagem e Aconselhamento e os consultórios de rua muitas vezes são políticas que possibilitam o advento da discriminação social relacionada a esse público. Primeiramente, esses programas foram projetados para grupos de grande vulnerabilidade social e localizados na rua, no entanto têm sido ofertados às prostitutas como opção preventiva de DSTs/Aids. Mas, esse público vem se perguntando o porquê dessas ações não serem ofertadas à população feminina no geral com o intuito de vermos as prostitutas de outro prisma, o qual abranja sua integralidade como pessoa e cidadã (Sousa, 2014).

Segundo Moura et al. (2010), recai para as mulheres, a culpabilidade sobre as infecções sexualmente transmissíveis, visto que as mesmas são vistas como seres de decoro. Já, a população masculina é vista como uma população dotada de uma sexualidade aguçada e permitida. Para os homens, previamente aos anos 60, o sexo era uma espécie de atributo voltado a eles. A relação sexual para o público feminino conotava um risco quer fosse pelo possível contágio por meio do parceiro, quer fosse pela opressão e pelo vergonhoso tratamento que poderia receber deste.

Mulheres encorajadas face a seu relacionamento heterossexual demonstram grandes chances de acordar uma relação sexual protegida. O sexo é um fator gerado pelos sujeitos, não se refere à revelação das vontades individuais; e sim refere-se à compreensão de que através de nossas vontades formam-se outros tipos de relacionamento, afinidade, carinho; a sexualidade não é uma adversidade e sim um progresso que busca a inventividade (Moura et al., 2010).

Moura et al. (2010), citou que o ato de se prevenir é precedido de uma preparação para que se esquive de uma situação adversa. A aids incrementou o uso do preservativo. No entanto, com o incremento da penicilina e de outros antibióticos eficientes, posteriormente aos anos 50, as ações e condutas de prevenção relativa às infecções sexualmente transmissíveis mostraram-se mais escassas.

A camisinha feminina é uma opção de escolha, pois não necessita do

² Leite GS. Algumas poucas considerações sobre prostituição [Internet]. [citado 20 abril 2013]. Disponível em: www.umbeijoparagabriela.com/?p=2882

consentimento do seu par. No entanto, tem-se de possibilitar meios para que se reflita e construa uma concepção que considere o meio sócio-histórico, e as relações de gênero. Assim, os especialistas da área da saúde têm que se capacitar a fim de elaborar tarefas com o intuito de garantir uma aproximação com a população feminina (Oliveira et al., 2012). A utilização do preservativo feminino é capaz de inovar a relação sexual heterossexual, pois essa atitude consolida o comportamento feminino na mesma (Moura et al., 2010).

2.5 EPIDEMIOLOGIA DO USO DE PRESERVATIVO E INCIDÊNCIA DE ISTs/aids

A população masculina foi quem principiou a pandemia de aids apresentando elevada taxa desta, e possivelmente foi o principal autor da propagação desta pandemia. A proporção dos casos de aids entre os sexos masculinos e femininos no município de São Paulo foi cerca de 36 homens para 1 mulher na metade dos anos 1980, e atualmente essa proporção se apresenta de 1/1, entre os sexos femininos e masculinos. De acordo com alguns estudos houve um considerável incremento de sexo oral posteriormente aos anos 1970. Estudos constataram, também que há uma escassa compreensão por parte dos homens sobre o perigo que o sexo bucal pode trazer (Funari, 2003).

O sexo bucal receptivo com ejaculação na cavidade bucal advindo de um parceiro contaminado pelo vírus HIV abarcaria o contato com elevada parcela desse vírus. Contudo, é sabido que a contaminação pelo HIV tanto se dá pelo sexo bucal receptivo ou insertivo, como também pelo sexo bucal que se dá pela língua sobre o genital feminino (Funari, 2003).

Durante uma pesquisa percebeu-se que as adversidades relacionadas à prática da prostituição são a ausência de lubrificação; a fase menstrual; temor de engravidar e a violação da camisinha. Em relação à fase menstrual obstruem de forma fragmentada o sangramento através da aplicação de bolas de algodão na região localizada no fundo da vagina. Quando ocorre a violação da camisinha, essas realizam “ducha” com água morna; e, para propiciar a lubrificação, na falta de gel à base de água, aplicam saliva, xampu, condicionador de cabelo, vaselina, pomadas ou cremes vaginais adquiridos nos postos de saúde (Jimenez, 2004).

Um estudo feito por Guimarães e Mércan-Hamman (2005), através do Ministério da Saúde, o qual ocorreu em nove capitais do país teve como foco a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e demonstrou que as prostitutas assim como grande parte da população feminina renunciam a utilização do preservativo durante a intimidade sexual com seus companheiros. Somente 20% das prostitutas admitem utilizar preservativo com companheiros³. Esse resultado se assemelha ao resultado obtido referente às mulheres no geral que é de 22%. Esse uso escasso do preservativo acarreta muitas adversidades, pois é neste recorte da população, mulheres casadas, que tem aumentado a ocorrência de AIDS. Esta população é a população que acarreta mais obstáculo para aderir às políticas públicas de prevenção de DST/aids. Setenta por cento das prostitutas participantes desta pesquisa confessaram utilizar a camisinha frequentemente com clientes, porcentagem bem aumentada em relação às mulheres jovens em que somente 35% admitem utilizar preservativo com parceiros recém-chegados. 42% das prostitutas realizaram teste para averiguar se estavam contaminadas. Em contrapartida, somente 15% do restante da população feminina relataram a realização destes exames (Guimarães e Mércan-Hamman, 2005).

De acordo com a Associação das Prostitutas do Ceará (APROCE), aproximadamente 90% das prostitutas inscritas nessa Associação utilizam preservativo com seus clientes. Porém, quando se diz respeito ao namorado, amante ou parceiro fixo, grande parte delas não fazem uso de preservativo (Brasil, 2006).

As contaminações causadas pelo vírus da aids, em relações heterossexuais são as que tem requerido cuidados em maior parte, visto que houve o aumento de 27,4% a 32,3% das ocorrências comunicadas. Concomitantemente a esse aumento, nas relações homo/bissexual houve uma redução de 27,7% a 23,4% (Moura et al., 2010).

Rebello et al. (2011) notaram que apenas 1% de seus entrevistados indagados sobre as formas de contágio do HIV referiram todas as formas de contágio deste e ainda neste mesmo estudo observou que menos de 1% dos entrevistados não souberam responder sobre os meios de contágio do vírus HIV. Há homens que pensam que mulheres não podem contaminá-los (Rebello et al., 2011).

Segundo Funari (2003), as pessoas se expõem a situações vulneráveis à

³ Utiliza-se o termo companheiro para designar aquele com quem a profissional do sexo estabelece uma relação afetiva de compromisso como namoro/ casamento/ que vivem maritalmente.

contaminação pelo HIV, porém, essas possuem a concepção de que esta enfermidade é capaz de ser prevenida e agem através de escolhas que amoldam a possível contaminação por esse vírus, as quais refletem tanto em seus próprios atos quanto nos atos das outras pessoas. São escolhas redefinidas e readequadas pela pessoa em seu aspecto subjetivo. Funari (2003) demonstrou que há um conceito denominado: proteções imaginárias. Um exemplo dessas proteções imaginárias pode ser explicitado quando o uso do preservativo no ato sexual se basear na fisionomia ou nos hábitos dos pares sexuais. A prevenção para estes é embasada pelo seu próprio contexto social e cultural fazendo com que atribuam um significado particular relativo à prevenção. Esse modo de prevenção é uma escolha coerente feita pelos sujeitos.

Primeiramente, o outro-estranho se tornará ou no outro-perigoso, o qual possui potencial de risco, ou se tornará no outro-estranho de risco menor, o qual poderá transformar-se posteriormente em o outro-familiar sem risco, caracterização em que o uso de preservativo é dispensável (Funari, 2003).

De acordo com Funari (2003), algumas proteções imaginárias se baseiam no jogo das aparências (julgamento da fisionomia), nas zonas de risco (escolha pautada pela classe social ou moradia), nas idades do perigo (escolha feita pelas faixas-etárias), nas questões de identidade (escolha de acordo com o perfil sexual, como hétero, homo ou bissexual), “na malandragem” (escolha focada nos hábitos sociais e sexuais), nos prazeres perigosos (escolha de pares segundo a atividades eróticas – sodomia, sadomasoquismo, etc). (grifos no original)

3 PROPOSIÇÃO

Deseja-se saber nesta pesquisa o que é e como se dá o cuidado para as prostitutas a fim de enxergá-las, principalmente como mulheres, independentemente de sua profissão levando em consideração, a revolução sexual, visto que esta fez com que cada mulher pudesse exercer sua sexualidade com mais liberdade.

3.1 OBJETIVO GERAL

- Saber o que é e como se dá o cuidado em saúde para prostitutas;

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer o meio social e as histórias de vida desse público e
- Contribuir com as políticas públicas de saúde para mulheres.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

O instrumento de trabalho escolhido para realizar essa pesquisa qualitativa foi entrevista semiestruturada, com roteiro pré-estabelecido, o qual é constituído por algumas perguntas, com a finalidade de compreender as opiniões dos sujeitos acerca do tema da pesquisa. O roteiro a todo momento é um preceptor que serve para facilitar a comunicação, jamais será uma barreira para essa, nem limitará o discurso das entrevistadas. Com isso, o roteiro, não é capaz de antecipar acontecimentos e situações que porventura possam ocorrer ao longo da atividade de campo. A essência desse tipo de entrevista abarca relacionar de modo mais amplo imaginável, as perguntas que o pesquisador almeja interpelar no campo de acordo com suas hipóteses ou inferências resultadas da descrição do objeto de pesquisa (Minayo, 2004). O parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública se encontra no Anexo A.

4.2 CENÁRIOS DE PESQUISA

Ruas da região central da cidade de Santos/SP, conforme Anexo B.

4.3 PÚBLICO-ALVO DA PESQUISA

Trabalhadoras do sexo, que neste texto serão denominadas de prostitutas e a assistente social do Centro de Referência e Treinamento em DST/aids da cidade de Santos/SP, que neste projeto foi chamada de Y.

4.4 FASE DE CAMPO

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) com prostitutas que trabalham em ruas da região central da cidade de Santos/SP. Formulei duas questões-norteadoras de pesquisa: 1) Como você foi instruída em relação aos cuidados durante e após às práticas sexuais? 2) Foram orientações que vieram de casa, família, amigos, de instituições de saúde, antes das primeiras relações sexuais, ou foram cuidados aprendidos ao longo do tempo de trabalho?

Além das entrevistas, utilizamos diários de campo a fim de registrar emoções, o ambiente e as novidades. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. As falas das participantes foram categorizadas nos resultados. O referencial teórico de análise foi a dialética hermenêutica que segundo Minayo (2004, p.227):

“Enquanto a hermenêutica penetra no seu tempo e através da compreensão procura atingir o sentido do texto, a crítica dialética se dirige contra seu tempo. Ela enfatiza a diferença, o contraste, o dissenso e a ruptura de sentido.”

Ou seja, ao refletirmos sobre as falas e na interpretação das mesmas, levamos em consideração não apenas o que está sendo exposto pelo outro, mas também nossos conhecimentos, nossa realidade; nossa visão de mundo.

Foi utilizado como ferramenta de pesquisa, o Google Acadêmico, considerando os descritores: ‘prostituição’; ‘relação’; ‘mulheres’, ‘prostituição’; ‘cuidado’, ‘prostituição’; ‘sexualidade’, ‘prostituição’; ‘rua’, ‘prostituição’; ‘baixo meretrício’ e ‘prostituição’; ‘clientes’.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) para realizar a entrevista foi fornecido em duas vias, um ficou com a participante da pesquisa e o outro com a pesquisadora e foram rubricados por ambas em todas as páginas e igualmente foram assinados e datados por ambas na última página. Embora o TCLE

faça menção a mulheres não prostitutas, não houve tempo hábil para entrevistar esse público, e ao cabo a pesquisa foi concluída apenas com essas trabalhadoras.

Esta pesquisa poderá trazer alguns benefícios, como o de poder refletir sobre o cuidado em saúde sexual da mulher, e poder refletir, também, sobre o cuidado em saúde sexual com o outro. As entrevistas duraram entre 30 minutos a 1 hora, foram gravadas e posteriormente transcritas. As participantes também autorizaram o uso de sua voz.

Nos capítulos 5 e 6, assim como nos Apêndices C e D, as participantes foram identificadas com nomes fictícios os quais foram escolhidos por elas próprias. Vale pontuar que optamos em não mexer na variação linguística das entrevistas, mantendo inclusive a linguagem coloquial utilizada, permitindo assim que se coloquem também com seu estilo linguístico.

5 RESULTADOS

Botão de flor

Um botão de flor de esperança são essas mulheres que têm a beleza de vida delas, mas que às vezes têm de negar isso, e se ferem por causa do outro.

Que coração, elas devem ter, não? Trabalhar com o sexo, esquecer do amor. Do amor delas com elas? Não, elas tão ali pelo dinheiro, o qual já dizia a música: — Dinheiro na mão é vendaval. Não são máquinas, são humanas.

Amor, a gente não compra. Não trabalham com amor, mas por amor. Por amor daqueles que elas gostam, e pelo o amor por elas para viverem de forma digna.

Até quando? Quando vão inventar uma porção de amor, sem ser líquido, mas sólido? Amor líquido.... Líquido evapora, assim como o dinheiro que voa...

E esse mundo cheio de fumaça.... Que faz com que chova... E liquefaz as lágrimas, além de regar o botão dessa flor que a cada dia floresce e fica mais bela.

(Thainá Buono Paulino dos Santos)

5.1 A HISTÓRIA DO CENTRO VELHO

A vila de Santos foi fundada no século XVI, exatamente em 1546. Os primeiros locais de moradia no centro velho da cidade se estabeleceram em meio ao Outeiro de Santa Catarina e o Convento do Valongo. O progresso da cidade de Santos foi e continua diretamente atrelado à otimização do Porto. Com o crescimento das

plantações de café e a implantação da ferrovia, a cidade pôde prosperar. Como a produção de café crescia em meados do século XIX o Porto teve de se modernizar para realizar a exportação do mesmo. Em paralelo com isto, a cidade recebeu milhões de imigrantes dentre eles: portugueses, italianos, espanhóis e japoneses, os quais imigravam a fim de conseguirem melhores chances de trabalho (Oliveira, 2009).

Os nordestinos e os imigrantes trabalharam a fim de arquitetar o porto, dando ênfase nas práticas cafeeiras e na edificação civil. O urbanismo foi se desenvolvendo e as práticas comerciais deram origem a muitas chances de trabalho (Oliveira, 2009).

Segundo Oliveira (2009), o “centro velho” de Santos acabou mudando seu cenário, o qual antes era representado por moradias passa a ser representado, principalmente por áreas comerciais, as quais se associavam, sobretudo, à produção de café. O porto se desenvolveu e aumentou seu tamanho; da área do Valongo e Quartéis até o bairro Paquetá. Concomitantemente, construíram novas ruas e canalizaram os ribeirões.

O bairro Paquetá no começo do século XX era constituído majoritariamente por residências, caracterizadas por seus deslumbrantes palácios onde moravam as famílias mais abastadas. O desenvolvimento urbano fez com que as famílias migrassem da região central ou do Paquetá para outros territórios, em sentido praia, Vila Mathias e Vila Macuco (Oliveira, 2009).

A área portuária na década de 1940 começa a ser caracterizada pela boemia e noitada. O advento da boemia se deu para agradar diversos marinheiros, trabalhadores e milhões de pessoas que de alguma forma relacionavam-se com os serviços portuários. De acordo com Oliveira (2009), não há como saber de que modo nasceu a prostituição no Centro de Santos. No entanto, existem indícios referentes à vinda das “polacas”; mulheres sofisticadas, estigmatizadas como meretrizes, que foram ludibriadas por cafetões judeus, advindas do Leste Europeu (Polônia, Rússia e Áustria) com descendência judaica que atracaram no começo do século XX, no Rio de Janeiro e Santos. Elas não sabiam nosso idioma e não possuíam meios de subsistência para viver aqui, no Brasil. Com isso, como meio de sobrevivência, se refugiaram em casas de prostituição (Oliveira, 2009).

O Programa Municipal DST/aids de Santos/SP foi criado em 1989 (Neto, 2010). Segundo Fernandez (1993), a cidade de Santos/SP implantou uma resistente organização na prevenção, no atendimento, na terapêutica e na vigilância da AIDS. De acordo com a entrevista realizada com a assistente social do Centro de Referência

e Treinamento de DST/aids, Y (Apêndice D), no mapeamento que foi realizado por ela em Santos/SP, a zona clássica de prostituição pegava a Rua General Câmara, um pedacinho da Av. João Pessoa, a travessa dona Adelina, e a Rua João Otávio que abrigava o ABC House que fechou. Ali tinha também um cine privê e tinha a região da Praça dos Bombeiros. A extensão dessa área ia da Avenida Senador Feijó, passava na Avenida General Câmara até a Rua 7 de Setembro. Era uma região bem grande. E aí foi reduzindo, reduzindo... Porque daí a cidade se tornou a capital da AIDS. Com isso, aquela região ficou muito em evidência. Assim, o cliente não foi mais para o centro, porque em Santos/SP, capital da aids, esse lugar sempre esteve em destaque (Entrevista Y, apêndice D).

As agências de programa, as quais têm as *scort-girls*; moças de melhor escolaridade e melhor aparência que cobram o programa mais caro, por serem mais disputadas e por fazerem um programa diferenciado, apresentam um book ao cliente ou quando não é um book, essas moças se exibem para o cliente e o cliente tem o poder de escolha. Santos/SP chegou a ter 24 agências dessas. “E eram completamente espalhadas na região residencial, fora do centro que era a capital da aids. Havia agências em vários bairros da cidade, como na Vila Mathias, no Marapé, na Ponta da Praia, no Boqueirão, no Macuco. Algumas agências atuam até os dias atuais, as quais são mais tradicionais (Entrevista Y, apêndice D)”.

As regiões onde foram feitas as entrevistas abrangem o bairro Centro e contempla o baixo meretrício, o qual é caracterizado por prostitutas que trabalham nas ruas ou paredões, as quais ficam sujeitas a maior vulnerabilidade do que aquelas que trabalham em casas de massagem, por exemplo (Oliveira, 2009). Essas mulheres recebem valores menores, são mais disponíveis, menos rigorosas com os clientes do que as de alto meretrício. Elas, prostitutas de baixo meretrício, trabalham em locais públicos. É sabido que grande parte dessas mulheres são casadas e possuem filhos (Aranha, 2014).

Em minha pesquisa pude perceber que das onze mulheres entrevistadas, somente duas não têm filho (s) e dessas, cinco possuem parceiro fixo. Nesta pesquisa foram entrevistadas onze mulheres que são prostitutas. Percebi que muitas delas migraram para a cidade Santos/SP. A faixa-etária apresentada por elas abrange dos 19 anos aos 59 anos de idade. Abaixo há uma tabela descrevendo os dados das participantes de minha pesquisa:

Nome	Idade	Naturalidade	Filhos
Michele	38 anos	Nordeste	03
Bruna	25 anos	Presidente Prudente/SP	01
Eliza	43 anos	*ND	05
Margeli	40 anos	*ND	02
Rose	59 anos	Santa Catarina	01
Silvana	30 anos	Amparo/SP	0
Viviane	19 anos	Cubatão/SP	0
Carla	28 anos	São Paulo	01
Penélope	Não quis dizer	Santos/SP	01
Camila	ND	*ND	03
Rafaella	32 anos	*ND	0

*ND=não declarou.

No primeiro dia entrevistei mais mulheres do que no segundo. Após, transcrevi as entrevistas. Assim, escolhi para essas entrevistas, duas mulheres que me receberam muito bem e me deixaram à vontade. Pude descobrir com essas e com as outras entrevistas, peculiaridades e contextos de vida diferenciados e ao mesmo tempo comuns, como podemos ver nas categorias, abaixo:

5.2 HISTÓRIA DE VIDA - INFÂNCIA TRAUMÁTICA E O INÍCIO DA VIDA SEXUAL

No meu primeiro dia de pesquisa, entrevistei cinco prostitutas, e infelizmente, quando eu perguntei a três delas, como foi a primeira relação sexual (primeira vez), elas me falaram que haviam sido estupradas quando crianças. Além disso, duas delas me contaram que não tiveram uma estrutura familiar forte e afetiva durante a infância e relataram terem conflitos, com os respectivos maridos, que foram significativos para elas:

Ah, eu fui estuprada com 9 anos. Mas, aí depois eu comecei a gostar. Aí comecei a dar, tive o primeiro marido, tive o segundo(...) fui estuprada com 9 anos, é dose... A mãe tinha um monte de filho, aí deixava na casa de um, na casa do outro, aí foi pra casa da mulher, a mulher me batia. Aí, minha madrinha me pegou e o filho dela foi e me estuprou. E ele era da Marinha. Quando, ele chegava do trabalho, da viagem, dois, três meses, já me tremia de medo. Só depois com o tempo, a gente vem... Aí, quando eu fui me embora de lá, já comecei a namorar com um moleque, comecei a dar, e pronto, acabou. Mas, não esquece, né.... Mas, não tenho vergonha, não. Tive o primeiro marido que me roubou, foi embora, me deixou cheia de filho, com três filhos. Depois tive outro que não prestava, pronto. Aí decidi já ser de programa, não querer mais marido (Michele)

Eu fui estuprada com 10 anos. Com 11 anos, eu tava aqui. Eu não posso dizer.... Eu fiquei ainda 1 mês na Santa Casa e depois eu vim pra cá. Aí, eu não tenho boas recordações. Eu fui gozar, eu fui aprender a ter orgasmo com 27 anos, aqui. É isso. (Margeli)

Eu fui estuprada com 15 anos. Foi a minha primeira vez (...) O meu pai me batia muito quando eu era pequena. Então, eu saí muito.... Eu saí mais de casa, por causa disso. Tanto que o meu pai faleceu, eu “num” fui nem no enterro dele. Ele me batia muito, eu não podia dá uma risada que ele me batia. A minha irmã precisa... Precisa de uma pessoa pra ajudar ela... Vai criar você como filha e você vai estudar. Chegou lá, foi nada disso. A mulher fazia eu de empregada, eu tinha que limpar 13 “quarto”, levantar “4 hora” da manhã... Naquele tempo, não existia máquina tinha que lavar na mão. “Num” ganhava 1 centavo. Só ganhava roupa da filha dela que me dava usada. Ah, aquele tempo que eu era nova, andava bem arrumada, andava cheia de cordão de ouro. Eu tinha carro, eu tinha tudo, né... Aí por causa de homem, acabou com minha vida, né... Esse negócio de você se apaixonar, você pode crer que você vai pro buraco. Vai pro buraco (....) Quando eu era mais nova, né.... Aprendi com o pai da minha filha a usar

cocaína, foi ele quem me ensinou. Na minha gravidez, eu não usava droga, entendeu? Mas, depois que minha filha nasceu, que eu amamentava, eu cheira... Eu usava cocaína. Aí, ela vivia doentinha, vivia eu com os “óio” desse tamanho, correndo pra Santa Casa pra dar remédio... Ia levar... Apesar das minhas droga, nunca deixei de cuidar da minha filha. Pagava pra cuidar dela... Levava ela pra arrumar os “dente”, mandei colocar aparelho nos dente... (Rose)

5.3 O CUIDADO PARA ELAS

O cuidado para a maioria das entrevistadas está atrelado ao uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais, quando estão trabalhando. Muitas alegam o uso do preservativo masculino pelo medo do vírus da imunodeficiência humana. Somente duas, das onze mulheres entrevistadas relataram terem usado preservativo feminino. No entanto, ambas apontaram alguma desvantagem com o uso, seja por desconforto ou pelo longo tempo de inserção do preservativo. A maioria delas disse que não acham um método confiável, e que não sabem colocá-lo. E, quando perguntado se as que não usaram fariam uso desse preservativo, essas disseram que não. Entendo que há uma insegurança com elas mesmas... Uma delas (entrevistadas) até referiu que o preservativo masculino é melhor do que o feminino, sendo que ela nunca usou o preservativo feminino. A maioria das entrevistadas que tem parceiro fixo alegou não usar nenhum preservativo com o mesmo. Segundo as falas da maioria das entrevistadas, os preservativos são adquiridos indo à policlínica. Também falaram que há a distribuição dos preservativos pelas agentes comunitárias de saúde nas ruas; locais onde exercem o baixo meretrício. A maioria das mulheres declarou falar de sua profissão para os profissionais de saúde, uma delas falou que dizer sua profissão aos profissionais de saúde é uma forma de se orientar mais sobre saúde e se caso, precisar de algum tratamento disse que é mais fácil para realizá-lo. O cuidado foi relatado não somente pelo uso da camisinha, mas também, algumas entrevistadas relataram fazer exames para ISTs/AIDS, exame preventivo e tomar anticoncepcional. Não foi relatado por elas, a orientação de dicas personalizadas a elas pelos serviços de saúde. Observei a

presença de cuidados para além do biológico, como o cuidado delas com a profissão, com a família e foi vivenciada uma situação em que apareceu até o cuidado comigo (pesquisadora). Não foi relatado a ida delas aos serviços de saúde para tratar da vida emocional e nem referiram o cuidado relativo à vida espiritual:

Da camisinha? Eu uso camisinha, só saio de camisinha. Às vezes, o homem quer que vá fazer: — Não, camisinha a gente usa só para meter na vagina, mas na boca tem que ser sem. Aí, a gente já diz que não. Aí diz que não. Tem umas que vai, a gente já não vai. Porque sabe também que pega doença pela boca. Aí, a gente já não vai. Mas tem que fazer completo com a camisinha, mesmo. Bom, o preservativo feminino, eu não confio. E, não uso, e nem sei usar. Não uso, nem sei usar, não confio. Não sei botar, também. Nem se eu soubesse, eu não confio (risos). Quando eu vou na médica, eu falo que sou (prostituta), porque eu tenho marido, né. E também, isso aí foi que eu fiquei sabendo devido a casos de doenças de amigas contar o que aconteceu, porque ela ficou doente. Aí começou a dar exemplo para nós. (Michele)

A gente usa preservativo em todas as relações sexuais, né. E, não faz nada sem. Higiene direitinho são os cuidados básicos, claro, né? A minha prevenção sempre é o preservativo. Não.... Não, acho muito inseguro (referindo-se ao preservativo feminino). Aquela coisa tem que ficar segurando ele. Pra mim é desconfortável. Prefiro o masculino, mesmo. Mas, sempre faço meus exames preventivos, mamografia, ultrassonografia transvaginal, os exames de prevenção de câncer. Sempre eu to fazendo, que eu também.... Não sou formada em enfermagem, mas fui até o 6º período. Geralmente, eu pego (preservativo) na unidade de saúde, e quando eu não pego lá, geralmente, eu compro. Eu prefiro ter o meu. Se, o cliente tiver o dele, tudo bem. Mas, caso ele não tenha, eu sempre tenho o meu. Bastante (risos) (Eliza)

Tenho relação com camisinha, preservativo. Chupo de camisinha, faço oral com camisinha. Faço exame de três em três meses; exame de

sangue, HIV, de rotina, né? Faço preventivo, uma vez, duas vezes ao ano e tomo injeção anticoncepcional que é de três em três meses. Já usei uma vez (preservativo feminino), mas ele demora muito pra colocar. Eu acho que ele demora bastante. Usei uma vez só. Mas, não tenho nada contra. Falo (referindo-se ao falar sua profissão aos serviços de saúde). A policlínica distribui pra gente (preservativo) (...) Eu não sei como funciona isso, porque às vezes eu pego, às vezes eu não pego. Aí, geralmente.... Ou eu compro, também. Porque, eu tenho alergia à camisinha do posto. Aí pra não me dar alergia, eu compro. (Bruna).

Eu me cuido com camisinha. Geralmente, quando o homem não quer usar preservativo, eu uso camisinha feminina, apesar que incomoda um pouco. Incomoda. Mas, eu vou sozinha. Tem muito cara que quer pagar o dobro pra ir sem camisinha, eu não vou não, porque várias amigas minhas morreram de HIV, muitas. Muitas. Eu to aqui desde os 11 anos de idade. Mas, eu me cuido assim. E vou sempre no centro de saúde, né? (Margeli).

Ah, eu me cuido usando preservativo, né? Não ando sem preservativo, porque hoje em dia tá difícil, né? Com esse problema da aids, e é assim que eu me cuido. Não (referindo-se ao uso do preservativo feminino), porque é muito complicado, não dá certo aqui. Hoje em dia, não vou mais (aos serviços de saúde), desisti. (...). Minha filha, to louca pra morrer e num morro (Rose).

Sempre procuro usar o preservativo, porque hoje em dia o HIV tá... O risco de HIV é muito maior. Então, procuro sempre tá usando o preservativo. Não, nunca usei. Já vi, mas nunca usei, não (referindo-se ao preservativo feminino). Não, quando eu vou, eu não costumo falar (referindo-se ao falar da profissão aos serviços de saúde). Mas, eu vou. Uma ou duas vezes no ano, a gente sempre vai, tanto eu, quanto ela. Mas, eu vou. Uma ou duas vezes no ano, a gente sempre vai, tanto eu, quanto ela (nos serviços de saúde). A gente costuma buscar (preservativo) no posto, ou se não, comprando. Mas, é mais pelo posto, mesmo (Silvana).

Sim, a cada 6 meses, eu faço Papanicolau, normal. Faço exame de rotina de... Simples, DST, HIV, normal, como toda mulher faz. Não sei, nunca usei e nunca tive curiosidade de usar (referindo-se ao uso do preservativo feminino). Então, eu não faria, não. Sim, falo, sempre (referindo-se ao falar sua profissão aos serviços de saúde). Sempre falo. Eles sempre me perguntam quantos parceiros mais ou menos no ano... O posto. O posto eles dão preservativo pra todas (Carla).

Higiene, né... Preservativo que é essencial, né.... Primordial. E observar bem e ter cuidado, né? Porque, se não, a outra parte vai querer te enrolar, alguma coisa, né? E te prejudicar, então... E fazer exame, todo ano, né? Aí é importante. Nunca usei, não, mas não sei colocar, não (referindo-se ao preservativo feminino). Já peguei, mas.... Acho que eu não sei colocar, não. Então, eu uso o masculino, mesmo. Sim, porque, eu já me trato faz tempo no postinho, então a médica já me conhece. E eu não tenho vergonha, não, porque de repente aparece uma doença e vou explicar como? Então já falo logo, e aí ela já faz e já sabe, e... E aí pra fazer o tratamento já é mais fácil, também, né? (Penélope).

O cuidado é se prevenir, primeiramente, né... Sempre tiver com a camisinha na bolsa, né... É... Tomar cuidado “cas” “doença” transmissíveis, né... E, sempre tiver atenta pra tudo, né... Não, não falo (referindo-se ao não falar que é prostituta para os serviços de saúde). Não falo, não comento, nem nada. Comento com você, porque tô fazendo a entrevista com você, né? Vou no ginecologista que isso é importante (...). Sim, vou ao médico, né.... Às vezes, vou na Santa Casa de Santos que eu já trabalhei lá, então... Eu vou no UPA, né.... Nos postos, né.... Que nos fornecem camisinha, essas coisas, né. Então, sempre tô com camisinha na bolsa. Sempre prevenindo (Camila).

Não, nenhuma (referindo-se se recebe alguma orientação especial por sua profissão). Nenhuma. Só mesmo o que nós já “sabe”, o que todo mundo já sabe, né? Nenhuma coisa especial, não, pra nós, não. Não temos (Carla).

Não, se eu tenho alguma dúvida, eu vou e pergunto pra ela e ela explica (referindo-se se recebe alguma orientação especial por sua profissão) (Penélope).

Eles dão (preservativo) aqui, se eu não pego aqui, eu pego na policlínica. (Penélope)

Não misturo trabalho com bebida (...) Não, não beijo na boca. Que nem diz uma amiga: - Beijo apaixonado. Dou selinho. Também, não gozo com o cliente. Na relação é estritamente o programa, mesmo, profissional. Nada, além disso (...) Sim, a gente conversa o básico (referindo-se às orientações sobre relacionamentos aos enteados). (Silvana)

Na minha gravidez, eu não usava droga, entendeu? (...) Mas, depois que minha filha nasceu, que eu amamentava, eu cheira... Eu usava cocaína. Aí, ela vivia doentinha, vivia eu com os “óio” desse tamanho correndo pra Santa Casa pra dar remédio... Ia levar... Apesar das minha droga, nunca deixei de cuidar da minha filha. Pegava pra cuidar dela... Levava ela pra arrumar os dente, mandei colocar aparelho nos dente(...) Quando você vem aqui, você vem sempre com a calça comprida, um vestido comprido, toda descabelada... Não vem arrumada, porque os “homem” acha que tu tá fazendo programa (preocupação comigo) (...) Vai, vai, meu filho (advertindo um homem que passou de moto e passou olhando para nós, me protegeu do mesmo, disse que ele achou que eu era prostituta). (Rose)

5.4 REINCIDÊNCIA NA PROFISSÃO E O DESEJO DE MUDANÇA

Durante as falas das entrevistadas, achei interessante que duas delas disseram que já saíram e voltaram para a profissão. Isso me fez pensar sobre o porquê que elas entraram na mesma, e me perguntei também, se o gosto e o prazer por essa profissão influem nessa reincidência e nessa escolha. Silvana me confessou que em curto prazo irá deixar essa profissão (novamente), e disse que está nessa profissão pelo dinheiro.

Camila, a qual está grávida, também tem o desejo de mudar de profissão e disse que está nela porque tem contas a pagar. Diferentemente das duas falas comentadas anteriormente, a fala de Michele me chamou a atenção, pois ela disse que não consegue sair da profissão, me fazendo pensar que ela possa gostar da mesma. Seguem as falas na íntegra:

Até eu vim começar de novo, porque eu tô “meia” deslocada. Tô com 40 anos, fiquei fora, mas é isso. Sempre tem um que sai, né? Mas é aquela velha luta do dia a dia, né? Disputa. Às vezes tem até travestis no meio.... É terrível (Margeli).

Agora que eu voltei tem um ano, mas o total são 10 anos. Mas, já saí três vezes e voltei.... Voltei pra cá. Por causa de emprego, falta de emprego, eu vim pra cá de novo. Questão financeira... Se Deus quiser até março, eu já vou tá longe daqui... Se Deus quiser. Tá bem melhor, porque aqui, você tem que ficar se escondendo dos amigos, conhecidos... Então, tando longe daqui é bem melhor. Ter outro emprego (Silvana).

(...)Tô nessa vida por uma precisão, tô entregando currículo, mas “cê” sabe que do dia pra noite não vou arrumar isso. Eu pago um aluguel. Eu tenho duas meninas e tenho um que tô esperando (Camila).

(...). Depois agora, eu arranjei um, trabalhador, mas eu não consigo largar ser de programa, mas não venho todo dia, de vez em quando, só pra... (Michele).

5.5 O NÃO USO DO PRESERVATIVO NA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

Observamos que algumas participantes, não obtiveram orientação sobre prevenção antes da primeira relação sexual e não usaram preservativo na primeira relação sexual. Elas disseram que não tiveram nem orientação familiar e nem escolar. Uma entrevistada, inclusive disse que estar nessa profissão a ensinou a se prevenir.

Não, no caso, eu fui um pouquinho acelerada nessa parte. Mas, não recebi tanta orientação na primeira vez. Mas.... Comecei a me cuidar depois de um tempo. No começo foi aquela coisa, né.... De adolescente, de emoção, mas, não tive orientação. Mas, depois, eu recebi as “orientação” certa, então, eu me cuido até hoje (Viviane).

Ah, ok. Não, não tive orientação da minha mãe, na época e logo em seguida, engravidei com 17 anos. Fui mãe com 18. Mas, não tive orientação, na época (Carla).

Não, foi na raça mesmo. Apreendi sozinha. (...). Não. Antes, se eu não tivesse vindo trabalhar aqui, com certeza, eu estaria doente, porque eu nunca usei camisinha. Eu só vim aprender, mesmo e dar valor à camisinha, preservativo, quando vim trabalhar aqui. Se não... (Penélope).

Não, não recebi nenhuma orientação, foi sem orientação nenhuma e foi sem preservativo. Agora eu já sei me cuidar, né? Mas, antes, eu não sabia (Rafaella).

5.6 A HOMOSSEXUALIDADE E A PROSTITUIÇÃO

Pude conhecer só uma entrevistada que se diz lésbica, suas vestimentas englobam camiseta, bermuda, calça e tênis. No entanto, ela faz programa apenas com o público masculino. Quando foi perguntada se beijava na boca dos clientes, disse que não, pois o beijo na boca pode apaixonar... Outra situação que me chamou a atenção é que ela diz ir ao serviço de saúde, uma, duas vezes ao ano e diz relatar ao profissional de saúde sobre sua orientação sexual e profissão. Porém, nunca fez uso do preservativo feminino e não relatou o uso de barreiras no sexo oral com sua parceira.

Só o público masculino, não trabalho com mulher. Não faço programa com mulher. Olha.... Fazer com mulher, eu não tenho essa coragem... Eu tenho muita vergonha, então eu acho que... Posso tentar, mas nunca parei para pensar nisso, não. É muita vergonha, mesmo. Quando o cliente fala que a esposa tem curiosidade até faço.... É muito raro, mas... É, estritamente só o masculino, mesmo. Não trabalho com o público feminino, não (...) não, não beijo. Não beijo na boca. Que nem diz uma amiga: — Beijo apaixonado. Dou selinho. Também, não gozo com o cliente. Na relação é estritamente o programa, mesmo, profissional. Nada, além disso (...) não... Antes de eu me assumir, eu fiquei noiva por causa dos meus pais, aí cheguei a ficar noiva, mas.... Aí quando ele aprontou, eu já tive a oportunidade de me revelar pra família. (...) Sempre (referindo-se ao uso de suas vestimentas; camiseta, bermuda). Só bermuda, camiseta ou calça. Nunca saía, nem vestido. Nem pensar (...) não, eu falo pra ela (ginecologista) que eu sou casada com mulher... Que eu sou homossexual. Mas, também eu falo da minha profissão. Geralmente, quando eu vou na médica, eu falo (Silvana).

5.7 PRECONCEITOS

A participante Rose disse para mim sobre sua vida dizendo que sua filha não a procura, pois o genro não deixa. Disse que ele bate em sua filha, e que ela sempre deu do bom e do melhor para ela. Assim, disse que sua filha se interessa muito por dinheiro e que seu marido por mais que seja agressivo, dá muitos presentes a ela, disse que o mesmo é empresário e que ela, sua filha, se submete a essa vida pelo dinheiro. Desabafando comigo, disse que tem vontade de morrer, vista tamanha tristeza que a falta de comunicação com sua filha e com seu neto traz para ela. Tentei acalmá-la, a elogiando, encorajando a se gostar, a escrever e a continuar sua vida pelo seu neto, o qual pareceu gostar muito. Ela, inclusive falou que ali, nessa profissão, ela não aprende nada. Só regride (Diário de Campo, Apêndice C). Observei que há também o preconceito delas com elas mesmas por suas profissões, o que pude observar nas palavras de Camila:

Mas o marido (genro) não deixa (a filha dela visitá-la). Aqui... A minha filha odeia esse lugar... Aqui na cidade, porque todas as mulheres que andam por aqui, os cara acha que é prostituta (...) Aqui, você não aprende nada... Aqui o que você aprende? A usar droga, a falar palavrão (...). (Rose)

Não, não falo. Não falo, não comento, nem nada (não fala de sua profissão aos profissionais de saúde). (Camila)

6 DISCUSSÃO

Os resultados apresentados me surpreenderam visto às diversas histórias relatadas conterem um sofrimento. Esse sofrimento para algumas é decorrente de situações passadas, para outras é decorrente de seu presente e há algumas que vivem com esse sofrimento desde seu passado até os dias atuais. Assim, para que possam refletir sobre os cenários por onde passei e a forma que abordei a população estudada trouxe meus diários de campo a fim de agregar mais conhecimento.

No dia 29 de novembro de 2017 fui ao centro da cidade de Santos/SP, mais especificamente à Praça José Bonifácio, onde é uma praça em que algumas prostitutas trabalham. Geralmente, elas estão sentadas em um banco. Nessa praça há uma banca próxima ao local em que três mulheres estavam sentadas. Eu sabia que essas três mulheres eram prostitutas, porque eu lembrei de ter visto um documentário sobre prostituição em que uma senhora de olhos claros que estava sentada ali participou (comentários). Quando cheguei próxima a essas mulheres, minha primeira fala foi direcionada a essa senhora. Perguntei: — Oi, não foi você quem participou de um documentário realizado pela rede Record? A senhora me respondeu: — Eu não assisto Record, só a Globo. Aí eu puxei assunto com as outras moças, expliquei sobre minha pesquisa e uma delas, Michele (nome social), a qual bem receptiva, aceitou ser entrevistada por mim. Michele, por mais que seja uma moça bem alto-astrol, tem uma história de vida bem sofrida. Quando perguntei a Michele sobre sua primeira relação sexual, ela disse que foi estuprada com 9 anos de idade. Confesso que por ter sido minha primeira entrevista, não soube muito bem como reagir a essa declaração, pausei minha fala por alguns instantes e continuei a entrevista como se fosse uma jornalista de televisão, que muitas vezes exerce a resiliência para que continue a passar todas as notícias que precisa, sejam elas boas ou ruins.

Nesse mesmo dia, abordei uma moça, com nome social Margeli, a qual foi a minha quarta entrevistada e que estava sentada em um bar da Avenida Senador Feijó de esquina com a Avenida João Pessoa. A moça foi muito receptiva comigo, inclusive falou para eu me acalmar, visto que devo ter passado um pouco de ansiedade para ela. Conversa vai, conversa vem, a história de vida dessa moça também me abalou, visto que ao ser abordada quanto a sua primeira relação sexual, a mesma disse que

foi estuprada com 10 anos e com 11 anos, ela começou a se prostituir, e desde então não saiu mais dessa profissão. Essa moça demonstrou uma respiração ofegante, uma fala cansada, como quem fuma ou já fumou muito.

Após muitas andanças por várias ruas do centro da cidade, e por indicações de duas moças que são prostitutas, que foram abordadas por mim na Praça Tenente Mauro Batista de Miranda, mas que não quiseram participar de minha pesquisa, cheguei a um hotel conhecido delas, localizado na Rua Martim Afonso. Esse hotel é próximo à Avenida São Francisco. Apoiada em um poste encontrava-se uma moça loira, aparentando ter seus 50 e poucos anos. Expliquei sobre minha pesquisa e ao conversar com ela, essa desabafou comigo sobre sua vida dizendo que sua filha não a procura, pois seu genro não deixa. Essa moça, com o nome social Rose, foi minha quinta entrevistada e ao ser abordada quanto a sua primeira relação sexual, também me disse que foi estuprada, aos 15 anos de idade (Diário de Campo, Apêndice C).

Nesta direção, pode-se dizer que a ocorrência de abuso sexual pode prejudicar a vida sexual de mulheres abusadas. Em um estudo foi verificado que mulheres que foram vítimas de abuso sexual na infância apresentam um elevado interesse sexual quando comparadas em relação às não vítimas e pendem a serem mais desinibidas durante a relação sexual. No tocante à idade, adultos que foram abusados quando crianças manifestam um maior comportamento hiperssexualizado em comparação aos que foram abusados posteriormente à idade escolar e à adolescência, os quais manifestam, com mais regularidade, comportamentos de repulsão sexual (Krindges et al., 2016).

A autoestima associada ao amor próprio é o suporte de construção do ser humano. Sua construção se inicia na infância, de acordo como somos cuidados pelos outros. Assim, as vivências antigas influem na autoestima quando nos tornamos adultos (Grando, 2008). O caso de Rose pode estar atrelado a uma baixa autoestima, visto que seu pai a maltratava e foi também estuprada quando adolescente.

No estudo Roussiad (1985), a miséria, a falta de estrutura familiar faz com que as mulheres se tornem vulneráveis à prostituição. As mulheres que participaram de seu estudo, iniciaram nesta profissão de forma ocasional, aos dezessete anos de idade, sendo amantes ou criadas forçadas de operários.

Grando (2008) observou que grande parte das mulheres prostitutas que participaram de seu estudo relataram em suas falas, a questão da rejeição em diversos aspectos, referindo que elas são seres humanos abusados e não desejados.

Uma participante desse estudo relatou que sua mãe não gostava dela quando criança, assim ela bebia detergente para chamar sua atenção.

Percebi que a história de Rose se parece com a da Cristiane F. No livro: Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada, prostituída... (Herman; Horst, 1982), Cristiane começa a se drogar com heroína, porque as outras drogas já não fazem mais efeito, além de conviver com viciados nessa droga, como seu namorado, o qual se prostituía até mesmo com homens para pagar seu vício. No entanto, Cristiane acaba indo pelo mesmo caminho do namorado, tornando-se viciada em heroína. Rose, segundo relato, começou a usar cocaína influenciada pelo pai de sua filha. Outro fator que aparece na história da Cristiane F. e que pareceu ter sido uma situação vivenciada também pela Rose é a rigidez que seu pai tinha perante a ela, não tolerando seus erros e de forma a usar a agressão como correção.

No estudo de Sousa (2012), observamos que há um relato de uma participante dessa pesquisa que diz que ingressou no mundo da prostituição, como forma de revolta ao ex-marido, porque reparou que seu marido estava a traindo com mulheres que eram prostitutas. No caso da participante Michele, sua entrada nessa profissão se deu por desilusão amorosa, segundo seu relato. De acordo com exposto pela participante Y (Apêndice D) que é assistente social do atual Centro de Treinamento e Referência de Santos/SP, o qual nos anos 80 era o Centro de Saúde Martins Fontes, as mulheres prostitutas relatavam tudo para ela, pois elas participam de uma organização de prostitutas que havia nesse serviço de saúde. Diferentemente de minha pesquisa em que a maioria das entrevistadas dizem que quando vão aos serviços de saúde alegam ser prostitutas, no estudo realizado pela participante Y (relatado em entrevista, Apêndice D) a maioria ocultou a profissão. Para a participante, essa questão foi uma situação que apareceu bastante:

(...). Porque com a expansão do Programa de Saúde da Família, elas estão sendo obrigadas a serem atendidas no seu território e a maioria, não se declara com prostituta no lugar que mora, né... E, muitas têm dificuldade de acesso.... Por quê? Porque o PSF não aceita uma declaração da dona do hotel que ela mora lá. Então, por exemplo, a menina é de Curitiba, se ela passar mal, ela vai na UPA, então não tem problema, nenhum. Agora, para ela fazer um cadastrado dentro da Unidade do PSF, ela não tá no mapeamento do agente comunitário,

porque o agente comunitário, não mapeia hotel. Então, vai depender muito da sensibilidade do gestor, vai depender muito da sensibilidade do agente comunitário, de poder garantir esse acesso, né.... Algumas meninas têm bastante dificuldade.... As que moram na cidade, não, porque, elas tão no cadastro da UBS como moradora, mulher do lar (Participante Y, Apêndice D).

Para Oliveira (2009) a cidade de Santos produz um serviço valioso de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, o qual é indicação internacional.

Em relação aos cuidados de saúde relatados por elas, apesar de terem citado a ida ao centro de saúde e à realização de exames, uma entrevistada, de nome social Viviane disse que na cidade onde ela mora (Cubatão/SP) é muito difícil o acesso aos serviços de saúde, apesar de ela querer se consultar. Isso me faz questionar se a Equipe Consultório na Rua poderia abranger seu atendimento a esse público que trabalha na rua.

Segundo Cruz, Ferreira, Martins, Souza (2016), a ausência das prostitutas nos serviços de saúde se dá, de modo geral, pela dificuldade de acesso a estes. Os serviços de saúde devem adequar seus horários, estrutura e qualificar seus profissionais a fim de satisfazer as demandas apresentadas por essa população (Cruz, Ferreira, Martins, Souza, 2016).

Sobre acesso a saúde, no estudo de Barbosa (2014) foi verificado que há uma baixa aderência de mulheres ao exame preventivo. Kalckmann (2013) em um trabalho longitudinal e de avaliação da continuidade de uso do preservativo feminino em uma população de mulheres que frequentaram sete serviços direcionados à assistência às ISTs/AIDS na Grande São Paulo, observou que após 12 meses de acompanhamento dessas mulheres, somente 3,37% das mulheres fizeram uso do preservativo feminino. No terceiro mês de acompanhamento, a porcentagem era de 28,5% e no sexto mês era de 18,8%. Durante essa pesquisa foram dispensados 12 preservativos masculinos e 12 preservativos femininos e as participantes eram convidadas a retornarem em um mês ao respectivo serviço. A verificação do maior uso deste preservativo se deu em mulheres que são soropositivas com parceiros com sorologia desconhecida e/ou negativa. No entanto, foi observado o rompimento do uso deste por alguns motivos, dentre eles, uma participante que é prostituta relatou ter usado com seus clientes e

com o parceiro, referindo que eles gostaram, mas que acha o valor deste muito caro. Outra colaboradora da pesquisa, relatou que deveriam dispensar mais preservativos femininos, referindo que as mulheres gostam mais desse preservativo.

Sobre ações voltadas a prevenção, a participante Y (Apêndice D) menciona que as agentes comunitárias de saúde do Centro de Referência e Tratamento de Santos/SP vão a um bar chamado Bar “Ronda” a fim de distribuírem preservativos, tanto femininos quanto masculinos, para as prostitutas que trabalham nesse local. O preservativo masculino tem uma maior aderência entre elas, enquanto, o feminino tem uma baixa aceitação. O uso do preservativo feminino está ligado à forma que a mulher reconhece seu corpo. Esse Centro de Referência e Tratamento de Santos/SP realizava oficinas com prostitutas e profissionais de nível universitário, e nessas oficinas foi observado que tinham moças que não sabiam que tinham dois orifícios. Achavam que a menstruação, o bebê e a urina originavam-se de um mesmo lugar. Assim foi trabalhado com elas; um espelhinho e álbuns seriados a fim de que elas reconhecessem seus corpos (Entrevista Y, apêndice D). Esse relato discorda com que o Cruz, Ferreira, Martins e Souza (2016) observaram em sua pesquisa, de que os serviços de saúde não dão atenção adequada às prostitutas.

A Prefeitura Municipal de Santos, pela Secretaria de Saúde, possui um serviço de prevenção, o qual se dá por meio de orientações e pelo fornecimento de preservativos femininos e masculinos por intermédio das Agentes Comunitárias de Saúde que fazem visitas a boates, bailes de idosos e também nos hotéis de alta rotatividade e para as mulheres que trabalham nas ruas (Oliveira, 2009). Eu fui a uma intervenção desse programa em uma boate famosa do Centro de Santos, onde trabalham prostitutas. As Agentes Comunitárias de Saúde são supervisionadas pelo Assistente Social, do Centro de Referência e Treinamento de Santos/SP e na ocasião, distribuíram ao todo 35 preservativos para as mulheres que trabalham naquele local. Além do fornecimento dos preservativos, elas orientam quanto ao uso do preservativo feminino e também disponibilizam gel lubrificante. Cabe assinalar que este trabalho na boate ocorre semanalmente, toda quinta-feira às 21 horas. Percebi que há maior procura pelo preservativo masculino.

Em relação às orientações específicas dadas a essa população, observei no dia que fui a esta boate famosa do Centro de Santos, junto com a equipe de saúde, que as Agentes Comunitárias de Saúde forneceram ainda um folder chamado “Dicas para Mulheres Profissionais do Sexo” produzido pela Secretaria Estadual de Saúde

de São Paulo. Este material pareceu-me bem didático e explicativo. Achei interessante uma “dica”, presente neste, de realizar uma “toalhinha” confeccionada com a camisinha masculina, papel filme ou PVC como método preventivo durante o sexo bucal. Além de estar presente a orientação quanto ao uso da camisinha nos brinquedinhos eróticos e a importância de sua troca após a cada uso.

Pasini (2000 a) conta em sua pesquisa que o uso do preservativo é visto como um divisor simbólico, separando o contato pessoal do profissional. Assim, verificou-se que as prostitutas usam preservativo com seus clientes, mas que, no entanto, não realizam esse uso com suas parcerias afetivas. Sobre isso, recorro ao que foi dito por Camila que diz se cuidar muito, se prevenir “muito”. Porém, diz estar grávida. Outro ponto trazido em relação ao uso de anticoncepcional foi a vinculação do mesmo somente a uma questão reprodutiva, esquecendo a função que o preservativo tem de prevenir doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, assinalam que desconsideram seu uso pela crença na fidelidade de seu parceiro, como no caso de Viviane e Michele, as quais subestimam a capacidade de seus maridos de traí-las. Essas duas participantes disseram não utilizar camisinha (masculina) com seus parceiros fixos.

O manual realizado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2002) discorre sobre a questão dos fatores afetivo-sexuais das vidas das trabalhadoras do sexo que as vulnerabilizam igualmente àquelas que não realizam essa atividade. Esta questão é constatada pelo fato de existirem ínfimas ações de prevenção direcionadas às parcerias fixas delas.

Não encontrei nenhum artigo abordando sobre a reincidência à prostituição. No entanto, me surpreendi com a quantidade de tempo que a participante Silvana está nessa profissão, ao todo são 10 anos de profissão. Silvana diz que está nessa profissão por questões financeiras para ajudar sua esposa e seus pais, o que demonstra o cuidado que ela tem com seus familiares. Foi notado no estudo de Aranha (2014) que as prostitutas que são de classe social menos abastada declararam, principalmente, que as razões de estarem nessa profissão se dá pela falta de dinheiro e consideram essa profissão, uma forma de suprir suas necessidades e de seus familiares.

Segundo Ferreira et al. (2010) mais do que uma predileção a essa atividade há uma determinação social, a qual é resultante do que a sociedade impõe. Essas mulheres (prostitutas) estão em iminente situação de vulnerabilidade social. Moraes

(1995) cita que juntamente à “necessidade de ganhar dinheiro” existem alguns outros motivos que favorecem a entrada na prostituição, dentre eles “por gostar”. No documentário “Damas da Noite da cidade de Santos/SP” (2015), uma participante relata que gosta dessa profissão, pois agrega a obtenção de prazer com o ganhar dinheiro.

O referido documentário (2015) conta a história de dona Ana, que já trabalha há 30 anos nessa profissão. Ela disse que teve a oportunidade de mudar de vida. Ela semelhante a participante Michele, teve um relacionamento com um cliente e este prometeu mudar sua vida. No entanto, ela preferiu continuar sua vida como dama da noite e não como uma dona de casa, parcialmente igual à participante Michele, que embora esteja casada, continua nessa profissão.

Uma moça que participou da pesquisa da Oliveira (2009), realizada na cidade de Santos, quando indagada se queria sair dessa atividade, ela disse que sim, pois ela não queria envelhecer e continuar trabalhando. No entanto, percebi que essa mesma participante possui o mesmo nome social de uma participante de minha pesquisa e a mesma conta que tinha participado de um TCC, o de Oliveira (2009). Ou seja, se passaram 8 anos e essa mulher continua nessa profissão. Em o documentário “O submundo da prostituição” (2011), duas moças que são prostitutas e que estão grávidas dizem que estão nessa profissão, porque precisam, assim como a entrevistada Camila falou, e alegam que ninguém trabalha nessa atividade porque gosta. De acordo com Moreira (2007), em Portugal, as prostitutas eram obrigadas a se inscreverem no Regulamento Policial das Meretrizes e Casas Toleradas da Cidade de Lisboa de 1858 e caso estivessem grávidas tinham de informar à polícia e os/as seus/suas filhos (as) ficariam sob tutela da polícia até os três anos de idade. Caso descumprissem essas normas, seriam presas.

No estudo de Almeida e Centa (2009), do qual participaram 10 familiares de estudantes de uma escola privada do município de Toledo, Paraná, alguns pais referiram se sentirem envergonhados em conversar sobre sexualidade com seus filhos, pois não tiveram uma educação que privilegiasse esse tema. Alguns deles, também revelaram o cuidado de passar aos seus filhos sobre o quão é importante se respeitar e respeitar o outro, além de falar sobre prevenção e comportamento sexual.

Além disso, parece necessário considerar a questão de gênero e a identidade sexual que foi trazida por uma das participantes. Sobre isso, Camargo (2006) diz que ao mesmo tempo que a identidade de gênero se relaciona à identificação histórica e

social das pessoas que se veem como masculinos ou femininos, a identidade sexual é diretamente proporcional com a forma que os sujeitos vivenciam seus desejos carnavais, de vários modos: sozinhos/as, com parcerias do mesmo sexo ou não. Vemos que a entrevistada Silvana, apesar de se autodenominar como homossexual exerce sua identidade sexual de vários modos, como relatado anteriormente. Para Bezerra (1995), as lésbicas pendem a ser habitantes de dois universos, o gay e o heterossexual. No universo heterossexual necessitam “passar por héteros” ou ao menos possuir um desempenho que as identificam como femininas. Já no universo lésbico, elas têm de atenderem regras divergentes para acolhidas. Nesse estudo foi observado que essas prostitutas não têm controle acerca da possibilidade de sentirem prazer com os homens. No entanto, a entrevistada Silvana, diz que não sente prazer com os clientes do sexo masculino e que seu papel é estritamente profissional.

Pasini (2000 a) assinala que um dos modos como as prostitutas se expõem e se apresentam, ou seja, a forma como se vestem, usando a roupa como um instrumento atrativo, além do corpo ser revestido de maquiagens e vestidos, se mostra como “pré-requisito” da profissão. No entanto, a participante Silvana está na contramão desses requisitos, visto que ela só gosta de usar calça, camiseta e bermuda.

No estudo de Nóbrega et al. (2013), o qual foi feito com mulheres que participam de um grupo de suporte às LGBT, foi percebido que o profissional de saúde, em grande parte das vezes, não aborda a questão da orientação sexual. Quando os profissionais de saúde observam que a mulher é homossexual, não lidam abertamente sobre esse assunto. De acordo com os dados desse estudo, a utilização do preservativo nas relações homossexuais não é usual, especialmente quando há parceiros fixos. Sobre essa situação podemos recorrer ao caso da participante Silvana, a qual relata que nunca utilizou preservativo com sua esposa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que faltam ainda, os serviços de saúde olharem para a diversidade sexual, visto que pelo relato de uma das participantes foi constatado que em sua vida profissional, ela possui relação heterossexual e se previne, utilizando camisinha masculina. No entanto, em sua vida pessoal, a qual envolve um relacionamento homossexual, ela não utiliza nenhum método preventivo, apesar de relatar que diz aos profissionais de saúde sobre sua orientação sexual e profissão. O uso do preservativo feminino não é bem aceito pelas participantes dessa pesquisa. Precisamos falar mais dos benefícios desse uso, alertando, não só a elas, como a população em geral (feminina e masculina), pois é imprescindível que todas as pessoas se instrua sobre as qualidades desse método de prevenção para que haja uma inserção mais eficaz deste.

Foi observado que há um manual chamado “Dicas para mulheres profissionais do sexo” produzido pela Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. Este é bem didático e dá algumas dicas específicas a esse público, como realizar uma barreira de prevenção durante o sexo oral com o uso de outros materiais como PVC ou papel filme e até mesmo com a própria camisinha masculina. Esse manual alertou também a necessidade de usar a camisinha masculina nos brinquedinhos eróticos e trocá-la sempre após o uso. Com isso, achei interessante que essas dicas devem ser compartilhadas a todas as mulheres, independentemente de suas profissões.

A falta de uma estrutura familiar foi também um fator relevante visto nessa pesquisa, pois observamos a presença de conflitos familiares, a ausência de convívio, a ausência de atenção no desenvolvimento de suas filhas, e também a ausência de diálogo com elas. Podíamos pensar para atenuar esse fator tão essencial na construção humana, a presença de assistência social e psicológica nas escolas, além nos serviços de saúde.

Duas situações me chamaram bastante atenção, uma é relativa a falta de infraestrutura e facilidade de acesso às consultas médicas na cidade que uma das participantes da pesquisa reside. A outra situação se refere à fala de uma participante da pesquisa, sendo a mais velha delas, que relata que já desistiu de se cuidar, e de sua vida. No entanto, esse cuidado tem a ver com o olhar do outro para ela, que no caso é o olhar de sua filha, a qual se afastou dela. Com isso, pensei que a Equipe do

Consultório na Rua poderia abranger estas mulheres que apesar de não serem moradoras de rua, são prostitutas de rua e poderiam ser atendidas por esse programa, o qual possui um atendimento integral e interdisciplinar e inclusive poderia aderir a essa equipe o cargo de operador social; minha profissão atual, o qual terá a função de realizar uma primeira abordagem com essas pessoas e verificar as necessidades das populações presentes nas ruas, o que explico no meu produto (Apêndice E).

REFERÊNCIAS⁴

Almeida ACCH de, Centa ML. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. 2009. Acta Paul Enferm. 2009;22(1):71-6.

Aquino PS, Ximenes LB, Pinheiro AKB. Políticas públicas voltadas à atenção à prostituta: breve resgate histórico. Enfermagem em Foco. 2010;1(1):18-22.

Aranha FKB. Educação sexual entre o público e o privado: a vida de prostitutas do centro de Fortaleza [dissertação] [Internet]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira; 2014 [citado 18 jun. 2017]. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7954>

Azevedo LH. Para ser mulher: feminismo, revolução sexual e a construção de uma nova mulher em revistas no Brasil (1960 – 1975). XXIII Simpósio Nacional de História: história: guerra e paz; 17-22 jul. 2005; Londrina: ANPUH; 2005. [citado 18 jun. 2017]. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/?p=13867>.

Barbosa JL. Exame de Papanicolau: estratégias para melhoria da adesão das mulheres entre 25 e 64 anos [monografia] [internet]. Uberaba-MG: Universidade Federal de Alfenas; 2014 [citado 18 jan. 2018]. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/exame-papanicolau-estrategias-melhoria-adesao-mulheres.pdf>.

⁴ De acordo com Estilo Vancouver.

Bezerra DM. Tu é entendida, né, doidinha? In: III Simpósio Internacional de Educação Sexual; 1995; Maringá, PR. Maringá: UEM; 1995. [citado 17 jan. 2018]. Disponível em: http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero_e_identidade_de_genero/5-06.pdf.

Bonadiman POB, Machado PS, López LC. Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria- RS: o cuidado em rede. *Physis: Rev Saúde Coletiva*, 2012 jun;22(2):779-801.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação nacional de DST e AIDS. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2002.

Brasil. Ministério da Saúde. Doenças Sexualmente Transmissíveis. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Plano Integrado de Enfrentamento à Feminização da Epidemia de Aids e outras DSTs. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2009. Versão revisada.

Burbulhan F, Guimarães RM, Bruns MAT. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicol em Estudo*. 2012 out-dez;17(4):669-77.

Camargo MA. Relações entre mulheres na prostituição. *Ártemis* [Internet]. 2006 dez [citado 10 jan. 2018];(5). Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2169>.

Cavour RC. Mulheres de Família: Papéis e identidades das prostitutas no contexto

familiar [dissertação] [Internet]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Psicologia Clínica; 2006 [citado 05 mai. 2017]. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912457_2011_cap_5.pdf.

Cesar FCL. O estado da saúde e a “doença” das prostitutas: uma análise das representações da prostituição nos discursos do SUS e do Terceiro Setor [monografia] [Internet]. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; 2011 [citado em 15 jun. 2017]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6549>.

Cruz NL, Ferreira CL, Martins E, Souza M. O cuidado com a saúde das mulheres profissionais do sexo: uma revisão narrativa. *Disciplinarum Scientia*. 2016;17(3):339-52.

Dantas PH. Sexo sem beijo: alguns aspectos sobre a baixa prostituição no Rio de Janeiro. [20--]. [citado 05 maio 2017]. Disponível em: <http://www.aldeiaplanetaria.com.br/astro-sintese/antropo1.htm>.

Damas da noite [documentário]. Repórteres: Lucio Sturm, Ivan Belmudes e Marcelo Magalhães. Santos: Repórter Record; 2015 [citado 17 jan 2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0XklkC1G9pU>.

Ferreira IB, Pereira MC, Amaral SGP. Prostituição: opção ou determinação social? São Paulo: Pontifícia Universidade Católica [Internet]. 2010 [citado 16 jan. 2017]. Disponível em: http://www.pucsp.br/iniciacaocientifica/20encontro/downloads/artigos/ISABEL_BERNARDES_FERREIRA_e_MAYRA_CARDOSO_PEREIRA.pdf.

Fernandez OFRL. A epidemia clandestina: aids e uso de drogas endovenosas em São Paulo [dissertação] [internet]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1993 [citado 18 jan. 2018] Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pfpagu/publicfiles/arquivo/48_fernandez_osvaldo_francisco_r._lobos_termo.pdf.

Foucault M. História da sexualidade III: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal; 1985.

Foucault M. A hermenêutica do sujeito. São Paulo; Martins Fontes; 2006.

Funari S. A percepção de risco nas práticas de sexo bucal frente à epidemia do HIV [dissertação] [Internet]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Infecções e Saúde Pública da Coordenação dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; 2003 [citado 18 jun 2017]. Disponível em: http://files.bvs.br/upload/T/ses-sp/2003/Funari_percepcao_risco.pdf

Governo do Estado de São Paulo. Folheto dicas para mulheres profissionais do sexo. [20--]. [citado 18 jan. 2018]. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/crt/publicacoes/materiais/folhetodicasparamulheresprofissionaisdosexo.pdf>

Grando I. Sexualidade feminina e prostituição: questão de gênero e não de sexo. [monografia] [Internet]. São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo; 2008 [citado 18 jun 2017]. Disponível em: <http://www.hermanasoblatas.org/wp-content/uploads/2017/04/SEXUALIDADE-FEMININA-E-PROSTITUI%C3%87%C3%83O.-TCC-IVONI.pdf>. Acesso em: 18/01/2018.

Guimarães K, Merchán-Hamann E. Comercializando fantasias: a representação

social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. Rev. Estud. Fem. 2005 dez;13(3): 525-44. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300004>.

Hermann K, Horst R. Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída... São Paulo: Editora Difel; 1982.

Jimenez L. Descaminhos: Sexualidade e Prostituição. BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso), 2004; 33 (s.n.): 31-33.

Jornal do Brasil. Revista de domingo. Rio de Janeiro; 1997.

Kalckmann S. Preservativo feminino e dupla proteção: desafios para os serviços especializados de atenção às DSTs e Aids. Temas psicol. [Internet]. 2013 Dez [citado 10 jan. 2018]. 21(3): 1145-1157. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000300020&lng=pt. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.3-EE18PT>.

Krindges CA, Macedo DM, Habigzang LF. Abuso sexual na infância e suas repercussões na satisfação sexual na idade adulta de mulheres vítimas. Contextos Clínicos [Internet]. 2016 Jun [citado 10 jan. 2018];9(1):60-71. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822016000100006. Acesso em: 17 jan. 2018.

Leite GS. Eu: mulher da vida. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1992.

Leite G. Filha, mãe, avó e puta. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.

Lispector C. Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres. 13 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira;1969. p. 15.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec; 2004.

Moraes AF. Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes; 1995.

Moreira RAPR. Prostituição de rua: uma questão de saúde pública? Contributos para o seu estudo [dissertação] [Internet]. Porto: Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar; 2007 [citado 21 jan. 2018]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7208>

Moura ADS, Oliveira RMS, Lima GG, Farias LM, Feitoza AR. O comportamento de prostitutas em tempos de aids e outras doenças sexualmente transmissíveis: como estão se prevenindo?. Texto Contexto - Enferm. [Internet]. 2010 set [citado 21 jan. 2018];19(3):545-553. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072010000300017&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072010000300017>.

Nóbrega BSM, Oliveira JL, Almeida RO, Abdalla FTM, Nichiata LYI, Carvalho PMG. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis por mulheres homossexuais e bissexuais: estudo descritivo. Online Braz J Nurs [Internet]. 2013 dez [citado 10 jan 2018];12(4):931-41. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4177>. <http://dx.doi.org/10.5935/1676-4285.20134177>

Oliveira SF. Cortina de fumaça. Praia Grande: Don Muñoz; 2009.

O submundo da prostituição 2011 [documentário] [citado 17 jan 2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDv8VFp3Sdg>.

Oliveira FS, Silva CCF, Pereira CKN, Mendes BA, Wachholz VA, Bittencourt LD. A utilização do preservativo feminino pelas profissionais do sexo. *Enferm. Glob* [Internet]. 2012 abr [citado 17 jan 2018];11(26):390-98. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S169561412012000200024&lng=es. <http://dx.doi.org/10.4321/S1695-61412012000200024>.

Pasini E. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cad Pagu*. 2000 a;(14):181-200.

Pasini E. *Corpos em evidência: pontos em rua, mundo em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo* [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Antropologia Social; 2000 b.

Pasini E. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. *Cad. Pagu*. 2005; (25): 185-216.

Priore M del. *Histórias Íntimas*. São Paulo: Planeta; 2011.

Priore M del. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta; 2013.

Rebello LEF S, Gomes R, Souza ACB. Homens e a prevenção da aids: análise da produção do conhecimento da área da saúde. Interface (Botucatu) [Internet]. 2011 mar [citado 05 mai. 2017];15(36):67-78. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832011000100006&Ing=en. Epub Dec 17, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832010005000045>.

Roussiad J. A prostituição, sexualidade e sociedade nas cidades francesas do século XV. In: Ariès P, Bejin A. Sexualidades Ocidentais. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense; 1986. p. 93-114.

Santos TBP, Torrisso SRS, Silva S. O autocuidado na saúde sexual do homem como prevenção de doenças sexualmente transmissíveis [monografia]. Santos: Centro Universitário Lusíada; 2016.

Sousa FR. A noite também educa: compreensão e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição [tese] [Internet]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas; 2012. [citado 15 jan. 2018]. Disponível em: http://www.processoseducativos.ufscar.br/tese_fabiana_2012.pdf.

Sousa FR. Educação Popular em Saúde e participação de prostitutas: contribuições para a gestão participativa do SUS. Interface-Comunicação, Saúde e Educ 2014 jan; 18supl.2:1559-68.

Vídeo comemorativo Secraids 20 anos [documentário]. Produtor: Armando Neto. Santos; 2011 [citado 18 de jan 2018]. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=secraids.

APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado:

- 1) Como gostaria de ser chamada? Qual é sua idade?
- 2) Você nasceu aqui em Santos/SP ou é de outra cidade?
- 3) Qual é seu estado civil? Você tem filhos?
- 4) Com qual idade iniciou sua profissão?
- 5) De qual classe social, você se considera?
- 6) Você usa camisinha nas suas relações sexuais?
- 7) Como é a negociação do uso do preservativo com seu parceiro?
- 8) Você sabe usar a camisinha feminina? Se sim, com qual frequência você usa o preservativo feminino?
- 9) Você realiza consultas e exames ginecológicos?
- 10) Você tem um parceiro e/ou cliente fixo?
- 11) Caso você tenha um parceiro, você incentiva ele a ir ao médico urologista?
- 12) Em qual estabelecimento você adquire o preservativo?
- 13) Com qual idade iniciou a vida sexual?

- Questões norteadoras:

1) “Como você foi instruída em relação aos cuidados durante e após às práticas sexuais? 2) Foram orientações que vieram de casa, família, amigos, de instituições de saúde, antes das primeiras relações sexuais, ou foram cuidados aprendidos ao longo do tempo de trabalho”?

APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA
Departamento de Odontologia Social

Mulheres: prostituição e cuidados

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Quero te convidar a participar da presente pesquisa: “Mulheres: prostituição e cuidados” que tem como objetivo geral saber o que é e como se dá o cuidado tanto para prostitutas quanto para mulheres que não são prostitutas. Confiamos que essa pesquisa será interessante porque visamos enxergar as participantes dessa pesquisa, principalmente como mulheres, independentemente de suas profissões, levando em consideração, a revolução sexual, pois esta fez com que cada mulher pudesse exercer sua sexualidade com mais liberdade. A sua colaboração nessa pesquisa será a de ser entrevistada por uma aluna de mestrado da área de Ciências da Saúde, num tempo de 30 minutos a 1 hora, as entrevistas serão gravadas e posteriormente serão transcritas. Você deverá autorizar o uso de sua voz. Essa pesquisa trará a você alguns benefícios, como o de poder refletir sobre o cuidado em saúde sexual da mulher, e poder refletir, também sobre o cuidado em saúde sexual com o outro. Além disso, essa pesquisa será divulgada aos serviços de saúde que consequentemente poderão utilizar os dados da mesma para posteriores reflexões e ações em políticas públicas voltadas à saúde sexual. É sabido que essa pesquisa pode trazer alguns desconfortos e riscos como o de poder causar timidez/ retraimento e/ou constrangimento, pois essa pesquisa lida com a sexualidade e, consequentemente esbarra em sua intimidade. O grau de risco dessa pesquisa é mínimo. Sua privacidade será preservada, de modo que seu nome ou qualquer outro dado que possa de alguma maneira te identificar

será mantido em sigilo. A pesquisadora participante desse projeto é Thainá Buono Paulino dos Santos, mestranda do Mestrado Profissional Interunidades em Formação Interdisciplinar em Saúde do Departamento da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo e está sendo orientada pelo Prof. Dr Carlos Botazzo. O contato com a pesquisadora pode ser feito através do celular (013) 99765-2307 e e-mail: thaina_bps@hotmail.com. Para maiores informações, ou para comunicar acontecimentos não desejáveis, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo pelo telefone (11) 3061-7779, pelo endereço: Avenida Dr. Arnaldo, 715- Cerqueira César São Paulo, SP, ou pelo e-mail: coep@fsp.usp.br. É garantida a assistência ao longo de toda a pesquisa, como também é assegurado o livre acesso a todos os dados dessa pesquisa e explicações complementares sobre a mesma e seus resultados. Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será feito em duas vias, sendo que uma via ficará com a pesquisadora e a outra via será entregue à participante. Todas as páginas desse termo serão rubricadas tanto pela pesquisadora quanto pela participante da pesquisa; ambas deverão assinar e datar a última página deste termo. Você pode não aceitar participar da pesquisa, ou deixar de participar da mesma a qualquer hora. Aceito participar dessa pesquisa, após ter sido orientada quanto ao objetivo e aos procedimentos dessa pesquisa.

Dados da participante da pesquisa:

Nome:

Telefone/celular:

E-mail:

Santos, ____ de ____ de ____.

Assinatura da participante:

Data: __/__/__.

Assinatura da pesquisadora:

Data: __/__/__.

Assinatura do Orientador:

Data: __/__/__.

APÊNDICE C- Diários de campo

DIA 29/11/17- QUARTA-FEIRA, TEMPO ENSOLARADO EM SANTOS/SP.

Hoje, fui ao centro da cidade, mais especificamente à Praça José Bonifácio, onde é uma praça em que algumas prostitutas trabalham. Geralmente, elas estão sentadas em um banco. Nessa praça há uma banca próxima ao local em que três mulheres estavam sentadas. Eu sabia que essas três eram prostitutas, porque eu lembrei de ter visto um documentário sobre prostituição em que uma senhora de olhos claros participou. Quando cheguei próxima a essas mulheres, minha primeira fala foi direcionada a essa senhora. Perguntei: — Oi, não foi você quem participou de um documentário realizado pela rede Record? A senhora me respondeu: — Eu não assisto Record, só a Globo. Aí eu puxei assunto com as outras moças, expliquei sobre minha pesquisa e uma delas foi bem receptiva e aceitou ser entrevistada. Por mais que essa moça seja bem alto-astral, sua história de vida é bem sofrida. Fiquei sabendo mais de sua história, quando perguntei a ela sobre sua primeira relação sexual, ela disse que foi estuprada com 9 anos de idade. Confesso que por ter sido minha primeira entrevista, não soube muito bem como reagir a essa declaração, pausei minha fala por alguns instantes e continuei a entrevista como se fosse uma jornalista de televisão, que muitas vezes exerce a resiliência para que continue a passar todas as notícias que precisa, sejam elas boas ou ruins. Após, andei em direção à Avenida Senador Feijó, parei em uma porta, a qual dá entrada a um motel. Fui procurar por uma moça que eu havia pego contato há 2 meses atrás. No entanto, essa moça já não trabalhava mais nesse local. Perguntei dela para algumas meninas, as quais estavam na porta e as mesmas falaram que ela saiu de lá faz tempo e está devendo para elas, inclusive perguntaram se ela estava me devendo, também. Após, expliquei sobre minha pesquisa e uma moça se manifestou em participar. Para entrevista-la subi as escadas perpendiculares e sentei em um sofá baixo, aveludado. Esse local parecia uma casa, a minha frente havia uma cozinha e ao lado desta tinha uma espécie de guarita com uma grade. Dentro dessa guarita havia um homem e atrás dele, ao alto da parede havia uma televisão. Percebi que haviam quadros coloridos e abstratos. Ao lado do sofá, havia uma outra escada, e na mureta da mesma havia imagens de santos(as). Inclusive me recordo que vi em outro local, imagem de santa(o), também. Essa moça

não foi tão receptiva quanto a outra. No entanto consegui perguntar a ela, o que precisava. No intuito de entrevistar mais esse público, voltei à Praça José Bonifácio a fim de encontrar alguma moça que eu não havia abordado e consegui entrevistar uma moça bem simpática, risonha e que inclusive já estudou na área da saúde; enfermagem e quer retornar ao curso para terminá-lo. Ela teve que pará-lo no último ano, porque seu filho também estava na faculdade e para pagar estava difícil. Com isso, entre ela e seu filho, ela escolheu que seu filho continuasse e terminasse a faculdade. Disse que já trabalhou 8 anos na área da saúde. Após essa entrevista retornei à Avenida Senador Feijó e abordei uma moça que estava sentada em um bar de esquina com a Avenida São Francisco. A moça foi muito receptiva comigo, inclusive falou para eu me acalmar, visto que devo ter passado um pouco de ansiedade para ela. Conversa vai, conversa vem, a história de vida dessa moça também me abalou, visto que ao ser abordada quanto a sua primeira relação sexual, a mesma disse que foi estuprada com 10 anos e com 11 anos, ela começou a se prostituir, desde então não saiu mais dessa profissão. Essa moça demonstrou uma respiração ofegante, uma fala cansada, como quem fuma ou já fumou muito. Após muitas andanças por várias ruas do centro da cidade, e por indicações de duas moças pertencentes a esse público que foram abordadas por mim na Praça Tenente Mauro Batista de Miranda, mas que não quiseram participar de minha pesquisa, cheguei a um hotel conhecido delas, localizado na Rua Martim Afonso. Esse hotel é próximo à Avenida São Francisco. Apoiada em um poste encontrava-se uma moça loira, aparentando ter seus 50 e poucos anos. Expliquei a ela sobre minha pesquisa e ao conversar com ela, essa desabafou comigo sobre sua vida dizendo que sua filha não a procura, pois o genro não deixa. Disse que ele bate em sua filha, e que ela sempre deu do bom e do melhor para a sua filha. Assim, disse que sua filha se interessa muito por dinheiro e que seu marido por mais que seja agressivo, dá muitos presentes a ela, disse que o mesmo é empresário e que ela, sua filha, se submete a essa vida pelo dinheiro. Essa moça me perguntou se eu conheci o Love Story, disse que não. Mas, ela disse que era bom, que achavam que nunca iria fechar essa boate e fechou. Desabafando comigo, disse que tem vontade de morrer, visto tamanha tristeza que a falta de comunicação com sua filha e com seu neto traz para ela. Tentei acalmá-la, a elogiando, encorajando a se gostar, a escrever e a continuar sua vida pelo seu neto, o qual pareceu gostar muito. Ela, inclusive falou que ali, nessa profissão, ela não aprende nada. Só regrida. Tentei dialogar com ela que muitas vezes, elas fazem um papel de psicóloga com os

homens, e ela continuou relutante dizendo que ali, os homens só vão para fazer sexo, e nada mais. Essa moça ao ser abordada quanto a sua primeira relação sexual, também me disse que foi estuprada aos 15 anos de idade. Para procurar essas moças foi difícil, fiquei 4 horas andando por esses endereços em busca de alguma moça que aceitasse ser entrevistada. A maioria das moças que abordei, não quis ser entrevistada, pois não queriam que suas vozes fossem gravadas, alegando que são casadas e que não querem se expor. Percebi que as moças mais jovens foram mais resistentes em serem entrevistadas do que moças mais velhas; dos 28 anos para cima. Em relação às idosas, nenhuma quis ser entrevistada. Foi uma tarde de muita aprendizagem, cheguei ao ponto de partida por volta das 14:30hs e terminei minhas abordagens desse dia por volta das 18:30hs. O que me chocou um pouco foi que das 5 moças que entrevistei, 3 haviam sido estupradas em suas primeiras relações sexuais.

DIA 30/11/17- QUINTA-FEIRA, TEMPO NUBLADO EM SANTOS/SP.

Hoje, ao já estar um pouco mais preparada na abordagem de minha pesquisa com o público de prostitutas, e saber os locais onde fui mais recebida (risos) saí de casa e fui diretamente à Praça José Bonifácio e comecei minha abordagem por volta das 11:30hs com uma moça que estava sentada em um banco dessa praça. No entanto, antes de abordá-la, estudei bem, observei se a mesma seria prostituta. Antes de abordá-la, dei uma volta, fui em busca de outras moças para entrevistar. No entanto, não obtive sucesso. Com isso, retornei a essa Praça e percebi que essa moça ainda estava sentada no mesmo banco, pensei comigo: — Ela deve ser prostituta. Me aproximei dela, expliquei minha pesquisa e ela aceitou participar. No entanto, quando perguntei, se quando ela vai ao médico(a) ginecologista, ela fala sobre sua profissão, ela me disse estar desempregada e que é auxiliar de limpeza. Com isso, caiu a ficha de que ela não era prostituta. No entanto, fiz a entrevista com ela, visto que meu objetivo é entrevistar moças que são prostitutas e moças que não são. Após, retornei à Rua Martim Afonso, no mesmo local em que havia ido no dia anterior e vi uma moça em frente à porta de um hotel. Essa moça trajava uma camiseta e calça jeans, bem discreta e sem maquiagem alguma. Antes de abordá-la fui a um bar de esquina, com a Avenida São Francisco, o qual se localiza, praticamente ao lado desse hotel e perguntei aos funcionários se eles a conheciam e se ela era prostituta. Eles me

confidenciaram que sim. Com isso, fui em direção a ela. Fui bem receptiva por ela, e descobri que ela é casada com uma mulher. Após essa entrevista, voltei à Praça José Bonifácio. Lá, vi que havia uma moça sentada em um banco no meio da praça. Abordei-a perguntando se ela trabalhava por ali, e ela me disse que sim. Consegui entrevistá-la, muito simpática. Percebi que a mesma é bem preocupada com a questão da contracepção. Após essa abordagem tornei a andar. No entanto, dessa vez andei pela Avenida São Francisco, a qual é cheia de comércio e bem movimentada, tanto por carros, como por pessoas, ainda mais em horário de almoço. Vi uma portinha entreaberta e avistei várias moças sentadas em uma escada. Cada uma estava sentada em cima de uma almofada. Uma dessas almofadas estava furada, um furo que de longe parecia uma mancha. No dia anterior, já havia abordado uma moça que estava sentada, a qual no momento estava descascando uma maçã com uma faca média, no entanto, essa não quis ser entrevistada. Apesar disso, me apresentei às outras moças, e uma delas se interessou em ser entrevistada. Entrei e assim como elas, sentei na escada. A moça foi bem receptiva e me deixou à vontade para ser entrevistada. Terminada essa entrevista, meu pai foi me buscar para ir embora. Ele me ligou dizendo que uma prostitua que se encontrava na Praça José Bonifácio havia o abordado para fazer programa. Ela estava acompanhada de duas colegas. O mesmo recusou dizendo de forma engraçada: — O sexo eu não quero, mas se vocês puderem ajudar minha filha em sua pesquisa, eu ficaria muito feliz. Com isso, as entrevistei, duas delas, eu já havia abordado e elas haviam se negado a participar. Com a moça que interpelou meu pai, eu não havia conversado. Dentre essas entrevistas, a que mais mexeu comigo foi de uma moça magra, a mais magra delas, que me disse ter sido auxiliar de enfermagem, me confessar que está grávida de 1 mês. No entanto, disse que o pai da criança não presta, mas que o filho é uma benção. Perguntei a ela se ela estava fazendo pré-natal e ela disse que ainda não, mas que irá fazê-lo. Foi um dia muito proveitoso, mais curto que o dia anterior. Me sinto feliz em poder ter conhecido tantas pessoas, apesar de suas histórias de vida difíceis, mas que as tornam especiais e bem fortes como pessoa.

26/12/2018- TEMPO NUBLADOS EM SANTOS/SP.

Hoje, fui atrás da Silvana na Rua Martim Afonso para saber se ela me concederia uma entrevista mais aprofundada, e ela me concedeu. Foi bem receptiva.

E pude saber mais de sua vida... Que inclusive, ela só faz programa com homens, apesar de ser homossexual.

DIA 27/12/17. TEMPO NUBLADO EM SANTOS/SP.

Eu no ano passado fui apresentada pelo Médico X à Dra Y e à Z. Hoje, logo que acordei, pesquisei na internet o telefone do CRT Santos/SP e liguei para eles... No entanto, o telefone de número fixo estava fora do ar. Com isso, tornei a pesquisar e acabei achando um número de celular. Falei diretamente com a Z, que exerce um cargo na Coordenadoria de Controle de Doenças Infectocontagiosas de Santos. Fui muito bem recepcionada por ela que me encaminhou à Y, assistente social responsável pela área técnica de treinamentos da Coordenadoria de Doenças Sexualmente Transmissíveis e membro do Comitê de ética em pesquisa da Secretaria de Saúde de Santos.

04/01/2018- TEMPO ENSOLARADO EM SANTOS/SP.

Hoje, após meu trabalho, por volta das 18:30hs fui à região central para ver se encontrava alguma moça que entrevistei, mês passado. Na verdade, a que eu queria reencontrar por conta de sua receptividade comigo e também, pela sua experiência de vida era a Rose, a mais velha da população de prostituta que entrevistei. Quando estava a meia-quadra de seu ponto de trabalho; na Rua Martim Afonso. A vi saindo da padaria, conversando com o funcionário da padaria e após, atravessou a rua. Ela não me viu. Com isso, após vê-la, fui à padaria, falei com esse funcionário e ele disse que ela disse a ele: - Vou ali. Fui atrás dela, na Rua Andrade Neves. No entanto, não a vi. Com isso, retornei à padaria. E passado 10 minutos, fui embora. No dia seguinte, dia 05/01/2018, retornei ao mesmo local, às 21 horas, acompanhada de minha mãe. Fui próxima ao hotel em que essa moça trabalha. Ela não estava por perto. Próximas deste estavam sentadas, duas moças, perguntei a elas sobre a Rose e elas me disseram que haviam visto ela e que ela estava na Rua Andrade Neves (atrás do Palácio da Polícia, o qual se encontra na Avenida São Francisco). É uma rua bem escura, sem iluminação e que conforme andava encontrava ao longo do caminho, várias prostitutas... Uma perto da esquina, outras mais ao meio da travessa, uma do lado da outra, outras sozinhas... Quando, já estava quase na outra esquina, quase em frente à Praça Tenente Mauro Batista de Miranda, a vi. Estava vestindo *legging* cinza

e uma blusa soltinha preta. Cabelos soltos, loiros, medianos e quando cheguei perto dela, perguntei se ela lembrava de mim, ela disse que sim. Ela estava chorosa, disse que sua vida tinha acabado, pois sua filha não fala com ela... Explicou que seu genro não deixa... Falou as mesmas coisas de sua filha que falou na primeira entrevista. Ela de calça e eu de saia cintura alta... Passou um motoqueiro olhando para nós... Rose me defendeu e disse a ele: _Vai, vai pra lá!! E ainda me alertou para eu não andar de saia naquele local, porque com essa vestimenta naquele horário e naquele local, acharam que eu era prostituta. E concluí que se elas estão ali é porque tem demanda, elas são procuradas. E, não devem sentir vergonha de quem são... Terminei a entrevista dizendo a ela que agora ela tinha mais duas colegas (eu e minha mãe) e que tinha meu contato.

DIA 18/01/2018.

Hoje pude observar o papel das agentes comunitárias de saúde, as quais são supervisionadas pelo assistente social do Centro de Referência e Treinamento de Santos/SP em uma boate localizada na região central de Santos/SP. Observei que elas têm um vínculo grande com as prostitutas que trabalham ali, além de fornecê-las 35 camisinhas, incluindo tanto camisinhas masculinas quanto femininas. Além disso, elas fornecem géis lubrificantes e um manual chamado "Dicas para mulheres profissionais do sexo" confeccionada pela Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. Me senti bem acolhida por esses profissionais (agentes comunitárias de saúde e assistente social).

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTAS (antes de gravar as vozes das participantes, eu me apresentei e expliquei o objetivo de meu projeto e apresentei a elas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido):

ENTREVISTA 1

EU: Boa tarde, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

M: Michelle.

EU: Só gostaria de saber como é o cuidado para você, como se dá esse cuidado, como você exerce esse cuidado com você?

M: Da camisinha? Eu uso camisinha, só saio de camisinha. Às vezes, o homem quer que vá fazer: — Não, camisinha a gente usa só para meter na vagina, mas na boca tem que ser sem. Aí, a gente já diz que não. Aí diz que não. Tem umas que vai, a gente já não vai. Porque sabe também que pega doença pela boca. Aí, a gente já não vai. Mas tem que fazer completo com a camisinha, mesmo.

EU: Legal...

M: Aí se for botar a camisinha e quiser o ânus, a gente já troca a camisinha.

EU: Ah isso aí!!! E, como você conseguiu essas informações, essas orientações? Você vai no médico? Você fala da sua profissão ou não fala? Como que é isso?

M: Quando eu vou na médica, eu falo que sou, porque eu tenho marido, né. E também, isso aí foi que eu fiquei sabendo devido a casos de doenças de amigas contar o que aconteceu, porque ela ficou doente. Aí começou a dar exemplo para nós. Aí começou a usar. E, também na policlínica, eu já participei várias vezes de reuniões na policlínica. Já participei, a gente fica mais atenta, também, né?!

EU: Sim, sim. Bacana!! E, quanto ao preservativo feminino, você já usou? Você usaria? Como que é?

M: Bom, o preservativo feminino, eu não confio. E, não uso, e nem sei usar. Não uso, nem sei usar, não confio. Não sei botar, também. Nem se eu soubesse, eu não confio (risos).

EU: Entendi (risos)... É que é difícil, o pessoal divulga, mas não está sendo

muito inserido. E, como que foi sua primeira vez? Antes da sua primeira vez...

M: Pra ser de programa ou pra perder a virgindade?

EU: Pra perder a virgindade, mesmo.

M: Ah, eu fui estuprada com 9 anos. Mas, aí depois eu comecei a gostar. Aí comecei a dar, tive o primeiro marido, tive o segundo.

EU: Nossa vida é complicada...

M: Mas, não tenho vergonha, não. Tive o primeiro marido que me roubou, foi embora, me deixou cheia de filho, com três filhos. Depois tive outro que não prestava, pronto. Aí decidi já ser de programa, não querer mais marido. Depois agora, eu arranjei um, trabalhador, mas eu não consigo largar ser de programa, mas não venho todo dia, de vez em quando, só pra...

EU: Mas, ele sabe? Como que é?

M: Não...Se sabe, ele faz vista grossa. Porque, eu bolo, venho para cá que é longe.

EU: Você usa camisinha com ele, também?

M: Com ele já não uso camisinha, mas a gente fez exame, antes. Eu e ele, antes da gente...

EU: Bacana...

M: Porque, ele trabalha numa empresa rígida. Vira e mexe, ele vai ao médico. Porque, a empresa exige. Duas, três vezes ao ano, ele faz exame. Porque ele trabalha

EU: Certo...

M: É, e ele me conheceu aqui. Então, antes da gente manter passamos três meses. Aí, depois de três meses, fizemos exame, nós dois juntos. Aí vimos que não “tinha” nada, aí nós “faz” sem, também. Por isso que eu uso, e se ele usar para fora, também usa. Mas, ele não usa, coitadinho, é do interior, é besta. Até pra ganhar ele foi um sacrifício (risos).

EU: Ah, entendi. É complicado... Cada uma tem uma história, né?

M: Fui estuprada com 9 anos, é dose... A mãe tinha um monte de filho, aí deixava na casa de um, na casa do outro, aí foi pra casa da mulher, a mulher me batia. Aí, minha madrinha me pegou e o filho dela foi e me estuprou. E ele era da Marinha. Quando, ele chegava do trabalho, da viagem, dois, três meses, já me tremia de medo. Só depois com o tempo, a gente vem... Aí, quando eu fui me embora de lá, já comecei a namorar com um moleque, comecei a dar, e pronto, acabou. Mas, não esquece, né...

EU: Ah, imagino. Fiz uma pausa. Pausa para tentar me recompor dessa

declaração.

EU: Então, você tem filhos, quantos filhos você tem?

M: Eu tive quatro filhos. Tive três “mulher” e um homem. Aí, a primeira tá viva, o segundo morreu. A terceira com treze anos morreu, mataram. E, tem a quarta que tem dezoito anos, agora. Tem a mais velha com 22 anos e a caçula, de 18 anos. Morreu a de 13 anos, que era do meio. Que hoje em dia, ela “tava” com dezenove anos, se tivesse viva. Vai fazer 7 anos de morta. Mataram ela, assassinada. Tava no dia e com a pessoa errada, na hora errada. (PAUSA).

EU: Pensamento meu (não soube como lidar com essas declarações).

EU: E, assim, você compra o preservativo, ou eles trazem? Como que é? Você vai na UBS?

M: Eu pego na policlínica, toda vez que eu venho. E, também, pego duas, três para não jogar fora, para não estragar. Aí levo, a que sobrar, guardo, escondo. No outro dia, eu trago.

EU: Ah, tranquilo. E, quantos anos você tem e de qual classe social, você se considera?

M: Eu tô com 38 anos. Me considero uma trabalhadora, que eu não mexo com ninguém, né? Vou pra ganhar meu dinheiro pra ajudar meus filhos e meus netos. Eu tenho dois netos, um de 5 anos e uma de 1 ano, só, que é da mais velha. Me sinto uma profissional (risos).

EU: Você incentiva também, o seu marido a ir ao médico, a ir ao urologista?

M: Não, por causa que ele vira e mexe, ele vai. Por causa da empresa exige. Ele vai direto. De vez em quando, ele faz exame, duas, três vezes, ele faz. Por causa da empresa que ele trabalha com negócio de química, esse negócio.

EU: E, como que é para negociar com os clientes, o uso do preservativo?

M: Então, a gente dá o preço, fala que é só com preservativo. Aí, às vezes, ele fala que quer que faça sem preservativo, a gente fala que não. Aí tem umas que vão, tem umas que não vão. Mas, a gente que tem consciência que ainda quer viver mais, que não ficar tendo trabalho tomando remédio, não vai, né? Que a gente tem exemplo, já viu várias.

EU: Ah, então tá ótimo! Muito obrigada, viu?!

ENTREVISTA 2

EU: Boa tarde, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

B: Bruna.

EU: Só queria saber como que é o cuidado para você, como você se cuida, cuida do outro?

B: Tenho relação com camisinha, preservativo. Chupo de camisinha, faço oral com camisinha. Faço exame de três em três meses; exame de sangue, HIV, de rotina, né? Faço preventivo, uma vez, duas vezes ao ano e tomo injeção anticoncepcional que é de três em três meses.

EU: Quando você vai ao médico, você fala de sua profissão?

B: Falo.

EU: E o preservativo, você compra ou eles trazem?

B: A policlínica distribui pra gente.

EU: É mensalmente?

B: Eu não sei como funciona isso, porque às vezes eu pego, às vezes eu não pego. Aí, geralmente... Ou eu compro, também. Porque, eu tenho alergia à camisinha do posto. Aí pra não me dar alergia, eu compro.

EU: E... Como que foi sua primeira vez? Teve orientações antes, pela família, de repente, na escola, algum professor?

B: Não. Já sabia. É na escola que a gente aprende.

EU: E a questão da negociação do preservativo com os homens? É difícil, né?

B: Não, não. Todo mundo já entra sabendo que é só com preservativo. Já tá ciente.

EU: E, você tem algum parceiro fixo? Se você tem, você usa camisinha com ele, ou não? Como que é?

B: Mais ou menos. Mas, eu não uso com ele não. Mas, eu faço exame e às vezes, quando alguma camisinha estoura, eu aviso pra ele que a camisinha estourou. A gente usa preservativo.

EU: Bacana. E, você orienta ele a fazer exames, também?

B: Não (risos).

EU: Homem também para ir ao médico... Agora que tá sendo mais divulgado... Tem o novembro azul contra o câncer de próstata... Essas coisas, né... Mas, é mais difícil...

B: Não é todo homem que tem a mente aberta... Vou me cuidar e tal... É alguns, só...

EU: Em questão ao preservativo feminino, você já usou, você usaria?

B: Já usei uma vez, mas ele demora muito pra colocar. Eu acho que ele demora bastante. Usei uma vez só. Mas, não tenho nada contra.

EU: Bacana.

EU: Você tem filhos?

B: Tenho, tenho dois.

EU: E, de qual classe social você se considera?

B: Pobre (risos).

EU: Você também é daqui de Santos?

B: Não, eu não sou de Santos. Eu sou de Presidente Prudente.

EU: Interior, né?

B: Interior de São Paulo.

EU: E a sua idade, qual é?

B: 25 anos.

EU: Tá certo. Obrigada, viu?!

ENTREVISTA 3

EU: Boa tarde, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

E: Eliza.

EU: Só queria saber como é o cuidado pra você, o cuidado com o outro?

E: A gente usa preservativo em todas as relações sexuais, né. E, não faz nada sem. Higiene direitinho são os cuidados básicos, claro, né? A minha prevenção sempre é o preservativo.

EU: E, como foi sua primeira vez?

E: Terrível, terrível, assustador..., mas, aí com o passar do tempo, eu fui acostumando. Hoje, sei lidar com todo mundo.

EU: E, você teve alguma orientação, antes? A família, conversava com alguém da família, na escola, não sei... Algum professor... Até o serviço de saúde, mesmo?

E: Não, não... Sim, eu sempre preveni, porque quando eu entrei, eu já tinha trabalhado na área da saúde por 8 anos. Então, eu já sabia mais ou menos quais eram os cuidados, então eu usei o meu conhecimento na área da saúde que eu já tinha.

EU: Bacana.

E: E, inclusive, eu sempre oriento as colegas, também. É... dentro do meu conhecimento.

Eu: Muito bacana. Como você adquire o preservativo, você traz ou eles trazem, você vai até à policlínica? Como que é?

E: Geralmente, eu pego na unidade de saúde, e quando eu não pego lá, geralmente, eu compro. Eu prefiro ter o meu. Se, o cliente tiver o dele, tudo bem. Mas, caso ele não tenha, eu sempre tenho o meu. Bastante (risos).

EU: E, a questão do preservativo feminino? Você já usou, você usaria?

E: Já usei, mas não gostei.

EU: Não te deu muita segurança, como é que foi?

E: Não... Não, acho muito inseguro. Aquela coisa tem que ficar segurando ele. Pra mim é desconfortável. Prefiro o masculino, mesmo.

E: Entendi.

EU: E no começo teve alguma resistência ou não? Eles já sabem, né?

E: Ainda hoje temos muita, muita resistência. Muito homem que quer, oferece até mais dinheiro pra gente fazer sem. Mas aí tem que pensar, se ele não tá preocupado com a saúde dele, imagina com a minha. Então, eu ... Quem não quer usar, eu tenho que ter medo dele.

EU: Tá certa. Você tem algum parceiro fixo? Tem filhos?

E: Tenho cinco filhos, tenho um parceiro fixo, sim. Mas, nada de morar junto. Ele mora na casa dele e eu moro na minha.

EU: Você usa camisinha com ele? Você orienta ele a ir ao serviço de saúde?

E: Sim, sim. Ele é consciente. A gente conversa muito. Ele vai sempre no serviço de saúde. Converso, também bastante com meus filhos, ensino eles. A gente tem bastante diálogo sobre isso.

EU: Legal... Quantos anos você tem? Qual classe social você se considera?

E: Hoje, eu tô com 43 anos. Até hoje não tenho que reclamar, tô bem de saúde sim. Claro que toda mulher sente alguma coisa, de vez em quando. Mas, sempre faço meus exames preventivos, mamografia, ultrassonografia transvaginal, os exames de prevenção de câncer. Sempre eu tô fazendo, que eu também...Não sou formada em enfermagem, mas fui até o 6º período.

EU: Olha...Você tem o perfil, viu? Eu conheço uma enfermeira que tem o seu perfil. Você me lembrou ela. Nunca é tarde, né?

E: Mas, eu pretendo terminar ainda...

EU: Com certeza.

E: Talvez, eu não queira trabalhar na área. Porque, durante o período de aula,

os seis períodos que eu fiz, eu perdi muita admiração pela enfermagem. Mas, eu pretendo terminar, sim. Porque, eu parei, porque tava eu e meu filho na faculdade, então pesava muito pra dois. Aí, eu preferi sair pra meu filho formar. Aí, agora, ele já formou, esse ano, no começo do ano. Eu pretendo dar uma organizada e voltar.

EU: Bacana!!! É nunca é tarde!!! Muito obrigada!!

ENTREVISTA 4

EU: Boa tarde, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

M: Margeli.

EU: Eu queria saber o que é o cuidado pra você, como você se cuida?

M: Eu me cuido com camisinha. Geralmente, quando o homem não quer usar preservativo, eu uso camisinha feminina, apesar que incomoda um pouco. Incomoda. Mas, eu vou sozinha. Tem muito cara que quer pagar o dobro pra ir sem camisinha, eu não vou não, porque várias amigas minhas morreram de HIV, muitas. Muitas. Eu tô aqui desde os 11 anos de idade.

EU: Sério?

M: Eu tô com 40 anos. Saí daqui só quando eu casei, fiquei 6 anos, me separei, voltei de novo. Entendeu? Mas, eu me cuido assim. E vou sempre no centro de saúde, né? Eu já tive duas feridas no útero, já. DST nunca peguei, graças à Deus. Mas, peguei duas feridas no útero. Porque, meu útero é baixo. Aí, só da perfuração machucou e queimou tudo. Fiquei quase duas semanas sem me prostituir por causa disso.

EU: E, como foi a sua primeira vez? Você teve orientações? Tinha essa mentalidade de usar camisinha?

M: Eu fui estuprada com 10 anos. Com 11 anos, eu tava aqui. Eu não posso dizer... Eu fiquei ainda 1 mês na Santa Casa e depois eu vim pra cá. Aí, eu não tenho boas recordações. Eu fui gozar, eu fui aprender a ter orgasmo com 27 anos, aqui. É isso.

EU: E, você tem parceiro fixo?

M: Não. Eu tenho uns clientes, né? Mas, como eu fiquei fora um tempo, agora eu só tenho um amigo, ali (risos). Só. Até eu vim começar de novo, porque eu tô “meia” deslocada. Tô com 40 anos, fiquei fora, mas é isso. Sempre tem um que saí, né? Mas é aquela velha luta do dia a dia, né? Disputa. Às vezes tem até travestis no meio... É terrível.

EU: Você tem filhos?

M: Tenho dois filhos, mas não fica comigo, fica com o pai.

EU: Você orienta seus parceiros a irem ao serviço de saúde, essas coisas?

M: A maioria são casados, não querem saber. Eles falam assim: — Vamos, logo que a minha mulher tem mania de perseguição. Entendeu? Mas, aí eu respeito. Não saio com cafetão. Saio com pessoas assim que eu não conheço. Entendeu? Mas é tudo casado. Todos, todos. Não tem um cara que vem aqui que é solteiro. É difícil. É tudo casado.

EU: E, de qual classe social, você se considera?

M: Eu não saio com mulher. Não saio. Eu sou mulher, sei lá, cada um é cada um, mas tem muita mina aí que quer sair, eu não saio, não. Eu já trombei até com travesti. Um cara parou de carro, e falou pra mim: —Vamos sair eu, tu e minha mulher? Epa, e quando tirou a roupa tinha um pinto, eu fiquei chocada!! Parecia uma mulher... Aí, o travesti que ficou comigo e ele e ela falou pra ele pegar outra, outra. Mas, com mulher não saio não, nunca saí. Tenho 40 anos. Nunca.

EU: Entendi. Obrigada!! Prazer!!

ENTREVISTA 5

EU: Boa noite, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

R: Rose.

EU: Eu só gostaria de saber o que é o cuidado para você, como você se cuida, cuida do outro?

R: Ah, eu me cuido usando preservativo, né? Não ando sem preservativo, porque hoje em dia tá difícil, né? Com esse problema da aids, e é assim que eu me cuido.

EU: Bacana, e você vai ao médico?

R: Hoje em dia, não vou mais, desisti.

EU: Mas, por quê? A consulta demora para acontecer, alguma nesse nível?

R: Não é porque quando eu sinto alguma coisa, eu vou no UPA. Ali da Av. Ana Costa. Então, a única coisa que eu tenho é problema de “bico-de-papagaio”.

EU: Ortopedia, né?

R: É, ortopedia. E, os outros problemas fiz exame, não tenho nada.

EU: Certo. E, como você consegue o preservativo? Você compra, o pessoal da

policlínica traz, como é que é? O cliente tem que trazer?

R: Não, a policlínica distribui pra gente ou dá pros hotéis e os hotéis “dá” pra gente. Têm “algum” que vende, têm outros que dão.

EU: Ah, entendi. E o preservativo feminino, você já usou?

R: Não, porque é muito complicado, não dá certo aqui.

EU: Certo. E, a questão da negociação do uso preservativo é difícil entre os homens? O que você acha? Qual é sua opinião?

R: No início foi difícil. É... Fazerem os homens usarem o preservativo, mas agora, eles já se acostumaram, então, eles não fazem assim, tanta questão de andar sem o preservativo.

EU: Você tem algum parceiro fixo?

R: Não, não tenho.

EU: Certo... Você só tem uma filha?

R: Eu só tenho minha filha, só. Uma filha.

EU: E, como foi a sua primeira vez? Você teve orientações, antes, pela sua família ou pela escola, ou até pelo serviço de saúde? Como é que foi?

R: A minha primeira vez... Posso falar?

EU: Pode.

R: Eu fui estuprada com 15 anos. Foi a minha primeira vez. De lá, depois, eu conheci um rapaz, quando eu trabalhava, noivei, mas meu casamento não deu certo. Foi que eu continuei, andei com ele, aí eu conheci um casal que inclusive me enganou pra “mim” “vim” trabalhar em Santos, e eu vim. Só que eu não tinha dinheiro pra voltar e eu fiquei. E to até hoje, 40 anos.

EU: Você é do Sul, né?

R: Sou de Santa Catarina.

EU: E, qual é sua idade?

R: Eu tenho 59 anos.

EU: Certo. Muito obrigada!!!

ENTREVISTA 6

EU: Boa tarde, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

S: Silvana.

EU: Quero saber o que é o cuidado pra você, você se cuida, cuida do outro?

S: Sempre procuro usar o preservativo, porque hoje em dia o HIV tá... O risco de HIV é muito maior. Então, procuro sempre tá usando o preservativo.

EU: E é difícil negociar o preservativo, mas você já impõe, só com preservativo, né?

S: Sim, eu costumo sempre impor por eu ter uma pessoa fixa na minha vida pra não tá levando pra casa, né? Apesar de ela, também, não saber o que eu faço, né? Então, eu imponho, se o cara falar que não quer, eu dispenso. Pra mim, não é válido. Então, eu sempre uso preservativo, mesmo. Sem, nem pensar. Hoje em dia, não dá pra brincar muito, não.

EU: E, o preservativo feminino, você já usou, você usa?

S: Não, nunca usei. Já vi, mas nunca usei, não.

EU: Entendi... Como você adquire os preservativos? Você compra ou busca na UBS, ou eles trazem, como que é?

S: A gente costuma buscar no posto, ou se não, comprando. Mas, é mais pelo posto, mesmo.

EU: Entendi... E, como que foi a primeira vez? Antes da primeira vez, você teve orientações da família ou da escola, ou outros meios?

S: Foi mais pela escola. Meu pai e minha mãe era muito... Muito fechado... Eles nunca me explicaram nada, na verdade. Então, eu procurei mesmo na escola, e orientação de fora, padrinho, madrinha.

EU: E, a escola tinha alguma matéria ou algum professor que conversava melhor sobre isso?

S: A gente tinha uma aula sobre sexualidade, aí que eles explicavam.

EU: Difícil, né?

S: É, antigamente, até tinha uma matéria assim, né? Pelo menos, no interior, eu tive... Como eu sou do interior, a gente sempre tinha durante a semana, uma aula falando sobre sexualidade. Aqui, já acho que já é um pouquinho mais difícil,

EU: É... É difícil. E, você tem parceiro fixo?

S: Tenho, tenho minha esposa há três anos. Sou casada com mulher.

EU: Certo. E você usa preservativo com ela ou não?

S: Não, hoje em dia, não mais.

EU: E, você costuma a ir ao serviço de saúde? E, quando você vai, você fala de sua profissão? Como é que é isso?

S: Não, quando eu vou, eu não costumo falar. Mas, eu vou. Uma ou duas vezes

no ano, a gente sempre vai, tanto eu, quanto ela.

EU: Ah, bacana.

S: A gente sempre tá fazendo exames pra... Pra ver que tá tudo em ordem. Graças a Deus.

EU: Ah, bacana. Você tem filhos?

S: Não... Eu não, ela tem três e cinco netos.

EU: Ah, entendi. E, quantos anos você tem?

S: 30.

EU: Certo... Muito obrigada!!!

ENTREVISTA 7

EU: Bom dia, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

V: Viviane.

EU: O que é o cuidado para você, como você se cuida, como cuida do outro?

V: Eu não entendi muito bem a pergunta, não. É em relação ao sexo?

EU: Isso.

V: Uso a camisinha, porque é o principal, na minha opinião. Mas, eu também tomo anticoncepcional, por via das dúvidas, porque eu também tenho um namorado e é isso. Esse é meu jeito de me cuidar.

EU: Você toma anticoncepcional de emergência, de vez em quando?

V: Não, eu tomo normal. Tomo diariamente. O meu no caso, eu tomava injeção antes. Mas, eu parei, voltei a tomar em comprimido.

EU: O uso do preservativo feminino, você já usou, você usa?

V: Não, nunca usei.

EU: você usaria?

V: Não (risos), porque dizem que é desconfortável, não é totalmente seguro, pode sair. Então, acho mais confiável, o parceiro tá usando o de homem que é melhor.

EU: E, como você adquire os preservativos, você vai na UBS, você compra?

V: Ah... Normalmente, eu compro. Motel que é mais rápido, mais simples é isso. Eu não vou pegar em policlínica, essas coisas, eu não pego.

EU: E confiar no outro, também você não confia?

V: Não, nunca dá pra confiar totalmente, né... Nas pessoas, nunca se sabe quem pode ter alguma coisa ou não... Então...

EU: Furar a camisinha, né?

V: É... Exatamente. Sempre mais seguro, a gente ter a nossa camisinha.

EU: Com certeza. E, como foi a primeira vez? Antes, você recebeu orientações da família ou da escola, enfim...?

V: Não, no caso, eu fui um pouquinho acelerada nessa parte. Mas, não recebi tanta orientação na primeira vez. Mas... Comecei a me cuidar depois de um tempo. No começo foi aquela coisa, né... De adolescente, de emoção, mas, não tive orientação. Mas, depois, eu recebi as “orientação” certa, então, eu me cuido até hoje.

EU: Bacana. Então, você acabou não usando camisinha, né?

V: É, no começo, não. Não usava.

EU: E, você vai na(o) médica(o)?

V: Vou... É, da última vez que eu fui tava tudo certo. Então... É meio difícil, porque aonde que eu moro tá bem complicado pra marcar médico, ginecologista, então... É uma coisa impossível. Raramente tá conseguindo marcar. Fica complicado pra gente.

EU: E, você vai quantas vezes no médico, quando dá?

V: Quando eu consigo marcar, eu vou. Quando eu não tô conseguindo...

EU: Todo ano?

V: É, tento ir todo ano, pelo menos. Pelo menos, uma vez no ano tem que tá indo fazer os exames pra ter certeza que tá tudo correto.

EU: Quando você vai ao médico, você fala da sua profissão?

V: Não.

EU: E onde você mora?

V: Atualmente, eu moro em Cubatão. Mas, eu vivo mais aqui em Santos do que em Cubatão.

EU: É complicado... A saúde pública tá difícil.

V: Tá horrível, a saúde pública.

EU: Você tem um parceiro fixo que você comentou, né?

V: Tenho, tenho um namorado.

EU: E, você usa camisinha com ele, você orienta ele a ir ao médico, como que é?

V: Bom, eu oriento ele ir ao médico. Mas, não, a gente não usa camisinha. Porque, eu como tomo remédio, e sei que ele não tem nada, eu confio. Mas... Fora isso, sim, eu uso.

EU: Entendi. É... Você tem filhos?

V: Não, e nem pretendo, por enquanto. Enquanto, eu puder evitar to evitando.

EU: Qual é sua idade?

V: Atualmente, tô com 19 anos.

EU: Muito obrigada!!

ENTREVISTA 8

EU: Bom dia, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

C: Carla.

EU: O que é o cuidado para você? Como você se cuida, cuida do outro?

C: A referente ao quê?

EU: A sua saúde.

C: Como eu me cuido?

EU: Sim, se você vai ao médico...

C: Sim, a cada 6 meses, eu faço Papanicolau, normal. Faço exame de rotina de... Simples, DST, HIV, normal, como toda mulher faz.

EU: E, quando você vai ao médico, você fala de sua profissão, como é que é?

C: Sim, falo, sempre. Sempre falo. Eles sempre me perguntam quantos parceiros mais ou menos no ano...

EU: Certo...

C: A gente não consegue calcular, mas... A gente sempre fala que é a mais de 10 com o psicólogo, porque a gente abre sempre na mão do psicólogo, os exames.

EU: Você recebe algumas dicas? Como que o serviço de saúde te recebe? Eles te dão dicas, dicas a mais de se cuidar?

C: Não, nenhuma. Nenhuma. Só mesmo o que nós já “sabe”, o que todo mundo já sabe, né? Nenhuma coisa especial, não, pra nós, não. Não temos.

EU: Ah, entendi.

EU: E, você faz uso do preservativo?

C: Sempre, sempre. Uso preservativo sempre.

EU: E o preservativo feminino, você já fez uso, faria uso?

C: Não faço e não faria uso.

EU: Por quê?

C: Não sei, nunca usei e nunca tive curiosidade de usar. Então, eu não faria,

não.

EU: Entendi. E, como você adquire o preservativo? Você na UBS, você compra, como é que é?

C: O posto. O posto eles dão preservativo pra todas.

EU: Bacana. Você tem filhos? É casada, tem parceiro fixo?

C: Sim, eu tenho uma menina de 10 anos. Não sou casada.

EU: Você tem parceiro?

C: No momento, não.

EU: Certo. E como foi a primeira vez? Antes, você recebeu orientação da família ou da escola? Como é que foi?

C: Primeira vez no quê?

EU: A primeira vez na relação sexual, mesmo. Quando você perdeu a virgindade...

C: Ah, ok. Não, não tive orientação da minha mãe, na época e logo em seguida, engravidei com 17 anos. Fui mãe com 18. Mas, não tive orientação, na época.

EU: Qual é a sua idade? Você é daqui de Santos, mesmo?

C: Tenho 28. Não, sou de São Paulo.

EU: Muito obrigada!!!

ENTREVISTA 9

EU: Bom dia, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

P: Penélope.

EU: O que é o cuidado para você? Como você se cuida, como cuida do outro?

P: Em relação “a” quê?

EU: Ah, você que sabe.

P: No meu trabalho?

EU: Isso, é.

P: Higiene, né... Preservativo que é essencial, né... Primordial. E observar bem e ter cuidado, né? Porque, se não, a outra parte vai querer te enrolar, alguma coisa, né? E te prejudicar, então... E fazer exame, todo ano, né? Aí é importante.

EU: E, quando você vai fazer exame, você fala que da sua profissão ou não?

P: Sim, porque, eu já me trato faz tempo no postinho, então a médica já me conhece. E eu não tenho vergonha, não, porque de repente aparece uma doença e

vou explicar como? Então já falo logo, e aí ela já faz e já sabe, e... E aí pra fazer o tratamento já é mais fácil, também, né?

EU: E ela dá dicas, dicas de como se cuidar mais, para um cuidado maior e melhor ou não?

P: Não, se eu tenho alguma dúvida, eu vou e pergunto pra ela e ela explica.

EU: Entendi. Você adquire o preservativo na UBS, você compra ou eles trazem? Você confia, enfim, como é que é?

P: Eles dão aqui, se eu não pego aqui, eu pego na policlínica. Mas, ficar sem, não fico, não.

EU: Tá certo. E o preservativo feminino, você já usou, você usaria? Como é que é?

P: Nunca usei, não, mas não sei colocar, não. Já peguei, mas... Acho que eu não sei colocar, não. Então, eu uso o masculino, mesmo.

EU: E, em relação a sua primeira vez, sua primeira relação sexual, antes, você teve orientação da família, da escola, algo assim, ou não?

P: Não, foi na raça, mesmo. Aprendi sozinha.

EU: Então, você não usou camisinha?

P: Não. Antes, se eu não tivesse vindo trabalhar aqui, com certeza, eu estaria doente, porque eu nunca usei camisinha. Eu só vim aprender, mesmo e dar valor à camisinha, preservativo, quando vim trabalhar aqui. Se não...

EU: Certo.

P: Mesmo sendo mãe, tendo filho e tudo, não usava.

EU: Você tem quantos filhos?

P: Graças a Deus, um só.

EU: Certo. E, qual é sua idade?

P: Eu não gosto de falar (risos).

EU: Então, tudo bem... Você tem parceiro fixo?

P: Não.

EU: Muito obrigada!!!

ENTREVISTA 10

EU: Bom dia, meu nome é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

C: Camila.

EU: O que é o cuidado para você? Como você se cuida, cuida do outro?

C: O cuidado é se prevenir, primeiramente, né... Sempre tiver com a camisinha na bolsa, né... É... Tomar cuidado “cas” “doença” transmissíveis, né... E, sempre tiver atenta pra tudo, né...

EU: E, você vai ao médico regularmente?

C: Sim, vou ao médico, né... Às vezes, vou na Santa Casa de Santos que eu já trabalhei lá, então...

EU: Ah que legal...

C: Então, eu sempre procuro me prevenir. Vou no ginecologista que isso é importante. Tudo isso...

EU: Você fala da sua profissão, recebe orientações a mais ou não?

C: Sim, eu já recebo, porque eu tenho o curso, né... Tenho de auxiliar de enfermagem. Então, eu sei o que que é isso aqui, né... Então, eu não sou boba, tô bem esperta nas coisas. Então “pras” minhas colegas, não, né. Minhas colegas, realmente têm que sempre, né... Fazer... Eu já sou da área, já fico mais prevenida nas coisas. Entendeu?

EU: E, você fala da sua profissão atual?

C: Não, não falo. Não falo, não comento, nem nada. Comento com você, porque tô fazendo a entrevista com você, né?

EU: Sim, imagina.

C: Mas, não falo, não.

EU: E o preservativo como você adquire, você vai na UBS...?

C: Eu vou no UPA, né... Nos postos, né... Que nos fornecem camisinha, essas coisas, né. Então, sempre tô com camisinha na bolsa. Sempre prevenindo.

EU: E, como foi sua primeira vez, antes, você recebeu orientações ou não? Como é que foi?

C: Sim, eu tinha orientação, sim na escola. No curso de enfermagem, as orientações e tudo... Então, eu sempre me preveni sim.

EU: Você tem filhos?

C: Eu tenho duas meninas e tenho um que tô esperando.

EU: Ah é?

C: Sim.

Eu: Parabéns!!!

C: Só que eu tô de poucos meses, tô com um mês, ainda. Mas, o pai não presta,

né?

EU: Tá fazendo pré-natal?

C: Vou começar fazer.

EU: Certo.

C: O pai não presta. Peguei o filho errado com o cara errado, mas tudo bem, né... Acontece, né? Burrice, minha.

EU: Um filho é uma benção. Tem gente que não pode engravidar, né...

C: É...

EU: Bom, se quiser falar sua idade e de qual classe social você se considera...

C: Ah, a classe que eu considero, assim... Que eu me acho, assim é que eu me cuido, muito. Me previno, muito. Entendeu? As coisas não "tá" fácil, não... Você sabe... A cada dia tá surgindo mais doença, né... Não é só a aids, você sabe disso, né?

EU: Sim, sim...

C: Tem várias doenças aí também que mata, né... As pessoas se apegam muito na aids. Não é só a aids.

EU: Não, não... É complicado...

C: É complicado... Então, eu procuro me prevenir o máximo, principalmente aqui, né? Porque aqui você sabe... Que é todos "tipo" de homem, né... Você não sabe quem tá com aids, quem não tá.

EU: Sim, lá fora, também. Lá fora que eu digo, assim, balada, essas coisas...

C: Mas, aqui tá o primeiro... O primeiro lugar tá aqui, né... Na zona, né... Tem que falar a realidade, né... Tem que falar a realidade, entendeu? Eu tenho muito medo, viu? Falo pra você... Tô nessa vida por uma precisão, tô entregando currículo, mas "cê" sabe que do dia pra noite não vou arrumar isso. Eu pago um aluguel.

EU: Hoje em dia é indicação, né?

C: Mas, eu tô correndo atrás, tô correndo atrás. Entendeu? Tô parada, não. Tu me vê aqui, mas eu não tô parada não. Tô correndo contra o tempo.

EU: Tá certo.

C: E, você sabe que eu corro risco, também... Da camisinha estourar... "Cê" sabe... É perigoso... Então, você tem que ficar atenta.

EU: É, todo mundo, né...

C: Então, eu falo pra você, as coisas não "tá" brincadeira, não.

EU: Muito obrigada!!! Tudo de bom!!! Espero que você consiga o que deseja!!

ENTREVISTA 11

EU: Boa tarde, meu é Thainá. Como você gostaria de ser chamada?

R: Rafaella.

EU: O que é o cuidado para você, e como se dá o cuidado, o cuidado com o outro?

R: Então, o cuidado, é assim, né... Uso preservativo, sempre, em todas as relações "sexual"... Usar preservativo tanto no oral, como na penetração, higiene, também das mãos, né? Do corpo... Tomando banho, toda vez. Assim, cuidando da gente e do outro, né.

EU: Como você adquire o preservativo?

R: Então, eu vou buscar nos postinhos de saúde, sempre vou buscar.

EU: E, você já usou preservativo feminino, usaria?

R: Nunca usei. Eu acho mais prático o masculino, mesmo.

EU: Você vai ao médico?

R: Vou.

EU: Quantas vezes por ano?

R: Umas duas vezes por ano, sempre faço exame, todos os exames. Mas, vou também no ginecologista, sempre.

EU: E, você fala da sua profissão?

R: Falo, falo. Falo o que eu faço, tudo. Elas perguntam se eu uso preservativo, eu digo que sim.

EU: Você recebe orientações a mais por isso ou não?

R: Sim, recebo... Para usar sempre o preservativo, tudo. Ele sempre orienta a gente.

EU: Você tem filhos?

R: Não, não, tenho não.

EU: Você tem parceiro fixo?

R: Também não.

EU: Tá. E, como foi sua primeira vez? Você recebeu orientações, antes?

R: Não, não recebi nenhuma orientação, foi sem orientação nenhuma e foi sem preservativo. Agora eu já sei me cuidar, né? Mas, antes, eu não sabia.

EU: Tá certo... E, qual é sua idade?

R: 32.

EU: E, de qual classe social você se considera?

R: Olha... Acho que média, né... Sei lá...

EU: Tá certo... Só isso, mesmo, obrigada!!!

ENTREVISTA COM Y- Assistente Social do Centro de Referência em DST/aids de Santos/SP.

EU: Você acha que o perfil delas foi mudando ao longo do tempo, em vários sentidos quanto de gênero, de idade?

Y: Não, na verdade não. O que mudou foi a for... Um pouco da forma de organização, porque, por exemplo, se você pegar aqui em Santos na década de 80, quando eu comecei a trabalhar... Então tinha uma pesquisa que foi feita pelo Celso Granato... Foi a primeira... Acho que a primeira pesquisa, pelo menos nesses últimos trinta anos que foi feita aqui. É uma pesquisa de mestrado que ele fez sobre sífilis em trabalhadoras do sexo e fez também em HIV. Então isso foi em 85, 86 junto com o ginecologista do Hospital Guilherme Álvaro, então é o Celso Granato e o Guilherme Porto. Então, eles entrevistavam as prostitutas, ele (Celso) era do Adolf Lutz e o Guilherme Porto do Hospital Guilherme Álvaro e aí eles começaram a entrevistar especificamente a do Granato não foi com o Guilherme Porto, depois que ele teve uma com o Guilherme Porto. Aí elas começaram a vir aqui, por quê? Porque dava positivo, elas recebiam esse resultado e vai fazer o quê? Então, elas começaram a vir aqui acessar o serviço. Nessa época, aqui tinha um serviço... Aqui era uma unidade do Estado e tinha um serviço que chamava SAMTS (Serviço de Assistência às Moléstias Sexuais Transmissíveis) que era da Prefeitura. Então, eles só ocupavam aqui o terceiro turno. O centro de saúde fechava às 17hs, mas das 5 às 9 da noite era um serviço que atendia. Então, elas vinham aqui., né, para tratar a sífilis. Nessa época, também existia em Santos, um negócio que chamava Rota 59 que foi criado no governo... Acho que do Maluf, ainda... Não, foi antes, porque o código 59 é um código que não existe mais hoje no código penal, que um código de vadiagem. Então, qualquer pessoa que estivesse na rua sem documento, sem carteira assinada, ela podia ser presa para averiguação por vadiagem. Então, lógico, as prostitutas e as travestis eram as que estavam sempre na mira. Então, baseado nisso, os delegados daqui de Santos, mas em vários lugares do Brasil, dentro de uma postura higienista...

O que que eles faziam... Eles pegavam a menina que estava fazendo programa prendiam, levavam para a delegacia e exigia que elas fizessem o teste de sífilis, que ainda não era nem o boom da aids nessa época... Aids ainda era a “peste gay”, então elas não estavam no foco da questão da aids. Mas, elas tinham que fazer... Vinham aqui no Centro de Saúde com uma carteirinha da polícia e nessa carteirinha, a gente tinha que botar o resultado do exame da sífilis. Então, o delegado falava assim: - Oh, eu vou te soltar pra você ir no Centro de Saúde, se você não for no Centro de Saúde, na próxima vez, você vai ficar presa. Então, ela tinha que vir fazer quase que compulsoriamente... Não... Compulsoriamente, praticamente, o teste da sífilis. Então era um controle sanitário que tinha na cidade. Nessa época, a gente já tinha uma organização da prostituição, então as mulheres me contavam, quando eu comecei a trabalhar com elas que eram separadas as praças. Então, ali na Praça do Bombeiro, onde hoje é a Câmara, ali é uma concentração das prostitutas mais velhas, sempre foi. Então, elas contam que as mulheres que faziam programa completo... Porque até hoje tem uma certa discriminação de quem faz programa de sexo anal, oral e vaginal. Então, essas mulheres... Elas ficavam... Antes, na década de 70, numa praça separada, que era ali próximo do Fórum. Então, elas não se misturavam. E o cliente que quisessem praticar sexo anal, ele já não ia propor, porque é uma ofensa propor, né... Historicamente, a gente sempre teve em Santos, as trabalhadoras do sexo mais velhas, ali na Rua Bittencourt, com a Av. Senador Feijó, e Av. São Francisco, naquele quadrado... Praças separadas, né... E ficava cada um numa área. Então, historicamente, as mulheres... De melhor aparência... Mais “top” ficavam dentro das boates, as mais ou menos na rua e as mais velhas nessa região que estou te falando... Região do Bombeiros; nós já chegamos a encontrar mulheres lá de 70 anos, fazendo programa e assim, com 40 anos de trabalho na rua... Aí a gente tinha... Quando, a gente começou o trabalho... Em 93, nós tivemos o financiamento do Family Health International que era ligada à Agência Norte-Americana Internacional.

Y: No mapeamento, a gente tinha a zona clássica de prostituição que pegava a Rua General Câmara, um pedacinho da Av. João Pessoa, a travessa dona Adelina, a Rua João Otávio que ali onde ficava o ABC House que agora fechou. Ali a gente tinha um cine privê e a gente tinha a região dos Bombeiros, né... E a Av. Senador Feijó. Da Av. General Câmara até a Rua 7 de Setembro, mais ou menos. Então, era bem grande essa extensão. E aí foi encolhendo, foi encolhendo, foi encolhendo... Porque daí, a gente virou capital da aids, aquela zona ficou muito focada, e aí lógico, quem dependia

de um determinado tipo de cliente... O cliente não ia para aquele lugar, porque Santos, capital da aids, sempre apareceu naquela zona. Então, o que que eles começaram a fazer? A tal das agências de programa, onde tinham as scort-girls, que são as meninas de melhor escolaridade, melhor aparência, e que o programa é mais caro, né... E é um programa diferente, por quê? Porque, elas têm um book ou quando não é um book, elas se apresentam pro cliente e o cliente escolhe. Só que o programa é mais caro, e tem uma vinculação maior, por quê? Porque, a menina vai dar uma parte pra casa, elas têm o plantão que ela faz lá na casa, se o cliente quiser atender ela fora da casa, ele terá que pagar uma taxa pra tirar, né... A gente chegou a ter 24 agências em Santos, dessas. E, totalmente esparramadas na zona residencial, fora do foco que era a capital da aids. Então, a gente tinha na Vila Mathias, a gente tinha no Marapé, a gente tinha na Ponta da Praia, a gente tinha no Boqueirão, a gente tinha no Macuco, várias casas. Algumas funcionam até hoje, são mais tradicionais, que têm mais tempo, e tudo isso. E, continuam trabalhando com os mesmos modos operantes, assim... Ou seja, o cliente vai lá, ou o cliente telefona, aí a menina se apresenta, o cliente escolhe, faz o programa, o programa demora em média 2 horas, às vezes tem uma massagem tailandesa, às vezes tem um American Bar, lá pro cara ficar tomando alguma coisa, conversando com a menina, e tem os quatinhos lá, ou ele leva a menina pra um hotel, ou pra casa dele, ou pra onde ele quiser... A maioria dessas agências só tem mulheres. Algumas, tinham homens, mas o que a gente reparava... Que o mesmo Bruno da Line's era o Thiago da Uva's... Entendeu? Então, era o mesmo cara. E, eles não fazem plantão que nem as meninas, eles trabalham com book. Então, se o cliente quer o nome, ela liga pro Bruno ou pro Thiago, dependendo do lugar que ele trabalha, e aí ele atende quanto numa quanto na outra, porque o número é bem menor. Então, basicamente era assim que elas se organizavam. Não mudou muito a forma de organização, não tem coisa diferente. O que que tem de diferente? Com o acesso virtual, hoje você... Têm meninas que usam, ao invés de ela ficar subordinada a uma agência... Ela mesma faz o anúncio, ela mesma pega o contato do cliente, o cliente fica com o contato dela, então, ao invés de ele ir lá na Line's ou naquele American Bar lá da Rua General Câmara; Ninfas Night Club, então ele não vai pagar a parte da casa, ele vai ligar pra ela e ela vai encontrar com ele onde quiser. Então, ao invés de ela ir hoje lá, ela não vai. Entendeu? Ela já tem um cliente, liga, diz que não vai, enfim, né... Dá os truques dela. Então, a gente hoje têm algumas agências que funcionam desse jeito e algumas que funcionam como American Bar. Então, você entra tem um

snooker, uma música alta, mas é uma casa, não tem placa, não tem nem identificação, absolutamente nada. E, lá, você vai encontrar mulheres mais jovens, e de melhor aparência, mais produzidas que as estão na rua. Ela teve duas casas coladas... Em cima da pastelaria do lado e atravessando a rua, por outro lado depois da Av. João Pessoa, aquelas duas do lado de cá e uma aqui, na Av. João Pessoa, em cima. Hoje, eu acho que ela só tá com uma, nem é ela, né... É a sobrinha dela... Só tá com uma, em cima da pastelaria, só, aquela primeira portinha. Não sei nem se ela vendeu. Então, do lado de cá o gaúcho, do lado de lá seriam as meninas da “Tia Baiana”. Aí, aqui tinha uns hoteizinhos, que era o Real, Paraty, que acabou fechando. Não tá mais assim. Muitos... A hospedaria Brás Cubas que era em frente ao Coliseu, fechou pela Vigilância Sanitária. Hoje tem... Você passa lá tem um muro, assim de tijolo. Ali era super tradicional, super antigas as meninas... Tinham muito tempo. Aí, a gente tinha um cine privê que era o único de Santos. Porque, o outro que era o Júlio Dantas, que hoje tá na Av. São Francisco, antes ele era lá dentro do centro português. Mas era só de travestis. Era um lugar de programa, travesti e michê. Onde que fazia sexo explícito, com casal, com performance, tudo... Era na Travessa Dona Adelina que era na esquina do ABC House, ali na metade da quadra que agora não existe mais. E várias boates daquela região, também fecharam. Então, hoje praticamente, não tem quase mais nenhuma. Tem um bar, ali na Av. Amador Bueno, e tem ali do lado do... De onde era o ABC que ainda tá funcionando. De resto, quase não tem nada. Mas basicamente é isso. As meninas mais “top”... Elas vão para a agência, né... As top médias vão para as boates e depois as outras, né... Rua... Já são mais velhas, né... Às vezes, mais envolvida com droga, com menos condição de organização. Também tinha ali no Emissário. A gente tinha o Pink Panther que hoje é um buffet, né... Onde tem a Smart Fit. Ali era uma boate enorme e uma sauna. Sauna embaixo e a boate em cima. Onde hoje é a Smart, ali era uma boate. Ele fechou e abriu na Ilha da Madeira e algumas meninas foram com ele pra lá. Então, ele tava em Santos, acho que 50 anos e ele antigamente ele ia pra Santa Catarina e trazia todas as meninas de Santa Catarina, depois com essa coisa de “capital da aids” e com essa coisa da queda da procura do comércio do sexo, tal... Ele acabou pegando... Ele mesmo falou um tempo antes de ele fechar que as meninas que ele tinha lá, não serviam nem pra varrer o chão, na época áurea, né... Porque acabou ficando bem... Então, lá tinha show de strip, também... Mas mudou bastante. A sauna fechou primeiro, depois fechou a Pink, ele transferiu lá pra Ilha da Madeira, levou as meninas, tal... Então... E, além disso,

como ali já tinha essa região, tinham meninas que faziam programa ali na frente do Emissário e do lado, na rua do lado, na rua Sira tinha um hotel, também... Um motel, que acho que ainda existe até hoje, em que as meninas faziam ponto ali. Mas, no meu último mapeamento que foi em 2015, já não vi mais ninguém naquela área. Ninguém, né, ali perto do Orquidário tá uma mini cracolândia, ali que é perto da Santa, então acabou afugentando os clientes. Então, elas não ficam ali, elas vão para o lado da Av. Presidente Wilson, em São Vicente ou pro Centro... Naquela região não tá ficando ninguém. Aí, aqui a gente tem aquela Aeroporto que é uma agência bem conhecida e que tem acho que duas casas e agora abriu uma outra aqui, também, na Rua Almeida Moraes que também faz show, tal... Faz strip que é tipo American Bar. A Aeroporto, também funciona como American Bar. É uma casa, você toca a campainha, você entra... Na sala tem mesa de snooker, tem um bar... Mas, de fora, você diz que é um imóvel residencial, você não vê nada. Antes tinha uma ali do lado da UNISANTOS, na Rua Carvalho de Mendonça, e tinham duas em frente ao Teatro Municipal, uma era mais antiga, que era a Saline's... Tinha outra na Rua Barão de Parnapiacaba, esquina com a Av. Washington Luís... Essas eram tudo agência... Então, assim... “Eu ofereço sexo seguro, porque estou fora da zona que é capital da aids”, entendeu? Então, era mais ou menos essa lógica... Então, hoje, assim... 2015 que eu fiz o mapeamento... Onde que eu vi as meninas? Na Av. Senador Feijó, na Av. João Pessoa, mas da Av. João Pessoa, da Av. Senador Feijó para o lado da Rodoviária, umas duas ou três quadras... Depois, não tinha mais... E, ali no Bombeiro que são bem menos, bem mais antigas... Por quê? Porque, aqueles dois hotéis fecharam, que era o Brasil e o Estoril. Um, ele, acabou virando residência, pelo Pré-Sal, tal... E tá alugando para a empresa... E, agora parece que tá fechado de vez... Porque, eu fui numa sessão da Câmara, dia primeiro, e vi que não tem mais movimento nenhum. Então, as meninas, elas ficam ali na praça... As mais velhas, né... Ou ali na Rua Bittencourt, mesmo... Ou envolta da Praça, uma, duas, três... Mas, são as mais velhas... Aí, à noite, ficam as travestis do outro lado, porque elas não se misturam. E, aí elas ficam na Av. São Francisco, as travestis e elas ficam na Rua Martim Afonso... Elas não se juntam com as trabalhadoras... Elas não se juntam... Elas estão só naquele pedaço... Inclusive têm umas que moram por ali, também... Tipo república, assim... Num quarto, numa casa alugada moram várias meninas... Então, basicamente é ali que elas ficam. E, de trabalhadora do sexo é isso... Tem diminuído bastante, né... No primeiro censo que a gente fez deu 1000 e tantas em atividade... Depois, caiu pra 500 e pouco e agora tá

em torno de uns 300, 400...

EU: Caramba, caiu bem!! E, o uso do preservativo feminino? A maioria não usa. Só uma que foi falando...

Y: Não usam... Uma ou outra que gosta... É muito pouco o número que usam. Porque a gente tem as agentes de prevenção que trabalham direto com elas e elas levam o preservativo feminino e o masculino. Na quinta-feira tem uma trabalhadora do sexo que é agente de prevenção que faz plantão no bar Ronda que é na Av. Senador Feijó... Entre a Av. João Pessoa e a Rua Amador Bueno, chama Ronda, o bar. Fica uma concentração grande de meninas, ali. E lá no Bar Ronda, elas levam o masculino, e o masculino tem uma aceitação grande e o feminino tem uma aceitação pequena, quem gosta, gosta. Quem não gosta, não quer nem ver. Né... Não tem assim... É infinitamente menor, mas isso é na população em geral, também... Que tem a ver com a questão de como a mulher percebe o corpo dela, porque, por exemplo, a gente fazia as oficinas com elas, quando a gente tinha o projeto direto com elas que era um misto... A gente trabalhava com trabalhadora do sexo e com profissionais de nível universitário junto.

EU: Ai que legal!!

Y: E, a gente fazia as oficinas. Era super legal!! Então, a gente fazia as oficinas com elas, e tinham meninas que não sabiam que tinham dois orifícios. Elas achavam que a menstruação, o bebê e a urina saíam tudo do mesmo buraco, entendeu?! Então, a gente fazia... Trabalhava com espelhinho, e mostrava pra elas, a gente levava álbuns seriados... Então, assim, tem muita representação em relação a perder o “o.b.” lá dentro, perder objetos lá dentro, né... Às vezes, tinha ocorrência de ir pra Ponto Socorro, porque têm uns clientes que têm uns fetiches, colocavam coisas, depois não conseguiam tirar. Enfim... Então, tinha essas coisas todas. Mas, melhorou bastante, porque quando a gente começou o trabalho, a gente encontrou mulheres que moravam na Rua General Câmara, a uma quadra da Unidade de Saúde que tinha lá que era a Policlínica do Centro Velho, que era justamente em frente ao ABC House. E elas referiam que cortavam o condiloma com “gillete”, mas não iam na Unidade.

EU: Ai que horror!!!

Y: É, e assim, tinham umas coisas... Umas representações... Assim, tipo usavam “coca-cola”, se furasse a camisinha, porque “coca-cola” limpa tudo... Então, botava naquelas buchinhas... Faziam buchinhas de “coca-cola”, duchinha higiênica com chuveiro, né... Prejudicando a flora vaginal. E, depois assim, com as oficinas com

elas, a gente foi ensinando que esse tipo de coisa... Muito pelo contrário, diminuía ainda mais a proteção, né, que o pH podia dar muito mais proteção que esse método agressivo, tal. Mas, basicamente era isso... Agora, a organização, não muda, né. Não muda em outros lugares do Brasil, porque eu coordenei o Multicêntrico Nacional, duas vezes, o RDS de 2010 e o agora, de 2016.

EU: Que bacana!!

Y: Então, a gente fez as formativas que eram grupos focais com as trabalhadoras do sexo do Brasil dessas 10 capitais. E, assim a forma de organização, não muda. E, eu fiz também, as formativas de Angola e Moçambique com as prostitutas. É o mesmo modo de acesso ao cliente, de abordagem, de ficar nos lugares, o cliente passa... Conversa com o cliente, ou então fica numa casa que recebe o cliente, né... Vai mudar de nome, por exemplo, aqui em Santos chama agência, no Rio chama termas. Mas, não tem terma, nenhuma. Não tem nem... Mas, você pergunta, mas tem uma sauna? Não é termas... Termas, nada mais é do que uma casa que recebe os caras. Também, não tem placa, não tem nada.

EU: Que barato!!

Y: Mas é o mesmo jeito. Por exemplo, lá no Rio tem a Vila Mimosa que é um monte de barzinho numa área confinada, né... Aqui tem vários barzinhos, mas não é daquele jeito, porque lá... Por que a Vila Mimosa é daquele jeito? Porque, elas ficavam na Praça das Bandeiras que foi revitalizada e foi oferecida aquela área pra elas. Então, eles se concentraram ali. Mas, eles ficavam antes em barracas, lá na Praça das Bandeiras. Então é assim a forma de organização. Campo Grande, você vai ter vários lugares de comércio do sexo que é dentro do bairro residencial, parecido com a nossa agência. Não tem placa, não tem nenhuma identificação. E, como é que o cara sabe que ali é uma casa de programa? Porque, eles colocam o número da casa grande. Então, se você andar por Campo Grande, e ver que tem um número grande, assim, por exemplo, aqui... Rua Silva Jardim, 94. Tá normal a plaquinha. Mas, se tiver um número grande 94, no muro, é porque é casa de programa. Você entra lá, né... Então, você vai tendo algumas formas de organização, mas assim a forma de abordagem do cliente ou você tá na rua e chama o cliente, ou o cliente vai num lugar que ele identifique como um lugar onde ele pode encontrar essas meninas, né... Não sei se eu te falei, mas tem um site que se chama: gpguia.net que aí você pode colocar por local. Aí, por exemplo, você vai colocar Santos, aí é a opinião dos clientes sobre as trabalhadoras do sexo.

EU: Que bacana!!

Y: Aí, eles falam tem uma casa em tal lugar assim, assim... Que é umas meninas que aceitam fazer tudo, outros que não aceitam, que têm umas mulheres caídas, com celulite, outras que têm mulheres bonitas, entendeu... É muito interessante para quem tá trabalhando com essa população ouvir o que os clientes falam.

EU: Legal!! Diferente... E, ontem, por exemplo, eu entrevistei uma que é homossexual, ela se diz homossexual, só trabalha estritamente... O trabalho dela é o trabalho dela...

Y: Isso é muito frequente... Sim, ela só faz comércio do sexo, mas ela não tem... É uma coisa funcional. Mas têm muitas meninas, elas falam que meio que enjoam de homem, né... Elas namoram entre elas... Ou às vezes, elas têm uma namorada que não é profissional do sexo, mas trabalham em outro tipo de atividade, mas elas fazem comércio sexual, isso acontece. Até mesmo nas agências, né... É mais frequente... Não sei porque se elas ficam juntas, ali... Mas, as meninas de mais... Maior poder aquisitivo, né... Porque nessas agências têm muito universitária... Gente que tá fazendo programa para ajudar a pagar a faculdade, aí quando eu terminar, não vou fazer mais, né... E, elas acabam tendo namoradas. Sim é uma coisa frequente ter namorada.

EU: Interessante!! Eu também vi um documentário da Sayonara Freitas...

Y: Do Observatório de Prostituição da Fiocruz?

EU: Não sei ao certo...

Y: Acho que ela é...

EU: Ela é daqui de Santos... E aí, tem o livro dela, também que eu até encomendei... Que é "Cortina de Fumaça" e ela mapeou, também a região, também entrevistou algumas prostitutas... Enfim...

Y: Tem a Denise Martim, também... Acho que eu cheguei a falar para você... A Denise Martim... Ela fez uma qualitativa, foi a tese de doutorado dela aqui em Santos, nessa época que a gente tinha os grupos com as meninas, tal... E ela fez, também... Chama Denise Martim... Têm uns artigos também, dela... Ela era coordenadora da pós-graduação daqui da UNISANTOS, mas na época, ela era de São Paulo. Ela é uma antropóloga. Então, o olhar dela é de antropóloga que é bem interessante. Aí tem a rede também, né a rede das prostitutas que agora tá meio desmontada... Que era a Gabriela, mas a Gabriela faleceu. Então tá meio desmontado. Mas, têm umas coisas, também... Tá muito desmontado o movimento das prostitutas... Tem a Lourdes Barreto

que é de Belém, ela foi candidata, inclusive, à vereadora... Acho que a deputada, também. Ela é uma prostituta antiga, mas que tem assim, muita vivência... Muita vivência política e até hoje, ela tem lá, um grupo, lá que é de Bélem, tem a Prosba, que é Associação de Prostitutas da Bahia, e no Estado de São Paulo, não tem... Começou um núcleo... De Ribeirão Preto organizado por uma menina que depois, meio que descambou. Tem uma em Porto Alegre, que na verdade, não é uma Associação de Prostitutas, porque ela é coordenada pela mulher de um pastor... A Tina que tá muito tempo, mas que tem um trabalho com as meninas, e que tem assim, um pouco de organização... Mas, não... Embora, ela participe da rede de prostitutas e tal... Tem a Carmen que é uma prostituta de Curitiba, que tem Associação de Curitiba... Mas, basicamente é isso... O Amo a Vida do Amazona fechou. Não tem acho que mais ninguém lá... E, não tem mais nenhum outro assim... A gente teve bastante dificuldade, porque as pesquisas da Fiocruz, né, do Ministério, elas têm que ter o controle social junto. Então, a gente teve bastante dificuldade, por conta de não ter mais um processo de organização como tinha antes. Desde que acabou o financiamento do Banco Mundial, o Ministério não tem financiado as Associações e tal... Então, acaba ficando bem mais pobre o negócio... Antes, não... Elas tinham... Apesar que ele ainda faz alguns encontros... Têm algumas coisas da rede, dá para você dar uma olhada, também. Mas, a organização não varia muito, não. É internet, é anúncio em jornal... Aqui na região, muito pouco. Elas não se organizam desse jeito, aqui. São as agências de programa, os bares, né... As boates e ficar na porta dos hotéis de baixa renda, onde não tem uma vinculação, né... Porque, o dono do hotel permite que ela fique ali... Às vezes, até dá dormida para ela... Às vezes, ela paga uma taxa, às vezes nem paga. Mas, ele fatura em cima do número de cliente que ela leva. Que o programa é 10, 15 minutos... Você deve ter visto... Então, a rotatividade é muito grande pro dono do hotel compensa... Apesar que é 30 reais o hotel...

EU: E, pelo que você vê... A maioria, quando vai ao serviço de saúde fala que é prostituta?

Y: Não fala, a maioria não fala, né... Inclusive isso foi uma coisa que apareceu bastante, porque com a expansão do Programa de Saúde da Família, elas estão sendo obrigadas a serem atendidas no seu território e a maioria, não se declara com prostituta no lugar que mora, né... E, muitas têm dificuldade de acesso... Por quê? Porque o PSF não aceita uma declaração da dona do hotel que ela mora lá. Então, por exemplo, a menina é de Curitiba, se ela passar mal, ela vai na UPA, então não

tem problema, nenhum. Agora, para ela fazer um cadastrado dentro da Unidade do PSF, ela não tá no mapeamento do agente comunitário, porque o agente comunitário, não mapeia hotel. Então, vai depender muito da sensibilidade do gestor, vai depender muito da sensibilidade do agente comunitário, de poder garantir esse acesso, né... Algumas meninas têm bastante dificuldade... As que moram na cidade, não, porque, elas tão no cadastro da UBS como moradora, mulher do lar. Elas, não estão lá como prostitutas, entendeu? Então, exceto, aquelas que são bem conhecidas, assim... Mas, a grande maioria, né... Você vai ver, que você vai entrevistá-las... Elas não falam: - Eu sou prostituta... - Eu estou fazendo programa, né... Como se fosse uma coisa temporária, ela não entende que aquilo é um trabalho, e que ela vai ficar ali... Essa coisa da autodeterminação é bem... Não sei se você leu "Tributo ao Vênus" ...

EU: Não...

Y: Que é um livro que conta a história da sífilis e lá tem acho que dois capítulos... Vale a pena, você pegar na biblioteca. Porque é gostoso de ler. Mas, ele é desse tamanho, assim, porque ele vai contar toda a história da sífilis. Mas, especificamente tem uma historiadora que é muito legal que tem escrito sobre prostituição que é da UNICAMP que é a Margareth Rago.

EU: Ah sei...

Y: É, então... E ela tem alguns capítulos lá que ela conta como é que foram montados os bordéis no Brasil, a influência francesa da época, a própria decoração dos bordéis que é uma coisa legal... Eu fiz um curso que a Margareth deu umas aulas... Ela é muito legal, e ela tem escrito muitos sobre a história da prostituição no Brasil, né... E, ela é antropóloga, e ela tem esse olhar, assim, bem legal, mesmo. Mas, basicamente, eu acho que é isso. Você não vai encontrar muito mais variação do que isso. E, muitas meninas, senhoras, também, ali na região de onde eu to te falando da Rua Bittencourt, da Praça José Bonifácio que é a do Fórum... Que elas vão dizer assim: - Não, eu faço faxina, eu venho aqui uma vez, duas vezes por semana, olha, eu já não venho aqui desde a semana passada... Já não venho aqui... Ai, isso aqui tá muito fraco... Então, eu quase não venho... Venho só de vez em quando... Lá na Praça dos Bombeiros, você passava ali ficava lotado de mulheres... Agora, você passa tem uma, duas aqui na frente da Câmara, e virando a esquina ali, você vai ver... Em frente do lado do Porta do Sol, ali, umas duas, três que são sempre as mesmas, também... São mulheres mais velhas que estão lá há bastante tempo. E, muitas que estavam ali há muito tempo já foram embora, né... A Elizete que tinha 68 anos, 70 anos, quando

ela foi embora, quando ela formou a filha... A filha dela fez física nuclear na UNICAMP, e ela bancou tudo fazendo programa. E, depois a filha pegou uma bolsa, e foi para a Alemanha, parece... Mandava dinheiro para ela, e aí ela aposentou...

EU: Aí que bacana...

Y: E ela era muito engraçada, porque ela ficava fazendo crochê perto dos clientes... Ela tinha um cabelo por aqui (longo), parecia a vovó da Família Adams branco, branco, branco, sem nenhuma tinta... Fortinha... E, ficava ali na rua fazendo crochê até virem os clientes... E, ela tinha cliente há vinte anos... Toda terça-feira, às 2 horas da tarde. É, era muito engraçado... Tinha a Maria Helena, que a Maria Helena, eu que fiz o processo dela de aposentadoria...

EU: Aí que legal... Que interessante!!

Y: Mesmo não estando mais lá com elas... Como elas me conhecem... Maria Helena teve aqui outro dia, porque ela precisou operar uma hérnia e tá com dificuldade. Mas, ela mora em Vicente de Carvalho, tem um parceiro e agora ela parou de fazer programa. Não tá fazendo mais. Mas, também já tá com 70, agora... Deve tá... Mais ou menos... Se não é mais... Quem mais... A Rosana, que fazia programa ali que agora também conseguiu se aposentar, também tem um parceiro que é casado, mas que fica um pouco com ela, um pouco com ele... Tá morando em cima do Porta do Sol, lá.... Mas, não faz mais programa. Mas fazia programas ali há anos... Que é uma pequenininha, de baixa estatura, bem pequenininha.

EU: Legal, então você também orienta sobre as questões dos direitos, da assistência social?

Y: É, porque assim, elas sabem que eu trabalho aqui, né... E, como eu fiquei muito tempo lá... Então, às vezes, vez ou outra, vem alguma aqui, ou por questão da aids, ou por questão de orientação... Até elas irem no CRAS fazerem um cadastro... Demora muito... Então, elas vêm aqui, e aí a gente faz... Faz as cópias dos documentos, aqui...

EU: Bacana...

Y: Uma já fala pra outra, e elas vêm. A Maria Helena ficou muitos anos, muitos anos, acho que mais de 40 anos ali na região da Praça dos Bombeiros.

EU: E só para finalizar, a família geralmente não sabe mesmo?

Y: Depende... Tem gente que sabe... A Elizete, a filha dela mesmo fazendo faculdade sabia... Tem gente que não, que a família pensa que trabalha... Por exemplo, a família tá no interior, vem pra cá, ou tá no Paraná... Ou a família está em

outro estado vem e faz programa, aí essa época, por exemplo, fica super ruim, porque a maioria vai ver a família, aí depois no começo de janeiro, elas voltam tudo de novo. Aí elas ficam por aqui. Mas, a família não sabe. E tem menina que é daqui que a família não sabe. Então, por exemplo, nessa Aeroporto, eu encontrei uma mulher, uns 40 anos, menos, acho que não... Porque lá não tem ninguém de 40, uns 35 anos e, ela deixa... Ela paga para uma vizinha tomar conta... Ela tem três crianças... Ela paga pra vizinha tomar conta e ela fala pro marido que ela limpa um escritório. Então, ela limpa o escritório das 20 hs a 01 da manhã, mais de um escritório no Centro de Santos. Mas, não, ela vai lá para o Aeroporto, então ela vai com aquela... Tênis, tem as coisas guardadas lá no armário, sapato de salto, como elas falam, uniforme de biscoite que elas falam, né...Então, elas se produzem toda, fazem maquiagem, tudo... Inclusive, nessa Aeroporto tem uma sala que a gente faz a intervenção com elas que parece um camarim, assim, tem um espelhão, aí tem um console à parede e a maioria chega ali, assim... Vestida de calça jeans... Aí chegam lá, elas têm o armário delas, aí elas põem a roupa toda, shortinho, paetê, brilho, maquiagem, cabelão... Tudo, e ficam todas... Assim se transformam, mesmo... Porque elas vêm das casas delas, ou vêm de um outro trabalho, vão ali pra completar a renda... Então, a família pensa que trabalha de uma determinada coisa e trabalha de outra. Isso é muito comum, a família não saber. Por isso que elas têm “mó cabreragem”, tipo, se você não vai divulgar isso, se alguém vai reconhecer a voz delas... Se for filmar, então... Aí que acaba o mundo, né... Elas não gostam, elas são muito cabreiras. Então, muitas vezes, a gente queria gravar, né, principalmente na qualitativa, mesmo no grupo focal, têm lugares que elas não autorizam. Aí, você tem que desligar o gravador, anotar o máximo que você conseguir, aí elas conversam com você, né...Mas, gravar, não... Gravar, elas não gostam, elas ficam muito cabreiras. Elas têm muito medo, assim de serem identificadas, por causa da imprensa... Para a imprensa era a capital da aids, daqui a pouco elas estavam em casa e tavam aparecendo elas lá fazendo programa, sem a família saber. Agora antigamente, também, em Santos, tinham boates de acordo com o público. Então, tinha, por exemplo, My Love que tinha uma boate lá dentro que era só de filipinos. Então, tinha karaokê, porque filipino...Asiático gosta muito de videokê... Então, tinha telão, eles cantavam... Tinha os Zorbas... Que era só de gregos, então quando vinham os navios... Quando vinha o navio grego, ia todo mundo pro Zorbas, tinha aquele negócio de quebrar prato, as danças gregas, tal... Tinham as bebidas gregas, o dono falava em grego e tudo isso... E, as meninas falavam tagal para conversar com os

filipinos, e tal... Hoje, já não tem mais isso, porque tudo fechou, né... Então, não tem mais esses lugares... Então, as pessoas... A maioria... E, outra coisa, também que mudou... Antigamente, o navio grego, ele vinha com toda a tripulação grega, hoje não, né... Com essa coisa da globalização, então, por exemplo... O navio é de bandeira grega, até o chefe de cozinha é grego. Do chefe de cozinha para baixo, a “peãozada”, assim, que não tem uma qualificação, ou é filipino, ou é coreano. Então, o navio chega tem meia dúzia de grego e 50, 40, e muito menos, agora, né... E, outra coisa... Antigamente, chegava um navio para descarregar era uma semana... Então, a tripulação, não tinha o que fazer ficava uma semana na Zona gastando, com dólar. Hoje com a automação do porto, porque tudo... Porque tudo tá encadeado, entendeu... Então, hoje, com a automação do porto... Chegava às 5 horas da tarde, ele fechava. Hoje, não fecha. O porto é 24 horas. E, hoje, por exemplo, chega um navio de contêiner, de eletrônicos vai aquelas máquinas tiram... Ele chega de manhã, de tarde... Chega e vai embora... Então, não dá muito tempo para ficar lá no My Love... O dia inteiro, e bebendo e zoneando... Hoje, chega e vai, chega e vai, chega e vai... Então, a circulação é muito mais rápida... O vínculo é muito mais rápido... E, elas também têm... Têm umas meninas que elas se auto identificam como chip landers... Que ela tem uma autorização, uma carteirinha, e um negócio assim meio... Que elas muitas vezes chegam no navio, antes mesmo do navio chegar na baía. O tempo que eles estão esperando, assim, elas vão de barquinho, tipo para ver se tem alguma encomenda... Mas, na verdade é tudo fachada, elas vão para fazer programa com a tripulação, mesmo. E, mesmo cruzeiro, tem menina que tem mais organização que elas investem e elas compram a passagem e fazem programa de A a Z... com passageiro, com tripulante... E fatura em uma semana, o mês inteiro se ela ficasse aqui... Então, assim, vai tendo outras formas de organização... Mas, são pontuais... Quem vai fazer isso? Uma ou duas meninas... O grosso, o que vai fazer? Programa na rua, ou programa dentro da agência e da boate. Entendeu? Não mudou muita essa organização e a forma de abordagem do cliente... O que mudou também é que aqui em Santos, já há muitos anos, não existe a figura do cafetão. Não existe. A grande maioria das garotas, elas são autônomas.

EU: Nesses hoteizinhos que elas ficam têm uma guarita...

Y: Tem a portaria da recepção...

EU: Mas, isso não tem nada a ver com o cafetão?

Y: Não, não. Porque, elas não dão nada pro hotel.

EU: Ah entendi...

Y: Então, como eu te falei... Tem hotel que elas pagam pra dormir... Então, pagam como se alugassem um quarto... E tem hotel que elas nem pagam... Tem um quarto lá que o dono deixa elas ficarem, né... E quem paga é o cliente... Então, o preço do hotel é 20. Por exemplo, quando ela tá lá na porta e ela aborda o cliente, aí ela fala: - Você quer fazer um programa? O cara diz que quer. - Quanto que é? 30 para mim e você paga o hotel. Entendeu? Mas, não é nem junto... Ele sobe, quando ele chega, ela leva ele na recepção... Como um hotel normal... Ele pega a chave, né... Não dá nome, nada disso... Ele só pega a chave, tal... E, aí, ele vai para o quarto com ela e a parte dela paga em separado, não é junto... Então é assim que funciona... A mesma coisa se for na casa dela, a mesma coisa se ela for na casa do cliente... O que ela cobra é dela... Às vezes, elas têm um namorado que elas sustentam a casa, mas é a minoria... E, ele também não vai lá ficar contando palitinho, da época dos livros do Jorge Amado... Que chega um cliente e tira um palitinho de fósforo, para depois ver o quanto ela faturou... Ou pegar o dinheiro dela que nem você vê em filme americano, não. Ou pagar pra ele, não. Agora, nas agências, aí você paga tudo para a agência. Então, por exemplo, você vai lá para tomar um drink, se você quiser sair com a menina, aí é tabelado. Acho que é 200 agora. Aí é 100 pra casa e 100 pra menina. Aí, se você quiser levar a menina para fora, você não quer fazer o programa lá, você tem que pagar uma taxa. Por exemplo, no Ninfas, ele tem uns 3 andares, 2 andares de quarto... Um monte de quartinho com banheiro, quartinho com banheiro que nem hotel. Então, o cliente está lá, ele pode ir lá só para tomar a cerveja. Aí, de vez em quando, uma menina vai voluntariamente, ela não ganha pra isso. Ela faz uma dança, aí ela faz a dança, tal. Ela não paga, também pra dormir lá. Mas, ela não dorme nesses quartinhos. Esses quartinhos são só de programa. Tem uma outra área que elas dormem lá que tem os beliches, que é numa outra parte. Aí então, o cliente tá lá ele: - Ah, eu quero sair com a Thainá... Ah tá bom... Ele vai lá no quarto, já põe na comanda dele 200, 150 reais, não sei quanto que tá agora no Ninfas. Aí, ele paga a chave e aí ele vai lá, no 220, no 120... São todos iguais, os quartos. É uma janela, um ar-condicionado, um banheiro, uma cama e um movelzinho. Tudo pequenininho, quarto 2x2. Aí, ele lá vai fazer o programa, terminou o programa ele volta. Ah, mas ele queria levar a meninas pra uma festa, despedida de solteiro... Então, ele tem que pagar uma taxa para tirar a menina da casa, porque a casa vai ter um prejuízo de ficar sem a menina naquele momento. E a menina...As que querem, as que gostam, elas fazem

uma dança lá no salão, então tipo dá uma reboladinha, faz uma dancinha, lá pra meio estimular o cliente... E elas ficam sentadas nas mesas, vão lá... - Posso sentar contigo aqui? Me paga uma cerveja ou não... Entendeu... Você pode não querer. Pode ir lá só pra beber... Como você pode ir lá pra fazer programa. Ou a menina ficar na mesa e você pagar uma cerveja pra ela e não fazer programa. Você que sabe. Entendeu? Agora, tem boate que a menina recebe comissão pelo tanto que o cara consome. Não têm os 10% do garçom? Então, tem um tanto por cento dela. Então, tem lugar, por exemplo, que a menina pede um drink, que na verdade não é drink é fake... É um suco, uma coisa assim, porque ela não gosta de beber. Tem menina, não... Que bebe pra caramba. E têm umas meninas também que são mais descoladas, ou têm histórico de uso de droga, e muitas vezes, elas dão uma... Saem com os caras para darem assistência para eles cheirarem cocaína. Então, nem chega a ter sexo, né... Ela aluga um quarto... E às vezes, ela mesma vai buscar ou ela tem a pessoa que ela chama para ir buscar. E aí, o cliente fala que tá a fim de cheira... Ou o cliente leva e ela cheira junto... Aí depende. Mas tem gente que não. Tem gente que muito cabreira com isso, tem muito medo e não vai de jeito nenhum. Se o cliente abrir um papelote, ela fala: - Não dá... Não fica porque tem medo. E tem outras, não... Que já são descoladas, ou cheiram junto com ele... Ou fica dando assistência pra ele cheirar pra ele não ter overdose, essas coisas assim também acontece.

EU: Nossa, bem complexo!!

Y: O grosso mesmo é a mesma forma de operação como eu te falei... Ou fica na rua, chamando os clientes, sobe no hotel o cliente paga o hotel. Às vezes, ela só faz plantão lá e ela mora inclusive aqui na cidade. Então, ela sai e vai pra casa dela e ninguém na casa dela sabe que ela faz programa, ali. Às vezes sabem que ela faz programa... - Você vê que têm umas que não ficam expostas? - Você viu ali na Rua General Câmara quando você passa? Têm umas que elas ficam para dentro... Elas ficam chamando os clientes. Mas, elas não ficam na calçada. E têm umas que ficam na calçada quase de lingerie e não querem nem saber... Ou ficam sentadas na pastelaria... Mas aí depende muito se ela tem medo de se expor ou se a família é daqui... Se a família é de fora, ela não vai ligar muito. Não vai ter muita chance de saber. Elas vêm muitas vezes de outro municípios pra fazer programa aqui. E de outros estados, também.

EU: Eu nas entrevistas esbarrei em questões muito íntimas... Perguntei como foi a primeira vez... E muitas foram estupradas quando crianças... Aí não soube muito

como lidar...

Y: O histórico de violência sexual é muito frequente. Muito frequente. Inclusive, da Fiocruz, lá desse Multicêntrico que foi de 2016 tem um grupo que tá escrevendo só sobre isso. Na de 2010 teve um (grupo), o artigo da Francisca que é de Brasília que foi inclusive, a tese dela... Que ela aborda essa questão da violência com as prostitutas, né... Ela pegou os dados do Multicêntrico Nacional, e ela trabalhou só com o bloco de violência. E, agora a gente tá também no grupo que tá fazendo isso. To lendo alguns artigos, separando... Que a gente vai escrever um artigo sobre isso.

EU: É um trauma...Têm muitas que têm o trauma e continuam... Muito obrigada pela entrevista!!!

ENTREVISTA DE RETORNO COM S

EU: Boa tarde, Silvana!! Você pode me contar sobre sua trajetória, desde quando você saiu da sua cidade até chegar aqui?

S: Bom, eu sou do interior, sou de Amparo. Meus pais são... Minha mãe é de São Paulo, meu pai é de Minas. Eu vim pra cá à trabalho. Fiquei um tempo trabalhando na área do restaurante e aí quando eu fiquei desempregada, eu vim pra rua.

EU: Entendi. E, por que você veio pra cá?

S: Falta de emprego, e eu não queria voltar pra casa dos meus pais no interior. E, também queria dar uma força pra eles, lá. Aí foi que eu optei pra ir pra rua.

EU: E, questão assim, de saúde da sua companheira, também, você tá a ajudando, né?

S: Não. Quando, eu vim pra cá, eu não tava casada, ainda. Eu casei agora, recentemente. Mas, aí eu optei ficar por causa disso, também, né... Pra poder dar uma força e ter mais disponibilidade de eu poder ver ela lá em cima (ela se referiu à cidade em mora, Praia Grande).

EU: Tá certo. E, durante o programa, você tem um tipo específico de cliente que você gosta?

S: Ah, eu tenho aqueles que eu trato muito bem, também são bem educados, mas tem aqueles também que a gente sai um pouquinho de foco, né... Que a gente... Mas, eu tenho aqueles que eu trato bem... Têm uns 6 que me tratam bem... Graças a Deus faz bem pra gente...Mas é só isso, nada além disso.

EU: E, a questão da faixa-etária?

S: Prefiro mais velho, não gosto de rapaz mais novo. Os mais novos dão muito trabalho. Querem bater, morder... São mais folgados que eu. Gosto dos 40 anos para cima. Os mais velhos sabem tratar melhor, são mais educados que os novos. Os novos é mais agressivo, mais ignorante, vamos se dizer assim... Não sabem ainda ter o tratamento certo com a mulher. Então, eu prefiro os mais velhos.

EU: Vale tudo em quatro paredes?

S: Teve uma vez que um homem veio com uma corda... Tinha fetiche... Mande ele ir embora com a corda dele... Então, não vale tudo em quatro paredes.

EU: Já passou por agressão?

S: Não, não. Graças às Deus, mas conheço gente que já passou. Eu sou mais fechada, já tenho uma cara feia...

EU: Risos, já se impõe, né?! E a questão de droga?

S: Não, droga eu não uso. Meu vício mesmo é cigarro e cerveja. Mas, a cerveja só pra quando eu tou com os amigos. Aqui eu não costumo... É muito difícil eu beber. Não misturo trabalho com bebida.

EU: Tá certo. E, na sua cidade você estudou... Você fez cursos, né... Técnicos...?

S: Na minha cidade fiz até o terceiro. E fiz curso de hotelaria. Como eu fiz aqui, também. Pra bares e restaurantes.

EU: Bacana. Bom, você tem um projeto de sair daqui?

S: Se Deus quiser até março, eu já vou tá longe daqui... Se Deus quiser. Tá bem melhor, porque aqui, você tem que ficar se escondendo dos amigos, conhecidos... Então, tando longe daqui é bem melhor. Ter outro emprego.

EU: Certo. E, na questão do programa, você chega ao orgasmo, você beija? O cliente se preocupa também com o seu prazer? Como é que é?

S: Não, não beijo. Não beijo na boca. Que nem diz uma amiga: - Beijo apaixonada. Dou selinho. Também, não gozo com o cliente. Na relação é estritamente o programa, mesmo, profissional. Nada, além disso.

EU: E, você lida somente com o público masculino?

S: Só o público masculino, não trabalho com mulher. Não faço programa com mulher.

EU: Por que você não faz programa com mulheres?

S: Olha... Fazer com mulher, eu não tenho essa coragem... Eu tenho muita vergonha, então eu acho que... Posso tentar, mas nunca parei para pensar nisso, não.

É muita vergonha, mesmo. Quando o cliente fala que a esposa tem curiosidade até faço... É muito raro, mas... É, estritamente só o masculino, mesmo. Não trabalho com o público feminino, não.

EU: E você faz todos os tipos de sexo, ou não?

S: Faço, faço todos. O anal e o vaginal. Têm meninas aqui que não fazem o anal.

EU: E sua orientação sexual... Você se considera de qual orientação sexual?

S: Só saio com mulher. Aqui é estritamente profissional.

EU: E, quando você vai na médica você fala que você é homo ou bissexual?

S: Não, eu falo pra ela que eu sou casada com mulher... Que eu sou homossexual. Mas, também eu falo da minha profissão. Geralmente, quando eu vou na médica, eu falo.

EU: Então, você nunca teve um relacionamento com homem?

S: Não... Antes de eu me assumir, eu fiquei noiva por causa dos meus pais, aí cheguei a ficar noiva, mas... Aí quando ele aprontou, eu já tive a oportunidade de me revelar pra família.

EU: E, a questão de suas vestimentas sempre foram mais discretas, mesmo?

S: Sempre. Só bermuda, camiseta ou calça. Nunca saia, nem vestido. Nem pensar.

EU: Você não gosta, mesmo?

S: Não, não gosto. Não curto.

EU: Você tem personalidade forte, tá certo. E nas questões de lazer... O que você faz no dia a dia, quando você tá de folga? E, quantas vezes por semana, você trabalha? Você faz o seu horário?

S: Geralmente, eu não trabalho nem domingo, nem segunda. É raro segunda que eu venho. Mas, de domingo, eu tô com meus amigos ou em casa. E na segunda, também. Eu fico mais em casa, com os amigos... Sou mais caseira.

EU: Bacana. E, você mora aqui perto?

S: Não, eu moro em Praia Grande. É bem longe... Até pra família dela que mora em Praia Grande, não ficar sabendo. Aí eu prefiro trabalhar aqui. Mas, eu sou de Praia Grande. Eu venho todo o dia, e vou embora todo o dia. É uma caminhada, mas tá bom...

EU: Tá certo. E, você é filha única, né? E, seus pais também não sabem?

S: Não, não sabem. Eles pensam que eu trabalho em restaurante.

EU: E, você vai visitá-los em Amparo, no caso... De quantos em quantos meses?

S: Umas duas ou três vezes no ano, eu costumo ver eles. Até quando dá, eu vou mais... Se não é duas, três vezes no ano, só.

EU: E, a questão da carga horária, você trabalha quantas horas por dia?

S: Acho que é 12 horas... Que eu chego geralmente 10:30hs... Não chega dar 12 horas... Que eu chego 10hs, 10:30hs... Vou embora umas 7, 8 horas da noite. Mais ou menos esse horário.

EU: E, assim, a questão assim... Bom, você falou que não goza... Então, não dá pra engravidar... E a pessoa também usa camisinha, né... E quando estoura? Já aconteceu? Não vai acontecer... Mas, já aconteceu?

S: Não, já... Isso aí acontece... Já aconteceu.

EU: E o que você faz depois?

S: Pílula do dia seguinte, e procuro o posto pra pegar o kit.

EU: O coquetel, né?

S: É o coquetel. Porque, num quero ser mãe, não.

EU: Entendi... Você não quer ser mãe, mesmo? Nem com a sua... Porque hoje em dia a tecnologia tá avançada... E sua esposa já tem filho, né?

S: Tem, tem sim. Eu já tenho três que não é meu, né... Que são dela... Mas, não quero não. Meu mesmo, não quero não.

EU: E, você tem uma relação com eles de mãe, mesmo? Você orienta eles?

S: Não, já peguei tudo grande já... Já tô...

EU: Ah entendi... E qual são as idades?

S: A Priscila tem 31, a Paola tem 26, acho que é 26 que ela tem e o João Vitor tem 22... 21.

EU: Mas, você assim, orienta de relacionamento?

S: Sim, a gente conversa o básico. Sim, sim, a gente conversa muito.

EU: Ah bacana.

S: A gente se respeita e conversa muito, graças a Deus.

EU: Bacana... Tá certo, e aqui é mais um hotel... Você tem livre arbítrio?

S: Ah, eu já tenho uma certa liberdade, porque eu conheço eles, então eu tenho certa liberdade graças a Deus. Mas, prefiro trabalhar mais aqui. Têm outros hotéis que eu vou, mas aqui...

EU: Você se sente mais...

S: Mais à vontade aqui...

EU: E, fica uma parte do dinheiro pro hoteleiro, também, né?

S: Não, aqui embaixo, eu cobro o programa e mais o hotel. Aí chega lá em cima, ele só dá o do hotel e o meu, ele dá no quarto, geralmente. Ou têm alguns clientes que já me dão o valor total, aí eu pago o hotel e fico com o restante.

EU: Você já tá há quanto tempo mesmo nessa profissão?

S: Agora que eu voltei tem um ano, mas o total são 10 anos. Mas, já saí três vezes e voltei... Voltei pra cá.

EU: Vou ser um pouquinho chata... Por que você voltou?

S: Por causa de emprego, falta de emprego, eu vim pra cá de novo. Questão financeira...

EU: Entendi... Então, essa questão assim de você gostar, de você ter alguma relação assim prazerosa, você tem?

S: Nenhuma... Nenhuma, é só mais pra... Por dinheiro, mesmo, parte financeira.

EU: Muito obrigada e desculpa qualquer coisa.

ENTREVISTA DE RETORNO COM R

EU: Olá, boa noite, Rose!! Lembra de mim?

R: Lembro sim.

EU: Você poderia me dar mais uma entrevista um pouco aprofundada?

R: Sim...

EU: A sua vivência naquela Love Story... Quantos anos você tinha?

R: Ah, quando eu frequentava a Love Story, eu devia ter uns 19, 20 anos. Mas, lá é só pra quem sabia falar inglês, né... Porque lá, as mulher mais nova... A mais... A mais velha que ficavam lá, elas sabiam falar inglês. Às vezes, você tava com o gringo e ela falava mal de você e você não entendia.

EU: Ahhh... Elas, competiam com vocês, também? Ou cada uma tinha seu espaço?

R: Aqui na prostituição é assim... Se você ganha um dinheiro bem hoje, as mulher cresce o olho... Amanhã, no outro dia, você não ganha. Se você tem um cliente bom... Elas estraga... Fala que você tem cafetão, fala que você tem HIV... Aqui ninguém é amiga de ninguém... Você tá entendendo... Se o cliente pergunta de você,

elas falam mal de você, e é assim...

EU: Você já teve cafetão?

R: Já... Eu não tenho nada hoje em dia, por causa do pai da minha filha, que pegou todo meu dinheiro.

EU: Caramba!! Então, assim...

R: Ele, ele... Foi assim... Ele tinha uma mulher e a mulher tava grávida e eu não sabia. E ele tinha uma. Uma criança pequena que ele criava desde pequena, e ele andou com a menina quando ela tinha onze anos de idade. E, elas vinham atrás dele e eu não sabia. Como é que você vai imaginar que uma... Que um homem de 40, 50 anos vai andar com uma criança de 11 anos, né... Aí, ela veio... Ele veio e me pediu 350 real na época, isso há 20 anos atrás pra mudar que ele ia arrumar uma casa pra morar comigo e no fim foi com ela. Mas, até então eu não sabia... Aí depois, essa mulher que tava com ele, colocou ele na justiça pra ele pagar a pensão alimentícia do filho. Aí, ele foi preso. Me prometeu se eu emprestasse o dinheiro, ele me pagaria, e até hoje ele não me pagou.

EU: Ele é daqui mesmo da baixada?

R: Ele mora em São Vicente. Quer dizer, eu criei minha filha sozinha. Nunca coloquei ele no juizado pra pensão. Porque, eu... A minha opinião é assim: _O pai pra gostar dum filho, não precisa ele ir lá no juiz, se sacrificar, passar... Ser humilhada pro pai poder dar uma comida pro filho, né... Então, eu criei a minha filha sozinha aqui na Zona. Entendeu? Indo atrás dela pra ver se ela não tava aprontando com namoradinho... Não deixava ela ir em balada... Quer dizer, eu consegui mandar nela até os 14, 15 anos... Depois... Não consegui mais. Porque, o pai que nunca deu nada pra ela... Ela gosta mais deles lá do que de mim. O pai dela nunca deu uma calcinha pra ela... Nunca, nunca deu nada. Eu sozinha. E, minha filha não gostava de material escolar da prefeitura, não. Minha filha queria era caderno do Mickey, lápis da Faber Castell, roupa... Roupa, tênis de marca... Eu cheguei a pagar 500 reais num tênis pra ela, 10 anos atrás. O que que ela fez com o tênis? Usou duas vezes e deu. A minha filha não dá valor pra dinheiro. Entendeu? É isso.

EU: Você morava aqui em Santos, com ela?

R: Morava ali na Av. Frei Caneca. Ali no número 34. Agora ali é apartamento. É escritório, aliás.

EU: E, você mora aqui perto, né, também?

R: Eu moro lá na Rua Pêgo Junior, perto da Net. Moro assim com uma moça

que eu conheço ela... Conheci a irmã dela, que morreu de HIV, e essa também tem HIV. São os dois, né, são um casal. Eu moro num quarto e pago 30 real por dia.

EU: Entendi, né...

R: Eu pago 20 da diária, e 10 do almoço que eu só almoço. Eu não tomo café, nem janto.

EU: Entendi... E, quando você vai nesses hotéis, você paga pro hoteleiro alguma coisa?

R: Tem que pagar... 20 reais... 20 reais é 1 hora.

EU: Ah, e pra você fica 30?

R: Não, fica 50...

EU: Ah legal, legal... Ah, você tinha me falado que você não sabe... Que os homens só procuram pra sexo, tudo... É porque eles veem alguma coisa a mais em você... Porque se fosse só sexo...

R: Não... Eu to aqui desde cedo e não fiz nada até agora, mas os homem aqui, eles só veem procurar pra sexo. Eles não te convida pra passear, não te convida pra jantar, sabe... Aqui é um mundo totalmente diferente. Quando, eu cheguei aqui, eu era uma pessoa fina, sabia falar bem, sabia me expressar bem... Aqui, você não aprende nada... Aqui, o que que você aprende? A usar droga, a falar palavrão, e só falar: - Vamo lá, vamo lá fazer um programa, vamo lá faz... É só isso, não tem outra conversa...

EU: Você já usou droga?

R: Já usei muitas vezes, já usei muitas vezes...

EU: Mais nova... Quando eu era um pouco mais nova?

R: Quando eu era mais nova, né... Aprendi com o pai da minha filha a usar cocaína, foi ele quem me ensinou. Na minha gravidez, eu não usava droga, entendeu? Mas, depois que minha filha nasceu, que eu amamentava, eu cheira... Eu usava cocaína. Aí, ela vivia doentinha, vivia eu com os "óio" desse tamanho, correndo pra Santa Casa pra dar remédio... la levar... Apesar das minhas droga, nunca deixei de cuidar da minha filha. Pagava pra cuidar dela... Levava ela pra arrumar os dente, mandei colocar aparelho nos dente...

EU: Cuidadosa, né...

R: Nunca faltou nada pra ela... Entendeu? Porque é difícil, a pessoa usar droga... Que a pessoa deixa de comprar o que comer dentro de casa pra usar droga... A minha geladeira...A minha filha sempre gostava daquelas batata frita, aquelas pré-

cozidas, ali eu comprava dois kilos e meio... Ela gostava de pão pullman pra fazer misto quente, tudo eu deixava preparadinho na geladeira... Deixava, as coisa pra ela, nunca faltou nada.

EU: Entendi...

R: Talvez, até ela tenha vontade de vim me procurar, entendeu?

EU: Com certeza...

R: Mas, o marido não deixa. Aqui... A minha filha odeia esse lugar... Aqui na cidade, porque todas as mulheres que andam por aqui, os caras acha que é prostituta. Quando você vem aqui, você vem sempre com a calça comprida, um vestido comprido, toda descabelada... Não vem arrumada, porque os homem acha que tu tá fazendo programa... A minha filha odeia esse lugar... A minha filha odeia esse lugar...

EU: Mas, ela... Ela não quer te ver aqui, né...

R: Se a minha filha não quisesse me ver assim... Ela começou a trabalhar com 17 anos de idade, eu que sustentava ela... Eu sustentei ela até 16 pra 17 anos...

EU: Você trabalha... Você é profissional...

R: Eu já trabalhei muito com carteira... Tenho carteira assinada, eu tenho PIS, entendeu? Só que se... Aqui vai abrir um restaurante, vai ser do dono desse hotel... Se você for pegar... Pedir um serviço pra ele, ele não te dá, porque você é prostituta. Ele acha que você vai chamar os cliente pra fazer programa. Eu fui uma vez pedir um... Há muitos anos, pedir um serviço ali nas Pernambucanas da Av. João Pessoa, cê sabe o que que o cara falou? _Pra quê que que você quer trabalhar, se você ganha muito mais na Zona? Foi isso que ele me respondeu... Entendeu? Aqui as pessoa num querem te ajudar, não quer te ajudar...

EU: Ninguém tem nada a ver com sua vida...

R: Entendeu...

EU: Você tem boa aparência...

R: Pois é, mas, se for pedir um serviço, ninguém quer dar... Ah, você é prostituta... Você ganha mais lá na Zona... Num incentiva você... Eu vou te dar um serviço... Você vai mudar de vida... Você vai ter outra vida melhor... Não... Fica lá na Zona que você ganha mais... É isso que eles respondem pra você, entendeu?

EU: Então, você já tentou mudar, e a sociedade...

R: Eu já tentei mudar, mas num dá nada certo... Parece que eu nasci... Deus que me perdoe, essa palavra... Parece que eu nasci, azarada... Se você ver a minha família no Sul... Eu sou do Sul... Os meus irmão são tudo bem de vida... Cada um tem

sua casa própria, tem seu comércio próprio... Só eu que sou a ovelha negra da família...

EU: Mas, já tentou voltar pra lá? Pedir ajuda pra eles ou não?

R: Não... Minha mãe morreu e num sa... Nunca ficou sabendo que eu era prostituta, minha mãe...Ninguém sabe... Eles pensam que eu trabalho, porque eu já trabalhei muito... Eu tenho carteira assinada... Então, eu levava e mostrava, entendeu? Eu tenho minha carteira de trabalho assinada. Eu trabalhei 5 anos como ajudante de cozinha, depois eu passei pro balcão e depois eu fui pro caixa, entendeu?

EU: E, você aprendeu inglês, algum idioma quando trabalha na Love Story?

R: Não, não, não. A mulher não deixava a gente... Eu sei o básico, assim, alguma coisa, né... Num sei o que você teria que saber mesmo, né... Pra falar...

EU: E suas roupas, como é que eram naquele época?

R: Num entendi...

EU: As suas vestimentas, como você se vestia?

R: Ah, aquele tempo que eu era nova, andava bem arrumada, andava cheia de cordão de ouro. Eu tinha carro, eu tinha tudo, né... Aí por causa de homem, acabou com minha vida, né... Esse negócio de você se apaixonar, você pode crer que você vai pro buraco. Vai pro buraco.

EU: Risos...

R: Tá bom então?

EU: Não, não... Só uma pergunta... E, você faz todos os tipos de sexo, como é que é?

R: Ah, o que piar tem que ir, né, pra poder ganhar dinheiro.

EU: E, você tem um ritual quando você entra no quarto? Vai, você não fica de costas pro cliente, nesse sentido... Você tem um ritual seu quando você chega no quarto?

R: Não, não... Eu fico normal, fico normal. Entro, tiro a roupa, deito, faço o que tem que fazer e... Me pagou, já foi embora, já era... Eu num demoro muito pra fazer... Lá dentro do quarto. Pra fazer hora, entendeu?

EU: É meia hora, mais ou menos, não?

R: Tem mulher... Não... Aqui é 20 reais, uma hora. Nos outros hotéis são 15 pra ficar meia hora.

EU: Ah entendi. E, você já sofreu alguma violência?

R: É como eu te falei, né... Um cara me estuprou quando eu tinha 15 anos.

EU: E foi alguém conhecido?

R: Não, eu tinha mania... Sabe aquela pessoa inocente que não vê maldade em ninguém? Aí, o cara tava... Eu gostava muito de ficar sentada, brincando, assim... E o cara me chamou: - Quer dar uma volta de carro? Eu, inocente fui. Ele me levou pro meio do mato, me estuprou. Ainda bem que ele me trouxe de volta, né...

EU: Foi no Sul?

R: Não, foi em Curitiba. Eu quando eu tinha o quê... Uns on..., doze ano, a... O meu pai me batia muito quando eu era pequena. Então, eu saí muito... Eu saí mais de casa, por causa disso. Tanto que o meu pai faleceu, eu num fui nem no enterro dele. Ele me batia muito, eu não podia dá uma risada que ele me batia. Aí essa mulher tinha uma irmã, falou assim: _ Você não quer morar em Curitiba? A minha irmã precisa... Precisa de uma pessoa pra ajudar ela... Vai criar você como filha e você vai estudar. Chegou lá, foi nada disso. A mulher fazia eu de empregada, eu tinha que limpar 13 quarto, levantar 4 hora da manhã... Naquele tempo, não existia máquina tinha que lavar na mão. Num ganhava 1 centavo. Só ganhava roupa da filha dela que me dava usada.

EU: Nossa...

R: Sofri muito com ela, sofri demais. Eu tenho história que se for vai dar um livro. Vai dar um livro.

EU: É verdade!! É bom você escrever, quem sabe?

R: Risos...

EU: Mas é verdade... Então, a sua mãe também era um pouco submissa ao seu pai?

R: A minha mãe coitada, ela quando casou, casou virgem solteirona com 35 anos.

EU: Olha 35...

R: Eu tenho uma sobrinha que perdeu a virgindade com 55 anos.

EU: Olha.

R: É, trabalhava na roça. Lá onde meu irmão mora, ele mora agora em outra cidade... Se você arrumar um namorado e ficar muitos anos, muito tempo com ele, o outro não te quer mais, ninguém mais te quer na cidade.

EU: Risos...

R: Ninguém quer...

EU: Que engraçado...

R: Se quiser é só pra sexo e acabou.

EU: E, você tem quantos irmãos?

R: Eu tenho um irmão da mesma mãe, e tenho 4 irmão e 2 irmã por parte de pai, é... 3 ou foi 2 parece... Foi 3 morreu com derrame. O meu pai morreu com derrame, minha falecida mãe morreu com derrame, os meus três ir... Os meus dois irmão morre com derrame e a outra tá na cadeira de roda. E, eu já tive começo de AVC, né... Só que eu não fiquei com sequela.

EU: E, você toma remédio pra pressão alta?

R: Não, não tomo nada.

EU: Você tem pressão alta?

R: Minha filha, to louca pra morrer e num morro...

EU: Aí mulher, que isso!! Oh duas colegas aqui (me referi a mim e a minha mãe). Para com isso. Você é uma pessoa forte, olha tudo... Olha sua vida, olha por tudo o que você passou aí... Você é guerreira, mulher!!

R:Então... Mas, só que a gente foi... Tanto sofrimento que tem uma hora que desanima, né?

EU e minha mãe: Você trabalhou...

R: Agora tão falando que vão liberar o PIS será que é verdade?

Minha mãe: _Eu acho que é verdade, sim.

R: Mas, só pode tirar com 60 anos, né? Vou fazer 60 em julho.

Minha mãe: Você tem que levar sua carteira na Caixa Econômica.

R: Vai, vai, meu filho!!!

Minha mãe: Quem é esse aí?

R: Tá atrás de mulher, pensa que ela é prostituta. Minha filha vai embora.

EU: Agradei pela entrevista e disse a ela que pode me ligar quando quiser, visto que ela tem meu contato.

APÊNDICE E- Produto

Escolhi realizar uma ação educativa relacionada à violência contra as prostitutas como produto, sendo que na minha pesquisa alguns pontos me chamaram muito a atenção, como a questão do estupro (violência sexual) sofrido por algumas delas na infância, o distanciamento familiar (da filha) relatado por uma delas, pela mãe ser prostituta, e observei que algumas das entrevistadas não falam de sua profissão aos profissionais de saúde, expressando vergonha da mesma. Assim, talvez devido à falta de campanhas que abordem a questão da violência relacionada a este público, quis construir este produto pensando nelas, especialmente como mulheres, além de suas profissões. Observei que as políticas públicas voltadas a este público são na maior parte das vezes voltadas ao binômio saúde-doença. Com isso, achei importante lidar com a questão da violência, principalmente da violência sexual, porque é uma forma de empoderá-las sobretudo como mulheres que têm direitos e que podem não só serem vulneráveis a doenças, mas também terem seus valores violados. Gostaria de que este folheto fosse divulgado aos serviços de saúde e de assistência social a fim de que as prostitutas possam ser olhadas com mais respeito pelas pessoas, e também que fosse uma forma de refletir sobre estigmas e discriminação a este público, sendo muitas vezes as prostitutas vítimas de maus-tratos e mesmo assassinato.

Segue abaixo o folheto:

Botão de flor
Um botão de flor de esperança são essas mulheres que têm a beleza de vida delas, mas que às vezes têm de negar isso, e se ferem por causa do outro.

Que coração, elas devem ter, não?
Trabalhar com o sexo, esquecer do amor. Do amor delas com elas? Não, elas tão ali pelo dinheiro, o qual já dizia a música: — Dinheiro na mão é vendaval. Não são máquinas, são humanas.

Amor, a gente não compra. Não trabalham com amor, mas por amor. Por amor daqueles que elas gostam, e pelo o amor por elas para viverem de forma digna.

Até quando? Quando vão inventar uma porção de amor, sem ser líquido, mas sólido? Amor líquido.... Líquido evapora, assim como o dinheiro que voa...

E esse mundo cheio de fumaça.... Que faz com que chova.... E liquefaz as lágrimas, além de regar o botão dessa flor que a cada dia floresce e fica mais bela.

(Thainá Buono Paulino dos Santos)

SERVIÇOS DE SAÚDE- SANTOS/SP:

ATENDIMENTO PARA VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

Nas primeiras 72 horas procurar a Seção Hospital e Maternidade Municipal Dr. Silvério Fontes Rua Agamenon Magalhães s/n- Jd. Castelo-Zona Noroeste. Tel.: 3209-8000 ou 3209-8001

Após 72 horas: Procurar o PAIVAS- Instituto da Mulher Av. Conselheiro Nébias, 455- Encruzilhada. Tel.: 3219-4589 ou 3235-6466

OUTROS SERVIÇOS

CTA- Centro de Referência e Tratamento- Santos/SP

Rua Silva Jardim, 94. Tel.: 3229-8797.

Cravi- Centro de Referência e Apoio à Víctima- Unidade Baixada Santista Av. Campos Sales, 128- Mezanino. Tel.: 3221-6921.

SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL- SANTOS/SP

CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER:

Disque Denúncia- Ligue 181.

Polícia Militar- Ligue 190.

Polícia Civil- Ligue 197.

Delegacia de Defesa da Mulher

Rua Assis Correia, 50

Tel.: 3235-4222

Departamento de Direitos Humanos e

Cidadania

Rua XV de Novembro, 183- 2º andar.

Tel.: 3202-1880.

SEDS- Secretaria de Desenvolvimento Social

Rua XV de novembro, 195- 8º andar.

Tel.: 3213-1499.

**ELA É
PROSTITUTA.
E DAÍ?
NÃO JULGUE.
NÃO DISCRIMINE.**

PROSTITUTA

Somos muitas em uma só. Somos muito além do que seus olhos podem ver. Somos histórias. Somos mulheres.

Sabemos que há a violência física; quando machucam teu corpo.

Sabemos que há a violência psicológica; quando te entristecem com palavras, quando não te deixam em paz.

Sabemos também que há a violência sexual que não se resume somente ao estupro, mas também quando te obrigam a realizar práticas sexuais que você não curte e quando o outro se nega a usar camisinha.

Em casos de violência sexual, relação sexual sem camisinha ou quando a camisinha estourar vá até o CTA de sua cidade e faça uso da PEP- profilaxia pós-exposição ao vírus HIV, a qual deve ser tomada logo após a exposição de risco, em até 72 horas e por 28 dias.

Se você quer se sentir mais segura na prevenção do HIV, além da camisinha faça uso da PrEP- Profilaxia Pré-Exposição ao HIV. Com isso, você tem que expor a(o) seu/sua médica(o), este desejo.

Você sabia que há coisas que a camisinha feminina faz para você que a camisinha masculina não faz?

Ela protege sua vulva. Além disso, você pode colocá-la em até 8 horas antes do uso e utilizá-la durante a menstruação, também evitando o contato do pênis com o sangue.

Lembre-se que em cada relação sexual, você só pode usar uma camisinha (masculina ou feminina). E deve trocá-la a cada relação sexual.

Em casos de sofrer qualquer tipo de violência procure serviços de saúde e de assistência social.

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

USP - FACULDADE DE SAÚDE
PÚBLICA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FSP/USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Mulheres: prostituição e cuidados

Pesquisador: Thainá Buono Paulino dos Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 70718017.8.0000.5421

Instituição Proponente: Faculdade de Saúde Pública USP/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.358.115

Apresentação do Projeto:

Projeto de metodologia qualitativa, voltado a explorar a oferta de ações de saúde sexual entre mulheres. Um grupo será de profissionais do sexo e o outro de comerciantes.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo referido é: "Saber o que é e como se dá o cuidado tanto para prostitutas quanto para mulheres que não são prostitutas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos mínimos.

Benefícios descritos

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto detalhado, metodologia apropriado aos objetivos apresentados. Roteiro de entrevistas apresentado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Endereço: Av. Doutor Arnaldo, 715

Bairro: Cerqueira Cesar

CEP: 01.246-904

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3061-7779

Fax: (11)3061-7779

E-mail: coep@fsp.usp.br

USP - FACULDADE DE SAÚDE
PÚBLICA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FSP/USP

Continuação do Parecer: 2.358.115

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_942686.pdf	27/08/2017 01:47:00		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.docx	27/08/2017 01:46:16	Thainá Buono Paulino dos Santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoThainaBuono.docx	30/06/2017 10:17:12	Thainá Buono Paulino dos Santos	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	22/06/2017 17:39:17	Thainá Buono Paulino dos Santos	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 30 de Outubro de 2017

Assinado por:
Maria Regina Alves Cardoso
(Coordenador)

Endereço: Av. Doutor Arnaldo, 715
Bairro: Cerqueira Cesar
UF: SP **Município:** SAO PAULO **CEP:** 01.246-904
Telefone: (11)3061-7779 **Fax:** (11)3061-7779 **E-mail:** coep@fsp.usp.br

ANEXO B - Mapa região central da cidade de Santos/SP